ANO 37.º SEGUNDA-FEIRA, 28 DE OUTUBRO DE 1957 N.º 12.534

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Eis aqui uma novidade técnica. Naturalmente já a conheciamos das histórias de quadradinhos e dos livros de ficção científica. Com maior ou menor velocidade, os cientistas vão realizando as fantasias dos escritores para a juventude. Trata-se, neste caso do telefone-televisão que foi construído pelo Grupo Inglês Amador de Televisão e apresentado em Londres. É uma coisa famosa e da máxima utilidade. É telefonar cara a cara...

A União Nacional responde ao eng. Cunha Leal

Da comissão distrital de Lisboa da União Nacional, recebemos esta manhã o seguinte comunicado, em que se comentam afirmações contidas no artigo do sr. eng.º Cunha Leal que publicámos no passado dia 23:

I

O depoimento e o depoente

O sr. engenheiro Cunha Leal entendeu trazer o seu depoimento ao debate que se trava a pretexto do acto eleitoral e fê-lo, nas colunas do «Diário de Lisboa», através de uma extensa dissertação acerca dos problemas nacionais, em que sucessivamente aborda questões de política interna, assuntos económico-sociais e outros que directamente se relacionam com a presença de Portugal no Mundo.

Pelo relevo da personalidade do autor, antigo chefe de Governo e figura particularmente representativa da Oposição, o seu artigo implica especiais responsabilidades e seria ilusório considerá-lo no simples aspecto de um documento pessoal, sem outra relevancia. Mas seria também inexacto qualificá-lo como manifesto programático dessa mesma oposição. Antes de mais, porque, se as críticas abundam, as soluções escasseiam. Em segundo lugar, porque os oposicionistas e a unidade se revelaram incompatíveis.

Nem por isso deixa o sr. engenheiro Cunha Leal de exprimir o que pensa, ou que depois dele terá pensado boa parte dos seus correligionários, uma corrente entre as correntes de adversários da Situação.

Já se falou em abstenção activa, espécie singularíssima e que á primeira vista exibe o sinal do absurdo, mas se garante que existe e que, em sua realidade, tem por isso de se admitir.

De resto, é apenas um entre tantos traços extraordinários que saltam aos olhos na estranha conduta de uma tão variegada oposição, em que se encontram e não se conjugam elementos de tão diversas extracções, reunidos pelo que há de negativo em suas ideologias,

(Continua na página seguinte)

Keynes e os seus fantasmas

pelo **dr. ARTHUR RIBEIRO LOPES**

Como toda a gente sabe, antes da guerra. havia em Inglaterra, normalmente, dois milhões de desempregados. Este peso morto avariava perigosamente a máquina da produção económica e alimentava no espírito da massa proletária a esperança do advento da sociedade socialista apta a extinguir, para sempre, esse flagelo humilhante para a dignidade de todo o trabalhador: o desemprego.

Os governantes viram-se perante esta alternativa: ou garantir a um mínimo vital a existência de dois milhões de irradiados das actividades produtoras, ou abandonar o trabalhador á lei da oferta e procura e aquela energia humana, sem objecto, acumular-se-ía até á explosão espontanea ou até ao momento em que os especialistas fizessem dela o fermento da revolução social. Esta ultima solução, embora na lógica de certos princípios económicos, não estava de acordo com a sensibilidade evoluida das classes dirigentes nem seria consentida pela formação sinceramente cristã do povo inglês.

Mais tarde, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, adopta-

(Continua na 6.ª página)

Foram condecorados os defensores do posto fronteiriço de Anconém na India Portuguesa

Pela coragem e patriotismo que revelaram durante o recente assalto de bandoleiros indianos ao posto português de Doromarogo, — Anconém — distrito de Goa, foram louvados o tenente miliciano Jean Marie Filiol de Raimond, morto durante o assalto, o também tenente miliciano Pedro António Calapez Correia, o segundo sargento António da Silva Ferro, o primeiro cabo Bento da Silva, o soldado David Gomes da Silva e os guardas-fiscais Jacub Aza, Can Carol, Esvonta Naique, Noeul Ranto, Esvonta Tuencar, Vamona Naique, Crisna Gaunco e Ramachonda Saunto.

A título póstumo, foi ainda concedida a medalha de prata de valor militar ao tenente Jean Marie de Raimond. Igual condecoração foi concedida ao tenente Calapez Correia e ao segundo sargento António Ferro.

Os restantes louvados receberam a medalha de cobre de serviços distintos.

Coronel Santos Costa

MADRID, 28. — Vindo de Palma de Maiorca e de Barcelona, voltou a esta capital o ministro português da Defesa Nacional, coronel Santos Costa, que esta tarde regressa a Lisboa com as personalidades que o acompanharam nesta sua visita particular a Espanha. — (Efe).

Nota do dia

O crime e a investigação

Um crime odioso praticado em circunstancias repugnantes, que está longe de ser um crime perfeito, veio pôr á prova, mais uma vez, a sagacidade dos nossos investigadores e a eficiência dos nossos serviços de investigação criminal. Não deixaria, por certo, de ser lamentável se á lista, infelizmente mais longa do que seria para desejar, dos crimes que nos ultimos anos ficaram impunes viesse juntar-se mais este. Não ignoramos que o mecanismo da nossa Polícia Judiciária sofre de vários males, o menor dos quais não é, certamente, a falta de recursos, quer materiais, quer científicos, para cumprir cabalmente a sua missão. A descoberta dos criminosos, entre nós, salvo num ou noutro caso em que tem de se reconhecer a competência e a perspicácia do investigador, não deixa de estar, a maior parte das vezes, á mercê do acaso, e alguns dos exitos mais retumbantes nesse capítulo devem-se a circunstancias meramente aleatórias, que não têm nada que ver com a preparação técnica dos investigadores e com a eficiência do instrumento de investigação. O sr. prof. Antunes Varela, que ainda recentemente tomou acertadas providências destinadas a facilitar e simplificar a administração da justiça, obtendo apreciável melhoria de rendimento dos tribunais de Lisboa e Porto, tornar-se-ia credor da gratidão do País se envidasse os seus esforços no sentido de imprimir á máquina da investigação criminal a rapidez e a eficiência de que carece.

Mistério impenetrável continua a pairar sobre a demissão do marechal Zukov

WASHINGTON, 28—Nada se sabe ainda acerca da substituição de Zukov por Malinovsky no Ministério da Defesa soviético. Os altos funcionários americanos continuam a não saber se Zukov foi depurado ou se vai ser, afinal, promovido.

Com efeito, há quem pense que Kruchtchev espera o 40.º aniversário da revolução de Outubro—7 de Novembro—para anunciar o acesso de Zukov ao cargo de primeiro-ministro, em substituição do marechal Bulganine, que sucederia ao marechal Vorochilov na presidência do Presídium do Soviete Supremo.

O 1.º secrtário do Partido Comunista soviético poderia, por outro lado, pensar num novo posto militar, que daria a Zukov o comando das forças soviéticas e dos países satélites. Em ambas as hipóteses, o antigo ministro da Defesa devia procurar obter do presidente Eisenhower o consentimento para se iniciar «a grande explicação» Washington-Moscovo.

Segundo os partidários da outra

(Continua na ultima página)

«Diário de Lisbôa»
PUBLICA HOJE
24 páginas
oito das quais incluem o «Suplemento Desportivo» que não pode ser vendido separadamente.

VISADO PELA CENSURA

Definitivamente silencioso o satélite completou as suas 348 voltas à Terra

LONDRES, 28 — O satélite artificial, agora silencioso, completou ás 3 horas desta madrugada a sua 384.ª volta á Terra, o que representa um total de 15.187.954 quilómetros percorridos.

Os cientistas russos confirmam que a ausência de sinais sonoros, os quais deixaram de se ouvir desde ontem, é agora definitiva, pois as batarias esgotaram-se. — (A. N. I.).

Um aparelho para fotografar a partida dos foguetões

CABO CANAVERAL, 28—A aviação americana dispõe agora de uma camara especial para acompanhar a partida dos foguetões largados no polígono detiro do Cabo Canaveral. A máquina pesa 8 toneladas e está

(Continua na 10.ª página)

Novo engenho teleguiado norte-americano

BÚFALO (Nova York), 28.—As fábricas Bel Aircraft C.º anunciaram ontem á noite, conjuntamente com as forças aéreas dos Estados Unidos. que as primeiras experiências com o engenho teleguiado «Rascal», destinado aos ataques ar-terra, foram muito satisfatórios.

As experiências realizaram-se no polígono de ensaios da aviação do Novo México e os foguetões, lançados de um bombardeiro B-47, atingiram todos, com êxito, os seus objectivos no solo.—(F. P.).

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A U. N. responde a Cunha Leal

(Continuação da página anterior)

mas separados por quanto nelas possa existir de positivo. A pluralidade das tácticas reflecte a multiplicidade das posições doutrinárias, muito embora não coincida com a natureza dos princípios.

Desde o início se dividiu a Oposição em dois campos: o dos intervencionistas e dos abstencionistas, os que querem votar e os que deliberadamente se afastam das urnas. Lógicamente, o dualismo táctico devia ajustar-se ao dualismo das posições perante o sufrágio universal. Prefeririam a intervenção os fiéis adeptos do sistema e cultivariam a abstenção os que se inclinam para a fórmula totalitária e são mais ou menos influenciados pelo ideário comunista. Dentro da legalidade e praticando a luta legal — os democratas própriamente ditos. Alheados do debate, os democratas populares, como hoje se apelidam os mais irredutíveis opositores da Democracia.

E, afinal, é o contrário que se passa. Optaram pela abstenção os sufragistas mais ardorosos, e preferiram a intervenção os que menos acreditavam na virtude do eleitoral. E' esta uma triste contradição, a somar a tantas outras.

Estabelecida a primeira distinção, ainda se dividiram os abstencionistas e parte deles decidiu-se pela abstenção activa, defendendo-se intransigentemente de votar e reservando todas as suas energias para a exposição escrita ou oral de um pensamento que, por definição, é isento de finalidade.

E' esta á atitude do sr. engenheiro Cunha Leal. Democrata puro, fazendo residir no sufrágio universal a unica fonte da soberania e preconizando a supervalorização desse factor institucional, recusa a oportunidade que se lhe oferece de usar da sua faculdade eleitoral e abdica do que, para ele, não pode deixar de constituir o primeiro e o mais importante dos direitos cívicos. Provávelmente era esta autêntica anomalia que visava quando, logo no começo da sua exposição, se referiu aos «aspectos singulares desta pugna eleitoral», para logo a seguir evocar o cansado chá de Tolentino, a propósito da campanha da União Nacional, insinuando, embora o não denunciasse expressamente, o contraste com a originalidade fulgurante da oratória oposicionista.

E quando toca a mesma nota, falando desta «fase de confusão nacional» é evidente que a não pode descobrir entre a harmonia dos lugares comuns que empresta aos seus adversários. Os elementos de confusão e desorientação só podem provir daqueles que, detestando o refervido chá, dão largas á sua prodigiosa fantasia.

Só pode parecer estranha a melancolia que provoca, em quem o aponta, esse espectáculo de confusão. O sr. engenheiro Cunha Leal é, por temperamento, o Demagogo — no sentido clássico da palavra. E' o homem que, por feitio e predilecção de espírito, prefere a qualquer outra forma de contacto o diálogo com a multidão e á serenidade dos argumentos antepõe a sonoridade dos tropos inflamados. E' um romantico e não andou na escola de Descartes, um homem cuja objectividade será sempre restrita aos domínios em que não impere a turvação das paixões. E essa marca de origem bem fundo se imprimiu no seu depoimento — não jurado.

II

Um estado de alma

No quadro que esboça do panorama português, o autor das «Considerações de um abstencionista» adopta uma atitude de pessimismo sistemático, incompatível com o realismo da correcta e desprendida observação dos fenómenos políticos. E' a disposição acidental do seu espírito que se espelha no artigo e que, afinal, pouco ou nada tem que ver com os factos. Estamos em presença de um estado de alma e não de uma crítica objectiva.

Não há própriamente adulteração no que escreve o sr. engenheiro Cunha Leal e que tão-pouco se relaciona com os factos. Há, sim, uma tristeza interior que lhe deforma a visão das coisas e o predispõe aos melancólicos diagnósticos e aos prognósticos mais sombrios. Não se tem de rectificar deformações da verdade, mas sim de mostrar a realidade do mundo exterior que não penetrou na zona de consciência, porque não pôde transpor a barreira das nuvens.

Para o autor do artigo, o actual regime condiciona o progresso do País á «adesão, voluntária ou forçada, do complexo dos Portugueses a uma mística de autoritarismo estatal, que repugna á maioria dos espíritos esclarecidos, a quantos não se sintam predispostos para reencarnarem nos nossos dias os espectros de um longínquo passado, morto e enterrado no vasto cemitério da História».

Nenhuma concepção pode ser mais falsa do que esta. O grande mérito da nossa constitucionalidade consiste precisamente em ter dado ao Estado o que lhe pertence e só o que lhe pertence, impondo á sua actividade limites que derivam da natureza das coisas ou de princípios de ordem ética. Pode dizer-se que se ressuscitou a Nação e se lhe restituiu o seu lugar.

O individualismo liberal construira entre nós o Estado em obediência a um critério de arbitrária improvisação e ergueu-o num mundo povoado de indivíduos dispersos e desconexos, desintegrados dos seus quadros familiares, locais e profissionais. Foi como se ideasse e realizasse um monstro para o colocar em frente das pobres criaturas, isoladas e insolidárias. E no monstro se concentrou a autoridade, no fácil acatamento dos padrões consagrados.

Em nome do individualismo, escravizou-se o indivíduo, submetendo-o ao mais feroz e mais implacável «autoritarismo estatal».

Era essa a herança do passado, e foi contra ela que se desenvolveu um esforço de recuperação e libertação.

Num espaço deserto de instituições gregárias, reconstituiu-se a Nação, a realidade viva de que o Estado é apenas a estrutura jurídico-política, o formal e não o essencial. Reintegraram-se os indivíduos na Família, no Município, na Corporação, para que uns aos outros se aliassem na defesa dos seus interesses próprios e na compreensão do interesse comum, para que os seus direitos fundamentais se impusessem ao respeito do Estado. E, simultaneamente, afirmou-se o princípio de que também o Estado se tinha de submeter á tutela da Moral e comportar-se como pessoa de bem.

E' certo que se proclamou uma hierarquia de interesses e se afirmou a primazia do interesse colectivo, mas isto porque entre as expectativas legítimas serão possíveis os conflitos e há que resolvê-los, escolhendo o mal menor. No entanto, não se subordinou a Pessoa ao Estado, mas sim ao Povo, á Grei.

Onde reside, então, o «autoritarismo estatal»? Na articulação dos órgãos da soberania que não deixa o Poder flutuante e instável e assegura o comando firme dos negócios publicos, isentando-o das crises em que noutros países sucumbe o prestígio da governação? Mas isso nada tem que ver com o conteudo autoritário do Estado. Respeita sim, á organização interna do Estado, ao equilíbrio das instituições, ao condicionamento das relações entre elas, á garantia da sua actividade normal. Que o acento tónico seja colocado neste ou naquele órgão, que se prefira o despotismo irresponsável de um parlamento absoluto, ou se dote o Governo de meios de governar — são problemas que nada têm que ver com o maior ou menor «autoritarismo estatal».

Por outro lado, é inquestionável que o instituto da representação se aperfeiçoou e completou. Se se manteve a intervenção do sufrágio típicamente democrático para a formação da Assembleia Nacional e para a designação do Chefe do Estado, de quem emana o Governo, construiu-se, com base no sufrágio corporativo, o enquadramento dos interesses de categoria, a representação do heterogéneo ao lado da representação do homogéneo.

Não há motivo para a tétrica evocação dos «espectros» e do «longínquo passado, morto e enterrado no vasto cemitério da História». Como o não há para se definir o presente como o tempo da opressão e se dizer, com ar de seriedade, que por toda a parte reina «um pávido silêncio». A realidade não se conforma com esta exuberancia de imagens mortuárias.

Não se estabeleça a confusão, ao menos na Geografia. Portugal está situado para cá da Cortina de Ferro. Vive em paz, mas uma paz que é realmente paz e não aquele simulacro em voga do lado de lá. Desconhecemos a brutalidade das repressões sangrentas. Ignoramos as deportações e os campos de concentração. A defesa da ordem exerce-se com verdadeira paternalidade e o numero de presos políticos, quase todos comunistas, é mínimo e dentro de algum tempo podemos esperar que se conte pelos dedos.

Onde e porquê «a sugestão do medo»? Medo de quê? Acabaram as revoluções endémicas. Acabaram os atentados pessoais. Os cidadãos têm garantida a segurança da vida e dos haveres. Podem exprimir as suas opiniões, desde que não sejam subversivas da ordem que lhes garante essa liberdade. Medo de quê? Os Portugueses não são timoratos e não inventam sombras pelo gosto de tremerem perante elas.

III

Em pleno pessimismo

Disse-nos o sr. engenheiro Cunha Leal que se não sentia disposto a «reencarnar os espectros» e tranquiliza-nos assegurando que não teme a reversão do tempo. Mas logo, á distancia de uns troços de coluna, previne de que «se pressente a lenta, mas irresistível formação de longínquas jacqueries; á laia de nuvens negras a acastelar-se no horizonte».

Assim nos devolve para a Meia Idade, com ilogismo flagrante, e nos vaticina a repetição dos horrores do Século XIV francês aquele mesmo espírito tão seguro que a História guarda, mesmo os espectros amáveis, na terra de que se não regressa. Parece, pois, que a irreversibilidade só funciona para o que é nosso. Se não temos o direito de nos reconciliarmos com o nosso passado, que está morto, resta-nos a triste compensação do risco de vermos entre nós, em plena era atómica, divagarem por esse País, alucinados e desnorteados, os subditos de João o Bom. Triste sina a nossa!

A apavorante perspectiva não surgiu, porém, espontaneamente e não se explica por um fenómeno de vidência. O autor quis sublinhar com esses traços negros a sua explicação dos desaires sofridos e por sofrer pelas oposições de ontem e de hoje. Para não desmentir o asserto — ou o desacerto — de que os oposicionistas são a grande maioria e, ao mesmo tempo, admitir, porque não pode deixar de o admitir, o mistério de constantemente se furtarem a defrontar a prova das urnas, que dissiparia todas as duvidas, o sr. engenheiro Cunha Leal descobriu o medo, e, depois disso, a miséria.

Os oposicionistas não votam por causa da «sua vil e apagada tristeza». Porque estão tristes, desinteressam-se e, por isso, «as vozes que ainda ousam erguer-se em defesa dos princípios basilares da Democracia, quase não encontram audiência». Para os democratas «o problema absorvente é o da sua penuria material» e não querem saber de ideologias.

Trata-se de uma explicação, arrancada pelos cabelos é certo, mas de uma explicação, o que diminuiria o poder persuasivo, ainda que o original correspondesse á pintura — e não corresponde.

Entrou-se no domínio do fantástico, ao anteciparem-se os sangrentos e inverosímeis cataclismos, e têm razão os que se não «aterram» com as imagens agoirentas, muito embora não seja exacto o pensamento que se lhes atribui: «Depois deles o diluvio».

E' singular a operação que inverte as posições naturais. O sr. engenheiro Cunha Leal situa a política exclusivamente na hora que passa e nega a continuidade da História e o valor da tradição. Os «espectros» vão para o cemitério. E nisto mostra-se fiel á sua formação de democrata cem por cento.

No conceitualismo da Democracia clássica, a soberania do povo exerce-se discricionáriamente, á margem de condicionalismos históricos, e uma geração é integralmente senhora do seu destino e do destino das outras gerações. E' infalível porque é o Actual, desprendido de ontem e de amanhã. E' infalível a maioria que no seio dela prevaleceu. Sagrada porque é o Numero, pode arbitrariamente dispor do património histórico e, se quiser, dilapidá-lo. Não tem que se preocupar com o futuro que outras maiorias, igualmente infalíveis administrarão. E tudo será pelo melhor, porque o Numero não pode errar.

Mas tudo isto, que se contém potencialmente no ideário do sr. engenheiro Cunha Leal e o devia libertar de apreensões, não o perfilham aqueles que têm do nacionalismo outra interpretação e os quais, aceitando as noções da continuidade e responsabilidade em sua plena acepção, ligam de um modo indissoluvel o futuro ao presente e ao passado. Por mais que quisessem não poderiam praticar a abstracção que tão irreflectidamente lhes empresta quem não pode deixar de a praticar.

IV

O tema da miséria

A miséria é o «motivo» a partir do qual vão desenvolver-se as subsequentes considerações do qualificado representante da oposição.

Com a reserva de um dubitativo «talvez», afogado em meio da frase, escreveu:

«A miséria de hoje é talvez ainda maior que a de um passado denegrido que, aliás, ninguém pretende ressuscitar».

E acrescenta, já com o «talvez» substituído pela certeza:

«Com certeza a razão de ser deste fenómeno está em que o acréscimo da nossa produção não tem acompanhado o ritmo da ascensão populacional e em que, simultaneamente, a repartição do rendimento global do agregado se vem fazendo de forma de ano para ano mais injusta, tornando-se os muito ricos cada vez mais ricos e os muito pobres cada vez mais pobres».

Acentuando a nota, insiste em que «ronda a fome, com o seu cortejo de desesperos».

Lê-se isto e pasma-se que se empreguem tão carregadas tintas para definir a nossa posição. Temos a impressão de que se nos descreve o panorama de um imenso país distante em que a fome tem o aspecto de fatalidade hereditária, em que os seres esqueléticos se arrastam pelas estradas e tropeçam e expiram nas praças das grandes metrópoles. E perguntamos a nós próprios se está certo, se é justo, projectar-se para esse vasto mundo uma imagem tão falsa, e se o facciosismo, ou uma simples pecha do espírito pode absolver semelhantes excessos verbais. Quando se resvala nestes domínios esquece-se que, para além da propaganda eleitoral e dos seus candentes problemas, existe um auditório que nos escuta e que nem todo é simpatizante. Bem basta que outros nos caluniem. Dispensemo-nos de adulterarmos a expressão do nosso viver e de nos exibirmos como se, entre nós, reinasse a carência alimentar e se espraiassem todas as pestilências.

Exige outro respeito de verdade o zelo do nosso decoro, que está acima do eleitoral e do partidarismo.

Nós não somos, evidentemente, um País rico, de alto nível material de vida. Ninguém contesta o facto e não vale a pena jogar com as palavras para exprimir o grau maior ou menor do nosso desafogo. De resto, não estamos convencidos de que seja esse o unico índice pelo qual possa aferir-se da fe-

(Continua na página seguinte)

I SALÃO DE ARTES DOMÉSTICAS

TUDO PARA O LAR

NO

PAVILHÃO DA F. I. P.

(A JUNQUEIRA)

Pela primeira vez em Portugal e a exemplo do que se realiza nas grandes capitais do Mundo, se apresenta tudo quanto pode contribuir para a utilidade, elegancia e conforto de um lar moderno

UM ESPECTÁCULO IMPONENTE E GRANDIOSO QUE VALE A PENA VER E A TODOS INTERESSA

ABERTO DAS 19 ÀS 24 HORAS

— ENTRADA 2$50 —

Amanhã — 1.º dia da moda. O salão abre às 17 horas

use caloríferos a GAZCIDLA

A U. N. responde a Cunha Leal

(Continuação da página anterior)

licidade ou infelicidade dos povos, medindo por calorias absorvidas o seu bem-estar moral e o seu acordo ou desacordo com a vida.

O sr. engenheiro Cunha Leal, com «talvez» e, depois, sem «talvez», falou de um aumento da miséria, que teria coincidido com a passagem do bom velho tempo em que participou na governação do País para aquele em que nos encontramos.

A afirmação não se compadece com os factos e não é difícil prová-lo com numeros — incontestáveis mas incómodos.

Se comparamos as cifras relativas ao ano de 1926, ultimas dos tempos áureos, com as do ano findo de 1956, verificamos a sensível melhoria das nossas capitações alimentares em produtos de primeira necessidade, para tanto levando em conta os dados estatísticos relativos á produção nacional, á importação e á exportação, assim como o movimento demográfico.

Exemplifiquemos:

Para o trigo, a capitação anual subiu de 53,22 para 81,64 quilogramas. Isto é, aumentou em 53%.

A capitação do arroz elevou-se de 10,95 para 16,85 quilogramas, com a mesma taxa de acréscimo.

No azeite, a subida foi de 4,47 para 10,47. Mais que duplicou a capitação.

O mesmo sucedeu no vinho, com a ascensão de 43,30 para 103,08 litros, ou seja na proporção de 138%.

Se do sector da primeira necessidade transitarmos para o dos produtos mais ricos, veremos confirmada a tendência progressiva do consumo.

De 1927 para 1956, os numeros relativos á carne, ao leite e á manteiga são, respectivamente, no ponto de partida e no que se atingiu: 100 e 122; 100 e 160; 100 e 168. Sem levarmos em conta as casas decimais...

Numa palavra. A nossa posição alimentar melhorou notávelmente. Se havia miséria, se nos legaram miséria, ela diminuiu de um modo sensível.

Um desafogo crescente revela-se em muitos sinais concordantes, a começar no movimento dos transportes publicos e a acabar na frequência dos espectáculos desportivos. O português tem hoje maior margem de conforto e de recreio.

Não pode, também, ignorar-se o que se realizou em matéria de segurança social, através da previdência e da assistência, no terreno ganho em equipamento sanitário do País, através da criação de tantos hospitais, ou na cobertura dos riscos de doença, de velhice e invalidez para um numero enorme de trabalhadores.

E também não é exacto que se tenha acentuado em detrimento dos pobres o desnível das camadas sociais. Pelo contrário, assiste-se a um fenómeno ascensional que vai integrando os operários na classe média, cujo teor de vida gradualmente assimilam. Eram pobres e já não são pobres.

E' possível que haja mais ricos, mas isso é inevitável desde que melhorou a posição económica do País. E' possível que alguns ricos se tornassem mais ricos, mas os pobres são menos pobres e são em menor número.

Nem por isso nos damos por satisfeitos. Nem por isso deixamos de combater pela melhoria das condições de vida, mas podemos desde já contemplar o caminho percorrido e tranquilizar o alarme do sr. engenheiro Cunha Leal. Se a revolta se gera na fome, na doença, na miséria, são hoje muito menos de temer do que ontem as vagas de fundo da vindicta social.

V

Planeamento económico

São mais serenas e mais lucidas as considerações que se referem á expansão da nossa actividade económica.

Pode perfeitamente sancionar-se a afirmação de que tem interesse capital o aumento do poder de compra de que resulte o alargamento do mercado interno, o qual permitirá dimensionar as industrias em termos mais favoráveis e baixar os preços de custo dos produtos fabris. E não deixa de homologar-se a ideia de que o resultado depende muito apreciávelmente da adequação dos preços agrícolas e industriais que se traduza em acréscimo de capacidade aquisitiva da população rural.

Cumpre, no entanto, não esquecer que será sempre limitada a vantagem que se obtiver por uma acção em ciclo fechado e que só do aumento global da produtividade poderão aguardar-e os grandes, os significativos resultados.

De resto, o sr. engenheiro Cunha Leal apontou dificuldades, mas não propôs soluções novas. Os métodos que aconselha são, no fundo, os que vêm sendo praticados e em que persistimos. Pena é que o autor do artigo desconheça o que se tem feito e julgue que os anos têm decorrido em estagnada imobilidade.

Não é exacto que se pretenda resolver o problema português «á custa de um mero esforço de industrialização». Pode impressionar mais a imaginação, pelo que tem de novo, o lançamento das industrias base ou o apetrechamento eléctrico do País, mas não deve passar despercebido ao observador atento o esforço que se desenvolve para valorizar o Agro português.

Na hidráulica agrícola, no povoamento florestal, na colonização interna, a obra em curso já tem no seu activo realizações vultosas. A extensão da assistência técnica á lavoura mais que demonstra o interesse em, precisamente como o autor do artigo preconiza, se racionalizar o aproveitamento da terra.

Não. Não é verdade que nos deixássemos possuir de uma obcessão industrialista e perdessemos de vista a importancia da agricultura como factor de riqueza, ou a sorte da população que vive para a terra. Mas, sincrónicamente, pusemos em equação os problemas primordiais do sector industrial, com o duplo objectivo de aumentarmos a capacidade de emprego e de nos libertarmos, na medida do possível, do peso esmagador das importações. Correlativamente, tivemos em conta a alta do nível de vida que por toda a parte é corolário da industrialização.

Para isso, concentrámos a atenção nas industrias-base de maior relevo para o abastecimento nacional. Instalámos a industria de celulose, que já iniciou a exportação dos seus produtos. Montámos a industria dos adubos azotados, que transita agora para a fase da ampliação. Ergueu-se a estrutura da siderurgia que, no final do plano previsto, nos poupará em cada ano milhão e meio de contos de divisas.

E quanto se tem feito e quanto se encontra em estudo integra-se em planos de conjunto que excluem a dispersão dos esforços. A Lei da Reconstituição Económica, sucederam os Planos de Fomento, orçados em cifras que ainda há trinta anos pareceriam impensáveis.

Os resultados gerais, o progresso conseguido tem de certo modo a sua expressão no aumento de valor do produto nacional, que abrange em globo a produção de bens e de serviços.

De 1938 para 1955, passou de 30 para 45 milhões de contos e a capitação individual acusou uma subida de 27 por cento.

Dificilmente se poderá sustentar que se trate de sinais de empobrecimento e que o País se afunde na miséria.

O substracto económico da vida social valoriza-se e a essa evolução favorável corresponde uma melhoria, que é essencial e só não vêem os que não querem ver.

E' de observar que, neste capítulo, o próprio pessimismo do sr. engenheiro Cunha Leal mostra tendência a render-se á realidade. Assim é que, referindo-se á expectativa do aproveitamento pacífico da energia nuclear, consigna as nossas reservas de minérios radioactivos e reconhece que «sob este ponto de vista, a natureza não foi madrasta para nós». Mas não é com a natureza que se encontra em conflito e daí a sua disposição conciliatória».

Nem por isso deixa, logo a seguir, de falar em «nuvens negras», felizmente acompanhadas de «tímidas clareiras» através das quais se consegue divisar um prometedor céu azul». Esta abundancia de imagens meteorológicas introduz a sua exposição acerca do problema do Mercado Comum Europeu, que, de facto, se circunscreve a um apontamento de dificuldades e a um índice de incógnitas. E' matéria em que todos interrogam o futuro com apreensão, mas em que ninguém poderá acusar o Governo de negligência ou de estar desatento.

Mas, á míngua de nos dizer algo de novo e de pessoal sobre a matéria, o autor das «Considerações» formula as suas queixas, lamentando que o País não seja amplamente esclarecido acerca de problemas dessa magnitude, o que para ele implica haver-se decretado a perpétua menoridade política do dito País. Mencionando as declarações do sr. ministro da Presidência, abstém-se de relacionar as outras fontes de informação, libérrimamente colocadas ao seu dispor e que poderia ter consultado com proveito.

Para não pôr em duvida a boa fé da objecção temos de admitir que o objector não conhece, nem a explanação do assunto, no aspecto das províncias ultramarinas, feita publicamente pelo sr. ministro do Ultramar, nem o relatório que antecede a proposta da Lei dos Meios para o ano em curso, nem a exaustiva exposição do sr. ministro das Finanças em anexo ao relatório das Contas Publicas de 1956, nem o debate que teve lugar em 3 de Abril ultimo na Assembleia Nacional. Desconhece, também, que o assunto foi largamente versado, perante industriais e economistas, nas sessões do recente Congresso em que foi objecto de uma comunicação do dr. Teixeira Pinto.

Mas, francamente, quando se ignora tanta coisa é impossível abordar os problemas e a mais elementar prudência aconselharia a não dar como tratado em segredo o que foi aberta e extensamente debatido. O Governo não impõe a menoridade ao País. O que há é pessoas que não querem crescer.

VI

Carnaval e comunismo

O sr. engenheiro Cunha Leal trata, em conjunto, dois temas que á primeira vista não são solidários ou interdependentes e entre os quais nem sequer se descobre flagrante relação de afinidade: o Carnaval e o Comunismo.

A vida portuguesa vê-a como uma espécie de Entrudo permanente, ao qual o Estado culposamente se associa, dando-se ares de novo rico na multiplicação das comemorações, das paradas, das oportunidades de arejamento dos palácios nacionais e da baixela de Saint Germain. E acrescenta que os representantes do Estado andam pelo estrangeiro numa roda viva, desenvolvendo uma agitação perfeitamente inutil.

São vítimas da mesma condenação as festas nacionais, não obstante o seu valor como elementos de formação cívica, as paradas em que se afirma o grau de preparação e eficiência das forças armadas, as recepções aos chefes de Estado estrangeiros que nos significam o apreço e a amizade dos seus países, ou se trate da Inglaterra, da Espanha ou do Brasil. Tudo isso faz parte do Carnaval e prejudica a austeridade que deveriamos cultivar.

São igualmente manifestações carnavalescas, dignas de reprovação, os deslocamentos dos representantes de Portugal ás conferências, aos congressos, ás reuniões em que participamos, simplesmente porque somos uma Nação civilizada que mantém os seus contactos externos com verdadeiro brio, a cada passo se distinguindo as intervenções dos seus delegados.

Mas não vale a pena discutir este ponto. Se procedessemos diversamente, se nos isolássemos e enclausurássemos, inverter-se-ia a posição do censor, para nos dizer que vivíamos no passado longínquo, por incapacidade de nos adaptarmos ao ritmo trepidante da nova época e, a propósito, voltaria a invocar os espectros e a produzir as comparações macabras.

Embora a razão de ordem não seja de uma evidência cristalina, conclui-se que, para o autor do artigo, o Comunismo prolifera entre nós como reacção contra o Carnaval e, por apêndice, como expressão de revolta contra a injustiça na repartição dos rendimentos.

E' claro que o sr. eng.º Cunha Leal se escusa a enunciar a sua fórmula de justiça distributiva e tão incertas são as coordenadas do seu pensamento que nem mesmo podemos saber se nela prevalece a ideologia liberalista, que lhe ditaria a não-intervenção, ou uma tendência planificadora de reformismo socialista.

Mas, conhecemos, ao menos, a posição que o Estado adoptou e que concilia o respeito da iniciativa privada com a sujeição da riqueza ao seus deveres sociais. E sabemos que, através do Estatuto do Trabalho Nacional, se articulam princípios que preconizam a correcção das injustiças e visam a assegurar aos que trabalham a compensação humana do seu esforço. Assim como sabemos que, por meio da negociação de convenções colectivas e da imposição governativa, se tem desenvolvido uma política de valorização de salários, dentro dos limites permitidos pela rentabilidade das empresas, pela salvaguarda dos preços e pelas nenessidades de equilibrio geral.

Ao salário acresce hoje o abono de família, que é o seu complemento, e — não o esqueçamos — a contribuição patronal para a previdência, que é, no fundo, um acréscimo da remuneração do trabalho.

Só a paixão partidária pode ocultar estas realidades, ao ponto de se negar a obra de justiça distributiva que se tem realizado, sem solavancos, sem excessivas reacções e sem repercussão catastrófica na boa ordem da nossa economia.

Mas tudo isso não conta para o sr. engenheiro Cunha Leal. O seu pessimismo fá-lo visionar com pavor a agitação das «forças tectónicas», que um dia haverão de provocar uma explosão vulcanica, a não ser que, a tempo e horas, se consiga abrir, para lhes dar saida, umas tantas válvulas de escape».

Em vez da política social, que prefere ignorar, o sr. engenheiro Cunha Leal propõe o seu sistema de escape, que, apesar de muito velho, representa para ele a ultima palavra da técnica.

O remédio consiste na doutrinação democrática, na larga difusão dos idais de 1789, na propaganda dos Direitos do Homem, aqueles mesmos Direitos do Homem que se mostraram compatíveis com o egoismo da mais desapiedada concorrência, com a monstruosa construção do industrialismo do Século XIX que negava e escarnecia as liberdades fundamentais da Pessoa Humana, a começar pelo direito á vida.

E' um método como outro qualquer, mas não se afigura que seja o melhor.

VII

Portugal no Mundo

No termo da sua digressão através dos problemas nacionais, o sr. engenheiro Cunha Leal fez algumas rápidas considerações sobre política internacional, que nada adiantam, se bem que não sejam isentas de intenção, e referiu-se com certa latitude á política ultramarina.

As ideias expostas não são novas, nem mesmo nas colunas do «Diário de Lisboa». Deram o seu contributo para a campanha eleitoral de 1953, cujo eco já se apagou na memória. Remontam a um tempo que nos parece distante, em que não se desencadeara ainda contra nós o pacifismo dos nossos vizinhos do Industão, em que nos não haviam sido usurpados os enclaves

(Continua na 14.ª página)

Com BRYLCREEM

a satisfação é completa...

... porque BRYLCREEM é tudo quanto o seu cabelo precisa!

Brylcreem é o tratamento preferido para o cabelo, pelas seguintes três razões:

- BRYLCREEM segura o cabelo com firmeza e suavidade, mantendo-o bem penteado durante todo o dia.
- BRYLCREEM dá ao cabelo um brilho natural — tão diferente do vulgar aspecto oleoso.
- BRYLCREEM mantém o couro cabeludo limpo, saudável e sem caspa.

Friccionando todas as manhãs a cabeça com BRYLCREEM terá a satisfação de ver o seu cabelo revigorado e bem penteado durante todo o dia. Por isso Brylcreem é perfeito!

BRYLCREEM — O PERFEITO IDEAL PARA O CABELO

GRIPE-FEBRE

ACETIL-C

SEM CAFEINA

VITAMINA C - ÁCIDO ACETILSALICÍLICO

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

O Teatro Experimental do Porto apresentará, esta temporada, originais de Bernardo Santareno, Ruiz Francisco Rebelo, Costa Ferreira e Idalina Guimarães.

— Na R. T. P., entrou em ensaios a comédia «3 Rapazes e 1 Rapariga», que será interpretada por Maria Helena, Vasco Santana, Raul Solnado e João Perry.

— Uma das nossas empresas teatrais projecta esta temporada repor o original de Alfredo Cortês, «O Lodo».

— Concluídos os ensaios de leitura da peça de Shakespeare «Noite de Reis», começaram hoje no Teatro da Trindade, os de «marcação», dirigidos por Ribeirinho.

— Consta que, oportunamente, uma companhia de revistas, em actividade, remodelará o seu elenco.

— Será com um reportório de três revistas que a companhia do Teatro ABC fará uma temporada no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, por ocasião da quadra do Natal.

— No paquete «Angola» deve ter embarcado hoje, na cidade da Beira, a companhia brasileira de revistas, que viajará até Luanda, onde inicia a digressão pela província de Angola estreando-se com a revista «Aqui Brasil».

— A companhia espanhola de revistas «Colsada» estrear-se-á no Sá da Bandeira, do Porto, antes da sua apresentação no Teatro Avenida.

— Os artistas portugueses «Família Muñoz», que actuaram no Circo Altemburg, na Suécia, estão presentemente a trabalhar na companhia do Circo Price, de Madrid.

As estreias de hoje

No Capitólio

Título — «Satélite no céu».
Produção — Americana.
Realização — Paul Dickson.
Intérpretes — Kieron Moore e Lois Maxwell.
Argumento — História de viajantes do espaço.
Processo — Cinemascópio e Warnercolor.
Distribuição — Sif.
Classificação — 12 anos.

No Olimpia

Título — «Flechas de ódio».
Produção — Americana.
Intérpretes — Stephen McNally e Julia Adams.
Argumento — Aventuras com «cow-boys» e peles-vermelhas.
Processo — Normal.
Classificação — 12 anos.

(Em complemento será exibido o filme «Luar em Las Vegas»).

No Avenida

continua a representar-se «Como a verdade engana»

José Gamboa e Irene Isidro continuam a obter grande exito, no Teatro Avenida, representando as principais personagens da peça «Como a verdade engana», em cujo desempenho intervem também Maria Schulze e Henrique Santos.

«Como a verdade engana» é a peça de estreia da actividade da Sociedade Artística Teatro para Todos.

No ABC

continua a grande revista «Casa da Sorte»

Continua em pleno êxito, no popular Teatro ABC, do Parque Mayer, a revista «Casa da Sorte», o espectáculo que conquistou Lisboa pela sua graça, linda musica e lindas mulheres.

Do elenco que interpreta «Casa da Sorte», fazem parte Herminia Silva, Alvaro Pereira, Leónia Mendes, Carlos Coelho, Maria Adelina, José Viana, Cidalisa do Carmo e Daniel Garcia.

Esta revista representa-se todas as noites, ás 20.45 e 23 horas.

(Continua na página seguinte)

O espírito judaico
na arte dramática francesa

As virtudes essenciais do espírito judaico, através da história do teatro, patenteiam-se bem na excelência da sua produção dramática.

Só virtudes e qualidades, absolutamente excepcionais adquiridas graças a uma fé admirável e a um ardor incessante, poderiam permitir produções como as de Georges de Porto-Riche, que, após tactear longos anos, afirmou, finalmente, a sua personalidade, em dramas ousadamente patéticos, afirmando-se autêntico criador.

«Le Vertige, un drame sous Philipe», «L'infidèle», «Bonheur manqué», adquiriram invejável celebridade. Porém, quando surge «Amoureuse», sente-se plenamente a ardente emoção do israelita, intimamente ligado á vida sentimental de uma geração. Ele analisa e reconhece, nos destinos da Humanidade, todas as manifestações do amor. E a sensibilidade nervosa, a ironia, cheia de humanismo, e o sentido social, manifestam-se através dessas obras.

No teatro, as primeiras personagens que verdadeiramente, sobre o amor, tudo disseram, foram aquelas que, na «Amoureuse», de Georges de Porto-Riche, encarnaram os seres de Etienne, Pascal e Germaine.

Também o destino das mulheres, sobretudo daquelas que, apenas pertencem a um homem, é posto em evidência pelo dramaturgo na obra «Le Passé», em que a rude sinceridade da vida se apresenta tal como ela pode ser, porquanto o homem corresponde por vezes ao amor sublime com aquela leviandade cega que altera as ilusões do espírito feminino.

A agudeza natural de observação, de análise psicológica no israelita, e a grande sinceridade que nele se torna indispensável na vida, leva-o a descobertas e exteriorizações, que, reveladas nalgumas obras gigantescas do teatro dramático, logo são coroadas de êxito.

Quando uma peça de teatro como «Amourense», passados quarenta anos, ainda não envelheceu, é que a sua qualidade de obra representável é incontestável.

Com «Le Vieil Homme», Georges de Porto-Riche cria definitivamente o chamado «Teatro do Amor».

Poderiamos continuar o exame de escritores dramáticos israelitas, mas a falta de espaço não nos permite mais que recordar, de entre muitos outros os nomes de Catulle Mendès, Roain Cooulus, Pierre Wolf.

O espírito hebraico põe-se assim ao serviço da arte dramática com plena liberdade, conseguindo assinalados triunfos. E se, por exemplo, o século XIX, em França, foi um período crítico para a vida judaica, nem por isso deixou de caber a um israelita, de nome, Alexandre Weil, a honra de ser o primeiro escritor francês.

LYGIA TOLEDANO EZAGUY.

HOJE ESTREIA

CAPITOLIO

DO FILME DE ABSOLUTA ACTUALIDADE QUE EXPLICA O FENÓMENO VERIFICADO COM O SATÉLITE ARTIFICIAL QUE ARRASTA CONSIGO O FOGUETÃO DE LANÇAMENTO

KIERON MOORE
E
LOIS MAXWELL

CINEMASCOPE
COM COR WARNERCOLOR

SATÉLITE NO CEU
— SATELLITE IN THE SKY —

Produção

UM SATÉLITE ARTIFICIAL AMEAÇA SEIS VIDAS PERDIDAS NA ESTRATOSFERA, OU MILHÕES DE ALMAS QUE, NA TERRA, IGNORAM O PERIGO QUE PAIRA NO ESPAÇO... HAVERÁ POSSIBILIDADE DE SE EVITAR A CATASTROFE IMINENTE?

REAL. DE PAUL DICKSON

PARA MAIORES DE 12 ANOS

UM ÊXITO QUE, DE MOMENTO, DE DIA A DIA, DE SEMANA A SEMANA, SE RADICA MAIS NA ALMA DO PUBLICO DE LISBOA!
TODOS QUEREM VÊ-LO! TODOS DESEJAM VÊ-LO! NINGUÉM TEM CORAGEM DE DEIXAR DE VÊ-LO!

UM FILME SUBLIME QUE CONTA A HISTÓRIA QUE VENCE A FATALIDADE QUE O PERSEGUE!

TIVOLI

O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA
(AN AFFAIR TO REMEMBER)
GARY GRANT * DEBORATH KERR
Produtor JERRY WALD — Realização LEON MC CAREY
Argumento de DELMAR DAVES e LEO MC CAREY
SOM ESTEREOFÓNICO DE ALTA FIDELIDADE
4 BANDAS MAGNÉTICAS
(MAIORES DE 12 ANOS)
UM FILME CINEMASCOPE COR DE LUXE

4ª SEMANA
do êxito N.º 1 da Temporada
TIVOLI

TEATRO AVENIDA
apresenta a Sociedade Artística TEATRO PARA TODOS
Direcção de José Gamboa
HOJE, ás 21,45 h.
A COMÉDIA FRANCESA
COMO A VERDADE ENGANA!
com IRENE e GAMBOA nos protagonistas
(Adultos)

Branca Velez

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

A D. Mercedes, a D. Amparo, a Laura Quintero, o Dr. Figueirola e «a coxinha», um numero de grande gargalhada

TEATRO ABC
Todas as noites, às 20,45 e 23 horas
A RAINHA DAS REVISTAS
CASA DA SORTE
com HERMINIA * ALVARO LEÓNIA
CARLOS COELHO * MARIA ADELINA
e um grande elenco
17 ANOS
Empresa JOSÉ MIGUEL

Anita Guerreiro

2 sessões ás 20,30 e 22,45

MARIA VITORIA

Emp.ª «E. Salvador e Rui Martins, Ld.ª»

PARA ADULTOS

Barroso Lopes

SALVADOR

APRESENTA A SUA MELHOR REVISTA

CURVAS PERIGOSAS

com BIBI FERREIRA e ANTÓNIO SILVA

NO MAIOR ÊXITO DE GARGALHADA DO ANO!

VARIEDADES

Para maiores de 17 anos — ESPECTÁCULO ás 21,45

BREVEMENTE

A «EMPRESA ARTÍSTICA DE ESPECTÁCULOS, LDA.»

APRESENTA

O MAIOR ACTOR DO BRASIL

Procópio Ferreira

E A SUA COMPANHIA BRASILEIRA COM

HAMILTA RODRIGUES

A. FREGOLENTE * TERESINHA VIANA * PAULO GONÇALVES

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

ESTOLAS DE VISON

CASA DA RUSSIA

PELEIROS ESPECIALIZADOS

53 anos de existência

— Rua Augusta, 142 —

RETIRO ANDALUZ

Casa de Deolinda Rodrigues — Fados e Guitarradas Por MANUEL FERNANDES, António Rocha, Constancia BATISTA, Maria Silvestre, acompanhados por Liberto Conde e Francisco Peres, e ainda Isidro Batista no seu «acordeon»

Dia 29 reabertura da época de Inverno com a reaparição de

DEOLINDA RODRIGUES

e outras atracções — Reserve a sua mesa

AVENIDA CONDE VALBOM, 114 — Telefone 773134 — (Para 17 anos)

Teatros e Cinemas

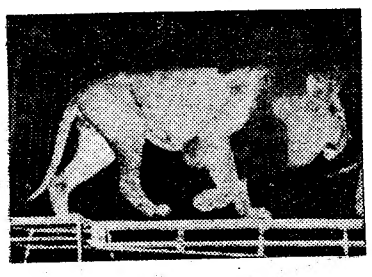
Sessões clássicas

«Morte de um caixeiro viajante», no Império

A célebre peça de Arthur Miller, «Morte de um caixeiro viajante», que Stanley Kramer cinematizou, vai ser apresentada na próxima sessão de «Gente de cinema fala de filmes», na próxima quarta-feira, á tarde, no Império. O filme será comentado pelo actor Rogério Paulo.

Coliseu

A Primeira Companhia de Circo dá hoje o seu primeiro espectáculo da moda no Coliseu, com as maiores atracções da actualidade



A banda cómica «El Empastre», uma verdadeira fábrica de gargalhadas e de alegria e que é uma das mais formidáveis atracções da Primeira Companhia de Circo que está actuando no Coliseu, apresenta-se ali esta noite em espectáculo da moda com outras colossais novidades circenses: Ivanof e os seus ferozes e corpulentos leões em momentos de «suspense», cama elástica, saltos em trampolim, acrobatas aéreos, ciclistas, ilusionismo, um nunca acabar de novidades, onde não faltam os impagáveis palhaços cheios de originalidade e bom humor.

Imagem do dia

Como é natural, visto tratar-se de um dos melhores filmés do ano, «O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA» entra hoje na 4.ª SEMANA de exibições no TIVOLI, definitivamente consagrado pelo publico que não se cansa de aplaudir as magistrais criações de CARY GRANT e de DEBORAH KERR nos protagonistas. O espectáculo de hoje, e de amanhã, é enriquecido com a exibição do RANCHO FOLCLÓRICO DE PONTE DA BARCA e danças e descantes minhotos.

A Feira dos Santos

no Cartaxo

CARTAXO, 26—De 1 a 3 de Novembro, haverá nesta vila a tradicional Feira dos Santos, criada há mais de 200 anos para marcar o preço dos vinhos novos.

Com o decorrer do tempo foi perdendo essa tradição, transformando-se numa das feiras mais concorridas dô Ribatejo, onde se mercadejam os mais diversos produtos e se transaccionam muitas toneladas da melhor fruta das regiões de Alcobaça e Caldas da Rainha.

Estão anunciadas corridas de touros, espectáculos de circo e várias outras diversões.

NOVO HOTEL

no Estoril

Inaugura-se no próximo dia 30, ás 16 horas o novo Hotel Cibra, do Estoril, de que muito beneficiará aquele centro turístico.

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: — Satélite no céu — CAPITÓLIO

SÃO LUIZ TEL 27173
Ás 15,15 e 18.15 (preços red.) e 21.30 (17 anos) 2.ª SEMANA
O melhor filme de «suspense»
FALSO CULPADO
com Henry Fonda e Vera Miles em duas criações notabilíssimas
Veja este filme e medite no que viu e ouviu

EDEN TEL. 20768
Ás 15,30, 18,30 e 21,30
Yvonne de Carlo em
AMORES DE UM CANALHA
em «RKO-SCOPE» com George Sanders
O seu encanto pessoal fascinava todas as mulheres
— Para maiores de 17 anos —

CONDES TEL 22523
Ás 15.15 e 18.15 (preços red.) e 21.30 (17 anos)
UM CRIMINOSO À SOLTA
com Joseph Cotten — Rhonda Fleming
A história de um detective destemido que empregou a sua própria esposa para atrair um criminoso e provar a sua culpabilidade.

ALVALADE TEL. 763080
Ás 15,15 (pr. red.) e 21.45 (17 anos) 2.ª SEMANA
A sensacional obra-prima
FALSO CULPADO
com Henry Fonda e Vera Miles
Uma história autêntica, de emoção e «suspense», numa realização maravilhosa!

CINEMA IDEAL TEL. 24194
Ás 21 — (12 anos)
ANDALUZIA
A MARCA DO GORILA

LIZ TEL 49560 (17 anos)
A's 15.15 e 21.15
NOSSA SENHORA DE PARIS
Cinemascope com Gina Lollobrigida
No programa: SOMOS HOMENS OU QUÊ?

TIVOLI TEL. 50585
Ás 3 e 6.15 da tarde (pr. red.) e 9.30 da noite
Um filme sublime (12 anos)
4.ª semana triunfal
O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA
com Cary Grant e Deborah Kerr
No programa: Sintra—produção de Filipe de Solms, realização de João Mendes.

POLITEAMA TEL 26305
15,15, 18,15, 21,30
GRANDE ÊXITO do vibrante filme de crime, mistério e «suspense»
A SOMBRA NO TELHADO
com Daniel Gelin, Bella Darvi e François Perier
CINEMASCOPE — (Maiores 17 anos)

ROMA TEL. 727778
Ás 15,30 (pr. red.) e 21,45 (17 anos) 2.ª SEMANA
Um problema sério, que a todos interessa, tratado com invulgar humorismo
PAIS E FILHOS
com Vittorio de Sica—Antonella Lualdi — Marcello Mastroianni

ODEON TEL. 26283
Ás 15.15, 18.15 e 21.30 (12 anos) 2.ª SEMANA
ANSIEDADE
com Pedro Infante e Libertad Lamarque
Um filme sentimental e humano! Vigoroso! Alegre! Divertido!

CAPITÓLIO TEL. 27491
Ás 21,30 (12 anos) ESTREIA
Um filme que vem na hora própria
SATÉLITE NO CÉU
CINEMASCOPE
com Kieron Moore e Lois Maxwell

TERRASSE TEL 20917
ATÉ AO ÚLTIMO HOMEM
A's 21 (17 anos) A TESTEMUNHA DO CRIME

CASINO ESTORIL A's 21.30 (17 anos)
O CAVALEIRO SOLITÁRIO
com Jack Palance

IMPÉRIO TEL. 55134-35
Ás 15,15 e 21,30 (17 anos)
O maior dos maiores êxitos mundiais de J. Mankiewicz
A CONDESSA DESCALÇA
Ava Gardner e Humphrey Bogart pela 1.ª vez reunidos num grande filme.
O drama duma mulher livre que não pôde ser feliz com o único homem que amou

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15,15, 18,15, 21,30
Um autêntico acontecimento cinematográfico
(12 anos)
A BATALHA DO RIO DA PRATA
com John Gregson — Anthony Quayle — Peter Finch
VistaVision — Technicolor

MONUMENTAL TEL. 55131 (17 anos)
Ás 15,15 e 21,30 2.ª SEMANA
Marilyn Monroe e Laurence Olivier em duas notáveis criações que marcam como grandes provas de exame!
O PRÍNCIPE E A CORISTA

AVIS TEL. 47163
Ás 15,30 (pr. red.) e 21.30 (17 anos) 5.ª SEMANA
O ULTIMO COUPLET
Três amores na vida de uma cançonetista que inspirava paixões violentas
com Sara Montiel, Armando Calvo e Enrique Vera

RESTELO Tel. 610375
Ás 21.15 (12 anos)
A vida apaixonada de Van Gogh (cinemascope)
com Kirk Douglas

ROYAL Telefone 845037
Hoje, ás 21 horas (12 anos)
Um filme grandioso, que deslumbra e encanta!
VALSA BRILHANTE
No programa:
DUELO DE MORTE

SÃO LUIZ ALVALADE

AMANHÃ

SENSACIONAL ESTREIA

(MAIORES 17 ANOS)

Pier ANGELI · Mel FERRER
John KERR · Michele MORGAN
M-G-M
CINEMASCOPE & METROCOLOR

AMOR, CIUME, PAIXÕES ARDENTES NO CENÁRIO DESLUMBRANTE DO SUL DA FRANÇA

«BOITE DE NUIT» NINA (Maiores de 17 anos)

APRESENTA

Uma atracção de excepcional categoria artística os excitantes bailarinos

"DE MARLOS"

atracção vedeta da companhia de Danny Kaye

Keynes e os seus fantasmas

(Continuação da 1.ª página)

da pela Assembleia Geral das Nações Unidas de 10 de Dezembro de 1947, proclama «o direito ao trabalho, á sua livre escolha, ás suas condições equitativas e satisfatórias e á protecção contra o desemprego».

Meditando sobre o fenómeno do desemprego que a economia capitalista não conseguira evitar, o prof. da Universidade de Cambridge, J. M. Keynes, quis dar á sua pátria e ao Mundo civilizado uma economia nova que combatesse, eficazmente «os dois vícios marcantes do mundo económico contemporaneo e que são: o desemprego e uma arbitrária repartição da fortuna e do rendimento».

Para o primeiro, Keynes constroi a sua célebre teoria do pleno emprego. Quanto ao segundo, diz o seguinte: «A tributação directa dos rendimentos, dos rendimentos globais e das sucessões permitiram realizar, sobretudo na Grã-Bretanha, sérios progressos na redução das grandes desigualdades de fortuna e do rendimento», mas o autor pensa, no entanto, «que se podem justificar por razões sociais e psicológicas notáveis desigualdades de fortuna, mas não desproporções tão marcadas como na hora actual. Existem actividades humanas uteis que para dar todos os seus frutos, exigem o aguilhão do lucro e o quadro da propriedade privada». E mais adiante esclarece: «Mas desde que o homem médio ou mesmo uma fracção notável da comunidade se entregue fortemente á paixão do lucro, a sabedoria e a prudência aconselharão aos homens de Estado a autorização da prática do jogo sob certas regras e em certos limites».

Admirável ingenuidade.

Mas o problema de cuja solução a sorte da comunidade está dependente é o do pleno emprego que o liberalismo económico não soube resolver. Resolve-o a sua «Teoria geral do emprego, do juro e da moeda».

Antes de tentar expor, embora muito imperfeitamente. — visto que o autor destas reflexões escreve para uso exclusivo desses numerosos e obscuros economistas que somos nós todos, os consumidores — as linhas gerais da concepção do professor inglês, o mais elementar dever de probidade manda atender a advertência inscrita pelo próprio autor no seu prefácio da edição inglesa, escrito em Dezembro de 1935: «Este livro dirige-se, sobretudo, aos nossos confrades economistas. **Nós desejamos que ele possa ser inteligível a outras pessoas.**

«Mas ele tem **por objecto principal o estudo de questões teóricas difíceis e não trata senão a título subsidiário da aplicação da teoria aos factos».**

Ao mesmo tempo, o autor previne o publico sobre «recentes economias matemáticas que são puras especulações tão imprecisas como as suas hipóteses iniciais e que permitem aos outros esquecer no dédalo dos símbolos vãos e pretensiosos as complexidades e as interdependências do mundo real».

Os factos que inspiraram a teoria do famoso economista foram observados nos meios económicos ingleses, onde, cinquenta anos antes, Marx observou os factos em que se baseia a sua análise da criação e distribuição do rendimento nacional.

Enquanto Karl Marx, impressionado pela miséria dos trabalhadores e pela acumulação da riqueza nas mãos dos capitalistas, concluiu pela existência de uma luta de classes que há-de conduzir á subversão catastrófica da sociedade, Keynes, impressionado pela sorte do seu país, perante a ausência de um pleno emprego, conclui pela intervenção do Estado para vencer a resistencia da sociedade liberal aos princípios de uma economia nova.

Foi um francês, M. De Largentaye, profundo conhecedor e grande admirador da obra de Keynes, dotado de uma forte cerebração e de uma formação científica séria, que empreendeu a difícil tarefa de traduzir a «Teoria geral do emprego, do juro e da moeda».

M. De Largentaye viveu em Lisboa alguns anos como conselheiro económico e financeiro da embaixada de França. Por mais de uma vez, tive ocasião de lhe ouvir expor os dados essenciais da Teoria Geral cuja obscuridade ele venceu, como tradutor, indo frequentemente a Inglaterra consultar o prof. Keynes, que o felicitou pela compreensão penetrante da Teoria, confessando ele próprio Keynes que, ao reler o seu livro, tinha por vezes certas hesitações, na identificação das ideias, tal como ele inicialmente as concebera.

É perfeitamente compreensível.

Na realidade, o processo usado pelo grande economista na exposição da sua doutrina consiste numa série de teoremas cuja demostração ele deixa quase sempre ao espírito do leitor. Não é de estranhar que este processo geométrico, de uma soberba **allure** intelectual, de resto, e que faria a inveja de um Paul Valery, oferecesse ao próprio autor, através de uma linguagem naturalmente imprecisa, uma ou outra dificuldade na reconstituição exacta de algumas das suas proposições.

Se quisermos resumir o que da Teoria se divulgou depois da 2.ª Grande Guerra, obteremos uma síntese para uso popular que poderemos expor nos termos seguintes:

O ideal keynesiano não é, como o de Marx, uma sociedade sem classes iniciada pela fórmula: «a cada um segundo o seu trabalho», para acabar na fórmulo paradisíaca: «de cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades».

Keynes, como disse, não é um revolucionário, é um reformador da sociedade que pode e deve subsistir se souber resolver o seu problema fundamental: o pleno emprego.

Para tanto, é necessário que o dinheiro ou melhor as economias do maior numero ou de todos não estejam em estado de liquidez, que não apodreçam nos cofres particulares ou nas caixas publicas. É necessário investí-las em obras de fomento, em industrias, no comércio, em todas as actividades, em suma, que conduzam a um aumento de produção. Dessa incitação a investir resultará um aumento do rendimento e do consumo e, alimentada pela corrente contínua do investimento e do consumo, obter-se-á, finalmente, a prosperidade e, com ela, a realização do pleno emprego.

Uma vez obtido e posto a funcionar eficazmente, o pleno emprego dará também a solução prática do problema angustioso dos «déficits» da balança comercial, e eliminaria a causa das grandes conflagrações mundiais.

«Se as nações pudessém aprender a manter o pleno emprego por meio de uma unica política interna e também é necessário dizê-lo, se a população pudesse atingir um nível de equilíbrio, desapareceria a força económica que põe em conflito os interesses de vários países».

O comércio internacional deixaria de ser um expediente desesperado para proteger o emprego em cada país por vendas ao estrangeiro e por restrições de importação; processo que, quando desse resultado, não faria senão transferir o problema do desemprego para o país mais favorecido na luta. Haveria uma troca de mercadorias e de serviços, realizada livremente e sem obstáculo, em condições vantajosas reciprocas».

O autor da famosa Teoria, publicada em 1936, via já uma segunda guerra alemã de que ele foi um dos semeadores com a sua tese sobre as «Consequências económicas da paz».

Via já a Alemanha libertar-se do desemprego de 7 milhões de homens pela elaboração intensiva das industrias de guerra, e a América com os seus 10 milhões de desempregados, recorreria, como a Inglaterra, a meros expedientes, a simples métodos empíricos, sem uma doutrina cujos princípios desse uma base científica á solução do problema.

Mas a ideia keynesiana que galvanizou a alma de todos os especuladores do Mundo, foi a que ele desenvolveu contra a teoria quantitativa da moeda. Os economistas liberais sustentavam: «que por um dado montante das mercadorias, todo o aumento da circulação monetária aumenta os preços e que toda a redução de circulação os diminui».

Este, para Keynes, o erro fatal. Para o autor da Teoria, o nível geral dos preços e os preços individuais dependem da oferta e da procura. A moeda e a quantidade de moeda não intervêm directamente no fenómeno.

A circulação fiduciária pode pois aumentar impunemente; o que é necessário «é fazer funcionar uma fábrica de moeda (isto é, um banco central) sob o controle da autoridade». E como a taxa de juro tem de ser muito baixa, a quantidade de moeda tem de ser necessáriamente avultada, «visto ser ela que determina a oferta de recursos líquidos, governa a taxa de juro e junta a outros factores, como seja a confiança, a incitação a investir».

O dinheiro teria de ser sempre muito e barato porque o custo da vida continuaria sensívelmente o mesmo!...

É evidente que os princípios assim definidos não dão uma imagem da grandeza da concepção de Keynes. Mas o que aconteceu foi o que se deu com todas as filosofias e sistemas sociais. Há sempre as grandes simplificações como Banville chamou ao **homem bom e livre** de Rousseau. Da transcendência da Enciclopédia, Rousseau extraiu uma verdade fácil sobre a qual se construiram quase dois séculos de liberalismo: o homem nasceu bom e livre. E do obscurantismo de Marx, a grande massa assimilou apenas o princípio da teoria de valor do trabalho e a noção simplista e terrível de que os explorados hão-de liquidar fatalmente a classe capitalista.

E, no entanto, Rousseau estava longe de supor a que impulsos bestiais viria a obedecer o seu homem bom e a que tiranias ignóbeis viria a estar sujeito o seu homem livre!

E Marx também nunca supôs, decerto, que a sua teoria decepasse, em guerras e revoluções, mais de 50 milhões de cabeças.

Keynes também não supôs, decerto, que a sua Teoria levaria á inflação em virtude de uma exagerada emissão de papel-moeda, e que a sua teoria de investimento e de taxa de juro não evitaria a alta de preços que ameaça sossobrar as economias inspiradas nos seus princípios. E que o pleno emprego foi obtido, por uma depreciação constante do valor da moeda, e que a sua Teoria, em vez de atenuar, agravou a balança de pagamentos e que a taxa de juro subiu, como só raramente subiu na história da economia clássica.

A sua incitação a investir desencadeou por toda a parte uma vaga de administradores improvisados que investiram o capital dos outros nas mais duvidosas condições de moralidade e de competência. A **propensão a consumir** criou em todas as camadas sociais uma verdadeira prodigalidade histérica e, com ela, a queda do sentimento de obrigação e o risco subsequente de criar estados de insolvência em série. A sua teoria da distribuição do rendimento individual, para evitar a acumulação de riquezas, levou a uma odiosa acumulação inflacionista, em virtude da qual os ricos serão cada vez menos e cada vez mais ricos e os pobres serão cada vez mais e cada vez mais pobres.

Por sua vez, a necessária intervenção do Estado, reclamada por Keynes, degenerou nas incertezas e na violência de um socialismo larvado. E a paz permitida pelo pleno emprego é mais do que nunca um sonho de realização distante.

Sobre a previdência de que supuseram saber reger sua pessoa e bens, o Keynesismo mal digerido, e os subsequentes empresários que, fingindo acreditar nos princípios do mestre puderam, no entanto, pela sua posição, defender a tempo o seu papel-moeda, lançaram sobre a liquidez dos depositantes o mais odioso de todos os impostos. Investiu-se, é certo, mas em moeda de depreciação permanente e cujo poder de compra no momento da cobrança do rendimento ou da amortização será, em proporções imprevisíveis, muito inferior ao poder de compra da moeda no momento das subscrições publicas. E assim se converteu numa baixa mentalidade económica e financeira o conflito especificadamente keynesiano entre a liquidez e o investimento. Assim se «puniu» severamente a liquidez, isto é, a previdência dos que ganharam honradamente o seu peculio. Puniu-se o mais cruelmente possível. Puniu-se com a inflação que André Bisson, procurador-geral junto do Tribunal de Contas de Paris, define com esta lucidez: «É a alta dos preços que cria desordem nos espíritos, a desconfiança na moeda nacional, o cepticismo em relação aos esforços dos poderes publicos, o sentimento de insegurança, o terror do futuro; que cresce e exaspera a hostilidade da classe, que subverte os valores morais e que encoraja a fraude e pune a honestidade. O chanceler inglês já precisou o valor do fenómeno dizendo há pouco «não se tratar de fazer uma escolha entre a libra esterlina e pleno emprego porque o primeiro termo será finalmente uma condição do segundo. Os sindicatos e os patrões ganhariam muito pouco se receberem maiores salários e maiores dividendos em moeda constantemente depreciada».

Será mais difícil obter aumentos de salários, mas lucros e salários serão pagos em libras «honestas».

De uma maneira geral, tem-se esta impressão: os povos da área **keynesiana** tendem a acordar da embriaguez causada pelo alcool destilado pelo mais potente cérebro que palpitou ao serviço da ciência económica contemporanea. O grande alquimista que quis converter o papel em oiro terá entrado, definitivamente, na história das doutrinas económicas.

Também é possível que tenha faltado o homem de Estado keynesiano que, pela sua inteligência, se erguesse á altura de uma compreensão integral da doutrina do mestre, dotado de um senso crítico capaz de a corrigir, em certos pontos, e que fosse, simultaneamente, um homem de acção, o político que dirigisse, com a virtuosidade necessária, a aplicação da doutrina aos factos.

É também possível que, em muitos casos, tenha faltado aos Bancos Centrais a autoridade ou a competência necessárias para evitar que a corrente monetária fosse desviada em sentidos diferentes daqueles que estão definidos na Teoria da Moeda. Ou, então, tendo aceite o princípio «de que se a moeda, dadas certas circunstancias, fosse produzida como um cereal ou fabricada como um automóvel, as depressões seriam evitadas ou atenuadas» deixassem converter, alegremente, uma boa parte do capital keynesiano em capital especulativo.

Uma máxima resulta de tudo isto: Os povos pagam ás vezes muito cara a glória dos seus grandes homens.

E aqueles que vivem de importar os resíduos das ideologias estrangeiras pagam ainda mais caras a imoralidade e a falta de personalidade das suas «élites».

ARTHUR RIBEIRO LOPES

Morte de um médico

quando pretendia

subir para um «eléctrico»

Cerca das 13 horas, quando o médico estomatologista sr. dr. António Albuquerque do Amaral Figueiredo, de 36 anos, casado, residente na Rua da Junqueira, 241, 1.º, pretendia apanhar um «eléctrico», em andamento, na mesma rua, caiu. Socorrido por vários papulares e conduzido num automóvel á sala de observações do Hospital de S. José, com vários ferimentos, chegou ali já morto, pelo que o cadáver foi removido para a Morgue.

Um novo encontro

Na Casa do Alentejo, depois de amanhã, ás 20 e 30, realiza-se uma sessão do «Coenaculum Arcus-Iris» em que serão debatidos assuntos relativos á conexão da Engenharia e Medicina para com a Industria.

Pronunciam palestras os srs. prof. dr. Diogo Furtado, sobre «O problema do alcoolismo»; e o agente-técnico de Engenharia Herbert Aprá, sobre «O problema da poluição atmosférica».

Começou hoje *o julgamento* de uma quadrilha que roubou automóveis

O movimento judicial, na Boa Hora, vai entrar agora em grande actividade.

Esta tarde, reuniu-se o 1.º juizo criminal, em audiência colectiva, presidida pelo corregedor sr. dr. António de Almeida Moura, ladeado pelos juizes-assessores srs. drs. Constantino Meneses Cardoso e Bettencourt da Camara, e tendo como ajudante do procurador da Republica o sr dr. Delfim das Neves, para ser discutido um processo instruído pelas autoridades policiais contra catorze indivíduos acusados de praticar mais de trinta roubos, ou como encobridores, cumplices e receptadores. São duzentas pessoas que figuram como declarantes, testemunhas de acusação e de defesa. Na discussão intervêm, como patronos dos réus, os srs. drs. Arlindo Vicente, António Maria Pereira, António de Sousa, Álvaro Frazão, Lino Pinto e a dr.ª Emilia Fernandes.

Estão pronunciados Albino dos Santos, de 28 anos, electricista, da Pampilhosa da Serra; Jaime Lucio Fernandes, de 37 anos, canalizador, de Belmonte; José Matos Vieira, de 28 anos, ajudante de serralheiro, de Lisboa; Manuel Alves Simões, de 29 anos, ferro-velho, da Pampilhosa da Serra; Manuel Gonçalves Martins, de 23 anos, motorista, do mesmo concelho; Diamantino Ferreira Porto, de 39 anos, canalizador, de Lisboa; João dos Santos Costa, de 35 anos, operário, da Covilhã; José Ferreira Baptista, de 42 anos, o «alfaiate», de Porto Mós; Américo Anjos Branco, de 30 anos, negociante, da Pampilhosa da Serra; Mário Tavares de 54 anos, comerciante, do Montijo; Albino Perez Martins, de 29 anos, empregado no comércio, de Pontevedra; Arnaldo Alberto, de 33 anos, comerciante, de Reims (França); Ortília Maria Ferreira, de 42 anos, serviçal dos Hospitais Civis de Lisboa, e Augusto Rodrigues Gonçalves, de 30 anos, comerciante, de Monção. Segundo o processo, os roubos, que foram praticados durante o ano de 1953, consistem em tirar os pneus, rodas, faróis e outros materiais de automóveis. Os principais culpados desenvolviam a sua actividade em Castelo Branco, Abrantes e Lisboa. Roubavam, também, gasolina e géneros alimentícios.

A audiência de hoje, se não sofrer qualquer alteração, será preenchida apenas com o interrogatório dos réus.

Reuniões científicas

As III Jornadas Internacionais de Pediatria

As III Jornadas Internacionais de Pediatria, que ontem se inauguraram, com toda a solenidade, na sala das sessões do Hospital de Santa Maria, prosseguiram esta manhã. Nas primeiras sessões científicas apresentaram trabalhos os srs. prof. M. Bernheim, drs. Armando H. Tavares e Mário Costa, prof. H. Hungerland, drs. Mário Cordeiro e Luís M. Pinto e prof. Salazar de Sousa. Ás 11 horas foi oferecido ás senhoras dos congressistas um passeio turistico pela cidade, com um almoço na Tágide. Ás 14 e 30, efectuou-se a 2.ª sessão científica, em que apresentaram trabalhos os srs. drs. J. Claret Corominas, Sheamus Dundon, Silva Nunes, prof. R. Grislain e prof. J. M. P. Jonxis.

Ás 18 horas realiza-se uma visita ao Instituto Aurélio da Costa Ferreira, e, ás 21 horas, haverá um banquete no restaurante Montes Claros, no Parque de Monsanto.

Homem queimado

num fogo de restolho

ÉVORA, 28 — Em estado desesperado, recolheu ao Hospital de Évora o agricultor Custódio Augusto Coelho, de 47 anos, casado, de Vila Nova da Baronia, que foi acometido de doença subita, na ocasião em que queimava restolho e caiu sobre as chamas, pelo que sofreu queimaduras horrorosas.

Vai casar a Fátima?

Mande fazer o banquete ou «copo de água» no Café-Restaurante Avé Maria. Sala própria. Telefone 41.

Após as conferências de Washington

Mac Millan expõe hoje ao seu Gabinete os pormenores do acordo anglo-americano

LONDRES, 28. — O primeiro-ministro britanico, Harold MacMillan, convocou para esta tarde uma reunião do seu Gabinete, a fim de apresentar um relatório sobre as suas recentes conferências com o presidente Eisenhower.

MacMillan, que regressou ontem a Londres, depois de ter conferenciado também, em Otawa, com o primeiro-ministro canadiano, John Diefenbaker, revelará, segundo se espera, aos ministros do seu Gabinete os pormenores do acordo sobre a necessidade de mais íntima cooperação científica anglo-norte-americana, principalmente nos campos das investigações nucleares e dos projecteis teleguiados.

Círculos bem informados dizem saber que o primeiro-ministro tenciona, também, referir-se aos planos para assistir, juntamente com o presidente Eisenhower, ao Conselho da Organização do Tratado do Atlantico Norte, que se reune em Paris, em 15 de Dezembro próximo.

Calcula-se que na agenda da reunião do Gabinete, esta tarde, esteja inscrito também o assunto das experiências britanicas com a bomba de hidrogénio, projectadas para breve data, na zona do Sul do Pacífico. O ministro da Defesa, Duncan Sandys, anunciou ontem que essas experiências serão levadas a efeito (crê-se que foi este um dos assuntos discutidos entre MacMillan e Eisenhower).—(A. N. I.).

O próximo acto : eleitoral

A sessão da U. N. esta noite em Aveiro

Realiza-se hoje, em Aveiro, uma sessão de propaganda promovida pela União Nacional. A sessão efectua-se no Cine-Teatro Avenida, ás 21 e 30, presidida pelo sr. conselheiro Albino dos Reis. Serão oradores os srs. dr. Jaime Ferreira da Silva, vice-presidente da comissão distrital da U. N. de Aveiro, e os candidatos pelo círculo srs. dr. Tarujo de Almeida, dr. Manuel Homem Ferreira e dr. Manuel José Archer Homem de Melo.

Outra sessão da U. N. em Braga

Amanhã, dia 29, realiza-se, em Braga, na Biblioteca Publica, com início ás 21 horas, uma sessão de propaganda eleitoral promovida pela União Nacional. Será presidida pelo sr. dr. Rebelo de Sousa, subsecretário da Educação, e candidato a deputado pelo círculo, e nela discursarão os srs. dr. Felicíssimo Campos, presidente da comissão distrital da U. N.; os candidatos a deputados pelo círculo, srs. drs. Alberto Cruz e Augusto Cerqueira Gomes; e os srs. Adriano Fernandes Costeira, operário da industria têxtil, e Miguel Trigueiros, poeta.

Foi adiada a sessão no Funchal

Devido ao mau tempo, o hidro-avião da linha Londres-Lisboa-Funchal em que devia seguir hoje para a Madeira o sr. dr. Costa Leite (Lumbrales) a fim de presidir a uma sessão de propaganda eleitoral, só amanhã de madrugada deverá amarar no Tejo.

Por esse motivo e por não se saber ainda quando partirá, a referida reunião foi adiada para quarta-feira.

Um encontro dos candidatos oposicionistas com a Imprensa

Os candidatos independentes do Porto, Braga e Aveiro para as eleições á Assembleia Nacional promovem uma conferência com a Imprensa portuguesa e estrangeira amanhã, a qual se efectuará no decurso de um almoço, marcado para as 13 horas, no Hotel Império.

O subsecretário da Educação

visitou a Biblioteca Municipal do Porto

PORTO, 28—Ao princípio da tarde, chegou a esta cidade o dr. Rebelo de Sousa, subsecrtário da Educação Nacional. Cerca das 15 horas aquele membro do Governo visitou as importantes obras de remodelação e ampliação efectuadas na Biblioteca Publica Municipal. Depois, numa das salas, efectuou-se uma sessão, a que assistiram o chefe do distrito, o presidente da Camara, o vice-reitor da Universidade e professores universitários, reitores dos liceus e professores, candidatos a deputados e outras individualidades.

Usou da palavra em primeiro lugar o director da Biblioteca, dr. António Cruz, e falou a seguir o dr. Rebelo de Sousa, que pôs em evidência o valor das obras efectuadas e se referiu á reforma e ampliação das bibliotecas do País.

Seguidamente, o dr. Rebelo de Sousa foi inaugurar os edifícios escolares da Rua Frei Heitor Pinto, Sé e Lordelo.

Subsecretário do Comércio e Industria

O subsecretário do Comércio e Industria, que se encontra nesta cidade, visita, ao fim da tarde, a Exposição Técnica de Calçado, que se encontra patente ao publico, no Pavilhão dos Desportos.

TEMAS DE TURISMO

Olhão e... Dinamarca

Num destes ultimos dias, encontrando-me em casa para jantar, oiço baterem-me á porta. Supondo que me viessem chamar para algum enfermo da *gripe asiática* em voga, corro á janela... «Doutor, preciso de si» — diz-me um amigo que vejo em baixo. — «Está aí um casal dinamarquês que há pouco encontrei na rua á procura de hotel ou pensão... Num inglês de fantasia lá consegui entender-me com eles, e levei-os para a Pensão Helena... Tenha paciência Como não há comissão de turismo, tem que ser assim... Eles falam francês e alemão...»

Claro que em face disto, não quis deixar de acompanhar o meu amigo, — para dar algum remédio a esta moléstia... turistica.

O casal estava a jantar; ele, entre 30 e 40 anos, um rapaz magro mas forte, com uma curiosa barbicha, em bico e a orlar-lhe os maxilares em volta, á cómica maneira grega antiga; ela, algo mais jovem, tipo nórdico, de rosto claro, franco, vivo, fisionomia risonha, muito simpática. Estavam comendo eirós que parecia não lhes agradar — em todo o caso, peixe que desconheciam... E preferiram passar ao prato de carne que a criada me indicara e eu lhes comuniquei em alemão, ficando agradados... Como eles falavam pouco o francês, foi de mistura com o meu alemão destreinado (que todavia entendiam menos mal), que chegámos a uma compreensão quase suficiente... Dizendo-lhes eu que lhes poderia trazer um livro em alemão para melhor se informarem quanto a Olhão — o livro excelente do dr. Jacob Job,—«Portugal — Land der Christusritter»—responderam-me que o tinham já e precisamente por ele se haviam guiado, vindo a Lisboa, por Setubal, Portinho da Arrábida, Praia da Rocha, Faro...

Dizendo-lhes eu que era médico e declinando o meu nome, ficaram muito agradavelmente surpreendidos por se encontrarem diante do *velho dr. Lopes* de quem o dr. Job fala como de *ein Phaenomen*, tendo-me visto através da sua lisonjeira imaginação de literato... E combinámos, depois do novo encontro nessa noite, em que os levaria em digressão através do labirinto olhanense da Barreta e da típica *Travessa dos Abraços*, percorremos na manhã seguinte, no *Wolkswagen*, que traziam, a vila, com a subida aos mirantes mais altos, da *banda do levante* e do poente, para assim levarem de Olhão uma visão panoramica completa e exacta — e não só visão nos olhos, mas captação fotográfica, pois esquecia-me dizer que o casal é de fotógrafos de Imprensa, de Lyngby — *Pressfotograf*, ele, segundo o cartão que me oferece, e sua esposa ela, segundo o passaporte que casualmente lhe vejo...

Depois do passeio nocturno, mostrando-lhes no Café Comercial, as muitas e belíssimas grandes fotografias mais representativas da característica olhanense de *soteias, mirantes, contramirantes e pangaios*, muito palestrámos sobre várias particularidades dos nossos respectivos países... Não é de admirar que na Dinamarca não haja amendoeiras, só conhecendo eles as amendoas, lá como fruto estrangeiro... Mas não conheciam senão as amendoas duras, e nunca tinham ouvido falar, nem faziam ideia das *farrobas* que se dão aqui a comer ao gado, mas que as pessoas também comem, cruas ou torradas, fruto seco, doce, excelente... A tal respeito, aproveitei o ensejo para lhes explicar que, dizendo-se em português *alfarroba*, aqui no Algarve se diz *farroba*, com mais arábica propriedade linguistica, sendo superfluo repetir o artigo representado pelo *al*. E do mesmo modo se diz *soteia*, em vez de açoteia, visto ser corrupção lusitana de *assotua* que em árabe quer dizer *o terraço*. (O mesmo para *o Corão*, em vez de *o Alcorão...*). Curiosa foi a revelação que me fizeram da reacção nacional dinamarquesa durante a ocupação alemã, deixando os Dinamarqueses crescer os cabelos e a barba, nas mais diversas configurações, para se não confundirem com as cabeças rapadas e as caras glabras dos detestados nazis!

A digressão matutina, embora um pouco *à vol de oiseau*, dados os meus afazeres e a coincidente pressa de eles em seguirem para Espanha ainda cedo, foi no entanto suficiente para admirarem bem o panorama geral e os panoramas parciais e fragmentários, que bastamente fotografaram, desta terra, pelo seu aspecto aéreo, unica no Mundo, — pois assim se pode logicamente considerar, visto, conforme o dr. Job bem marcou no seu livro ser *uma terra como não se encontra nenhuma outra na Europa;* e, não se encontrando tão-pouco nada igual nem em Marrocos, nem pela orla norte-africana fora, nem em todo o Oriente, próximo ou remoto, não haver outra conclusão a tirar... Levianamente, pode-se falar de Marrocos; mas é preciso não confundir as realidades: em Marrocos as casas têm soteias, sim, mas estas, ou não têm parapeito, ou o têm muito baixo, visto não serem utilizadas para se subir lá, e em particular, (como mo asseverou aqui o professor Lévi-Provençal), as mulheres estarem proibidas pelo Corão de ali se exibirem... Ora em Olhão, não há soteias senão de parapeito alto. E, por outro lado, como em cima da soteia, a um canto, se põe uma casa — *a casa de cima da soteia*, ou *a casinha*, como também se lhe chama, — esta casa termina, não por um telhado, mas por uma nova soteia, naturalmente mais pequena mas também de parapeito alto, a que se chama *o mirante*, ao qual se sobe por escada fixa de pedra e cal, temos assim uma sobreposição de terraços que não se encontra em nenhum outro sítio. E como sobre este mirante se eleva, por vezes, a um canto, um outro esboço de mirante, ou mesmo um autêntico 2.º mirante, mais pequeno mas da mesma largura e feitio, chegou-se aqui até 3 terraços de parapeito alto sobrepostos. Outra particularidade é a seguinte: o Olhanense, como o moiro, impede a sua soteia ao estranho: quer dizer só se pode subir á soteia, de dentro de casa, nunca da rua, (como uns arquitectos ignorantes aqui vieram fazer há anos num bairro novo, modelar, de resto em tudo o mais...) De modo que, se a casa tem quintal, se subirá a partir deste.. Mas se o não tem, então... forçoso se torna romper o pavimento da soteia, — mas não fazendo um alçapão de levantar e baixar (como outros ignorantes arquitectos aqui vieram inovar em casas dum outro excelente bairro mais moderno) mas sim, seguindo a tradição de elevar sobre a soteia um alçapão fixo, uma espécie de guarita, com uma parte inclinada servindo de tecto á escada e uma outra horizontal que serve de tecto ao patamar, á entrada para a soteia, com a respectiva portinha. Ainda sobre o plano inclinado, ladrilhado, se põem por vezes uns degrauzinhos que permitem a subida ao tecto do patamar, o qual então, cercado dum parapeito alto que lhe dá o aspecto de um pulpito, constitui um embrionário mirante...

Eis o que se nota em Olhão, pode dizer-se sem receio, e em parte nenhuma mais, como coisa própria e tradicional, á qual nenhuma melhor comprovação *cientifica mundial* poderia ter sido trazida do que a dos 35 membros do Congresso Internacional de Geografia, há meia duzia de anos realizado em Lisboa, os quais digressando aqui, eu tive a honra de receber e acompanhar, homens de ciência e pessoas viajadas, dos mais diversos países, inclusive um Turco, professor em Ankara, e por mim interrogados, tive o gosto de ver que foram unanimes em me dizer que isto que se via aqui não tinha igual em parte alguma.

Voltando ao casal dinamarquês, a quem em minha casa mostrei o retrato da mais nova das minhas cinco filhas, — a Selma, de tipo e afinidades nórdicas de espírito — talvez pela via do sangue de meu pai, oriundo do nucleo celtico tradicional de Quelfes (corrupção lusitana do germanico *Welfen*), pedi-lhe, como recordação, que me mandassem uma gramática e um dicionário da língua do seu país, pois bem poderia a minha germanica filologa curiosa algum dia ter interesse em aprender, também dinamarquês...

Do meu amigo olhanense (o F. Cruz) que descobrira o casal e me chamara para eu o socorrer, levou este, como recordação amável e saborosa a oferta de 4 excelentes latas de sardinha portuguesa em azeite puro das nossas oliveiras — conserva de fabrico esmerado especial para consumo privativo, e uma garrafinha de amostra de Vinho do Porto, dum tipo superior. Não quero esquecer, pela sua ingenuidade, a espontanea oferta, por uma humilde mulher do povo, numa casa a cujo mirante subiramos, de uma minuscula imagem rosea da Nossa Senhora de Fátima, na sua redoma — presentezinho que muito cativou a gentil dinamarquesa...

Assim, por esta forma de pura generosidade algarvia, retintamente olhanense, se faz, á margem do Turismo oficial, propaganda das nossas virtudes, dos nossos aspectos e dos nossos produtos — levada, no caso, até á revelação da existência de amendoas cocas, que se partem a dente, e das farrobas de que o casal levou também um cartuxo cheio, tendo eu partido uma que lhes dei á provar, saboreando-lhe eles, como eu, a doçura — para eles de novidade absoluta...

Tão contentes se foram, que ficaram de voltar daqui a dois anos!...

Então, prometemos: o meu amigo Cruz saber já falar inglês e eu ter refeito devidamente o meu alemão de há cinquenta anos!...

FRANCISCO FERNANDES LOPES

Um morto e três feridos num desastre na estrada do Porto a Lisboa

PORTO, 28. — (Pelo telefone). — Ao dirigir-se para esta cidade, um automóvel conduzido pelo funcionário da Faculdade de Ciências de Coimbra sr. Armando Manuel Pereira Mendes, de 31 anos, casado, foi embater violentamente com uma camioneta de carga que seguia em sentido contrário, conduzida por Manuel Rodrigues de Almeida, morador em Oliveira de Frades.

O desastre deu-se no lugar de Vergada, Vila da Feira, na ocasião em que o condutor da camioneta teve de fazer uma travagem brusca, para evitar embater com outra que, inesperadamente, parara á sua frente.

Ao tentar desviar-se o automóvel foi embater violentamente com a frente da camioneta.

No carro seguiam, além do condutor, sua esposa, Maria Dulce Teixeira, de 28 anos; a mãe, D. Maria Pereira Figueiredo Mendes, de 67 anos, casada; e ainda a serviçal Alzira da Conceição Carvalho, de 65 anos, todos residentes na Rua do Colégio Novo, 9, em Coimbra.

Do desastre, resultou a morte da serviçal e ficarem feridos todos os outros ocupantes do veículo, que foram transportados em automóveis particulares ao Hospital de Santo António, onde, á hora a que telefonamos estão a ser radiografados.

LAMPADAS FLUORESCENTES

10.000 Horas de Duração — Luminosidade 0.60 lumens por Watt

As lâmpadas fluorescentes que por inigualável duração resultam serem as de mais baixo preço.

EM EXPOSIÇÃO

Candeeiros ultra-modernos em metal, em plástico e em vidro para iluminação fluorescente.

• • •

Modelos inéditos de lustres em cristal «MU RANO» (Veneza) para iluminação incandescente.

ARMADURAS ESTANQUES

Inteiramente em material plástico, decorativas, inalteráveis, incorrosíveis, extraordinária luminosidade (95 %), óptimas para iluminação pública, jardins, Hangares, Fábricas, Túneis, etc.

Representantes em exclusivo para Portugal:

ELECTRO IMPORTADORA, LIMITADA

Praça da Alegria, 44-1.º — Tel. 34774 — LISBOA

Leiam o jornal humoristico

sempre fixe

De ontem para hoje

MAL E REMÉDIO

A notícia não é de cá, mas cá nos chega e nos toca pela porta com o advento da televisão: adeverte-nos uma médica americana dos riscos de se permanecer muito tempo imóvel, sentado, em posições tais como de perna dobrada, joelho fortemente apoiado numa cadeira, etc., a ver a televisão. E morre-se disso, pelos riscos de formação de coágulos sanguíneos, diz a médica. Mas, de duas uma: ou o risco existe, pela posição, e dele terão de ser advertidas todas as pessoas, mesmo as que não têm receptor de TV; ou, então, o remédio será o de eliminar o risco de ver os espectáculos da televisão, de que efectivamente temos ouvido muito boa gente queixar-se...

PREVER E CONTAR

POR uma notícia de S. Paulo, publicada esta manhã, ficamos sabendo que a diminuição do tráfego no aeródromo da ilha do Sal, inaugurado há seis anos, levara á decisão de suprimir uma parte das suas instalações. A decisão foi transmitida á comissão especial criada durante a Conferência de Navegação Aérea realizada em S. Paulo sob o patrocínio da O. A. C. I. Administrar é prever — o que nem sempre é tão fácil como parece aos que jogam de fora. Mas trata-se realmente de uma perda de posição que não se assinala sem desgosto.

O VULGAR E O RARO

AS celebridades passam ao nosso alcance com uma frequência que já climina todo o perfume de raridade. As pessoas somam-se as coisas na mesma lei. Agora foi um ovo de dinossauro, que passou no aeroporto quase sem se dar por ele, exactamente como, recentemente, passou um caixote de lingotes de ouro que andou ali, tranquilamente, sem guarda e sem escolta, sem se saber o que era e quase sem se saber onde estava... O ouro lá seguiu o seu destino, como o ovo seguiu o seu — com dois riscos de giz do agente aduaneiro: «O. K.».

VIVER E SORRIR

CONTA o «Diário de Notícias» a história da boa senhora Venancia Maria, de S. Marcos da Serra. Completou cem anos. Alegre e bem disposta, tem muito a contar, a começar pelos descendentes: 6 filhos, 21 netos, 22 bisnetos. E' o seu mundo vivo. O mais são recordações — a gente que viu, os noivados a que assistiu e para que preparou, como era e ainda é jeito seu, vistoso bragal animado de portentosas bordadarias. E lá vai, sorrindo e lembrando, chamando a si a presença viva dos que ficam depois dela a prolongar-lhe ao menos a alegre recordação da sua centenária juventude.

HOJE E AMANHA

UM acidente no Porto: uma criança de três anos (Maria de Lourdes Ferreira) brincava com um aparo, que engoliu. O aparo cravou-se-lhe na garganta e a menina morreu perante o desespero de todos, pais e vizinhos. Podia ficar por aqui a referência. Tudo o mais que se dissesse e escrevesse — que adiantaria ao que cada um será inevitàvelmente capaz de pensar? As crianças são um mundo á parte, diferente do nosso porque é o mundo que ficará depois de nós. Mas não podem isentar-nos da responsabilidade de amparar e vigiar todos os passos da sua formação.

JORNAL PEQUENO

NO programa das inaugurações de melhoramentos locais: os que ontem inaugurou o subsecretário de Estado do Comércio e Indústria no concelho de Valpaços (luz eléctrica). ✱ Mulher assanhada de ciumes (50 anos) agarrou na machada e vibrou um golpe que deixou o marido (José da Silva, 48 anos) em estado gravíssimo no hospital de Paredes. ✱ No lugar do Zambujal, dois rapazinhos houveram á mão uma caçadeira com que brincaram. Disparou-se um tiro que matou uma das crianças (Dario Ferreira Louro, 12 anos). ✱ De Torres Novas dizem que está inquinada a água de alguns poços de Parceiros de S. João. E' desses poços que se abastece a população do lugar.

Manhã na praça

Bom peixe e com fartura

Afinal, os preços, ás vezes, oscilam. Não são sempre iguais na Praça da Ribeira, onde esta manhã, ás 11 horas, ainda havia tanto peixe que daria para abastecer os habituais consumidores deste mercado. Talvez por isso, os preços acusavam, áquela hora, a tal pequena descida. Quer dizer, a melhor pescada de Sesimbra vendia-se a 30$00, o linguado grande e médio, do mais rosado, pagava-se a 28$00 — algum também, a 32$00 — que era o preço do salmonete, e o pregado, grande e fresco, a 24. Havia também garoupa, goraz e lulas a 13 e 14$00, pargo a 7 e a 13$00 — o de Sesimbra — enguias, a 15$60, lulas, a 11 e 12$00, pescadinha branca, de enrolar, a 12$00. E havia, sobretudo, taínha, carapau, bogas e sardinha, a 6$00 — desta ultima, também a havia, mais pequena, a 4$50 e ainda para mais barato, bom chicharro, a 3$00 e cachucho, a 4$50.

Deverá dizer-lse que a lagosta se vendia a 80$00?

As bancas de carnes brancas vinham-se abaixo com a caça do tempo, quer dizer, perdizes, a 14$00, lebres a 21 e 24$00, coelhos bravos, a 14 e 15$00. Da criação ou espécies de capoeira, as castas foram abolidas: galinhas, coelhos e cabritos vendiam-se a 22$00, por um pato vimos pedir 25 e por cada borrachinho, 7$50 (os ovos estão a 13 e 13$50).

Vemos que os legumes vão acusando a frescura do Inverno, embora as chuvas sejam ainda pouco animadoras. Mas os nabos — seis, 2$50 — e as nabiças e grelos — $50 e 1$00 os molhos mais pequenos e os maiorzinhos. Havia também cenouras a 3$00 o quilo, couves-flores, de tamanho médio, a 4$00, couves portuguesas a 1$50, pimentos e alfaces, a $50.

Saudámos, nas bancas das frutas, o aparecimento de laranjas da época. São quase doces e custam 12$00 (as velhas, secas, pagam-se até a 4$50 cada uma...).

Mesmo assim, uma dona de casa experiente lamentava-se:

—O que se gasta em açucar, para as adoçar, encarece-as tanto, que só ricos as podem pagar.

Há sempre espíritos de má vontade prontos a escurecer as realidades...

DONA DE CASA

Simulou-se um naufrágio na Na

(a que não faltou chuva artificia

para figurar num filme a cores e em cin

Os dois principais intérpretes da sequência da Nazaré — ele pescador, ela mulher do mar — em troca de impressões com o redactor do «Diário de Lisboa»

Na rodagem desta cena de tuguesa» foram utilizados c do Exército, um pronto-soc beiros e 150 figur

(Do nosso enviado especial)

Não se usou a expressão bíblica «fiat lux». Mas a luz fez-se, na noite escura do areal macio.

Oito potentes projectores do nosso Exército, colocados em pontos estratégicos, ao longo da Avenida da Republica, que corre paralela ao mar, rasgaram o negrume com as suas línguas de luz branca e quente. Um deles, acestado sobre o Sítio, recorta, ao fundo, a silhueta gigantesca da falésia rugosa que cai a pique sobre a água. A meio da praia, mais vinte pequenos projectores transformam a noite em dia.

A Nazaré, que o turista deixou entregue á sua fisionomia normal, logo que os primeiros frios anunciaram o Outono, transfigurou-se esta noite. De pobre vila piscatória—que o turismo ainda a não enriqueceu—transformou-se em monumental «plateau», onde uma jovem, mas já experimentada equipa de cinegrafistas, registou uma das principais sequências do filme «Rapsodia portuguesa», a primeira produção nacional a cores e em cinemascópio.

Segundo o argumento de Fernanda de Castro e António Ferro, que ainda ouviu ler parte da planificação, já nos ultimos dias da sua vida, «procura obter-se, neste filme, uma síntese tão completa quanto possível da vida e alma do povo português. Renuncia-se a todo o artifício, para que a verdade surja das imagens em toda a sua beleza, com esse misto de realismo e de poesia que é uma das mais fortes características da alma nacional».

Para cinematizar «Rapsódia portuguesa» foram escolhidos Filipe Solms e João Mendes, dois nomes que o publico conhece sobejamente e que assinam, respectivamente, a produção e a realização. São eles os responsáveis pelo trabalho do grupo de técnicos, onde figuram elementos a que o cinema nacional deve já alguns dos seus melhores momentos: o operador Mário Moreira, o chefe de produção Carlos Ribeiro, o assistente de produção António Veríssimo e o assistente de realização Hipólito Raposo.

Juntos percorreram já quase todo o Norte do País, recolhendo perto de um terço das imagens necessárias a este grande documentário que, em princípio, reune todos os requisitos para ser, no estrangeiro, excelente elemento de propaganda das nossas belezas paisagísticas e humanas. Compreende-se, por isso, que o S. N. I. se tenha interessado directamente pela sua realização, subsidiando os trabalhos de filmagem, iniciados há meses, durante as ultimas festas do Colete Encarnado e que prosseguiram depois em pleno Minho, na época buliçosa dos arraiais e romarias; nos socalcos tisnados do vale do Douro, quando os cachos doirados vão das vínhas para as dornas; e na Apúlia, para fixar o labor estranho dos sargaceiros, homens da terra que vivem os seus dias implantados nas salgadas águas do oceano.

Cumpre-se assim a rubrica, onde está estabelecido que «o cenário será portugal—o mar, os rios, a montanha, a planície; a personagem principal o povo—o povo que chora e ri, que trabalha e dança, que nasce e morre sob a mão de Deus. Nenhuma cena será inventada, mas vivida no local próprio, renunciando-se á tentadora colaboração de artistas profissionais para que nada se perca de uma emoção que só a verdade consegue dar a obras desta natureza».

A «vedeta» Nazaré

A Nazaré figura no filme como uma das suas principais vedetas.

Ali se instalou, há perto de duas semanas, a equipa que não teve ainda um momento de descanso, apesar da sua tarefa ter sido muito simplificada graças á colaboração das autoridades locais e muito especialmente do sr. Guilherme Ramos, vice-presidente do Município, que mais de perto lidou com os homens do cinema, prestando-lhes uma assistência de tal forma valiosa que chegou ao ponto de ceder a pensão de que é proprietário para alojamento exclusivo dos componentes da equipa.

A pitoresca vila piscatória, aliás, já está acostumada a estas andanças. *Fazer* cinema, para ela, não constitui novidade. Está farta de ser filmada, por profissionais e amadores, em todos os formatos e de todos os feitios. Ainda não há muito tempo ali estiveram, durante mais de um mês, perto de meia centena de cineastas que deixaram bem assinalada a sua presença... (Só as dívidas em dinheiro atingem a casa das quatro dezenas de contos...).

A Nazaré já está habituada e par-

da si turno, a pescador res garri pelas ca ou a rap reta á c para a rodadas muito b —quanto

Um de no l d

Não a tre nós. daquela «O Sécu promove de Arte tente n F. I. P. zação e de todas Para mais at a comiss a vinda nhas» d ontem... blico nu dois esp la graça ram nu encantar Pela num va filaram landesa lançada, sorriso uma av mo o pe taça de sia», doi que par da vid «tcharch uma flo teante e apresen dos mod ris e t países. naram la rique dos, pel pelo pit cia das file, não que est vistosos as bord vradeira Im fest De qu gostou eleganci da Rue ao I S uma va blico da dade e

O ministro das Corporações em visita ao Algarve

FARO, 28 — O ministro das Corporações e Previdência Social, continuando os seus trabalhos no Algarve, tratou com o delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, dr. António Teixeira Marques, de assuntos de interesse social para o distrito.

Seguidamente, recebeu as direcções do Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Faro e do Sindicato Nacional dos Operários Conserveiros do Distrito de Faro, Secção de Portimão. Estes corpos directivos apresentaram ao ministro vários problemas de interesse para a classe que representam, os quais foram analisados no decurso de reunião.

O problema relativo á construção de sedes, em Faro, para o Sindicato dos Motoristas, e, em Portimão, para a Secção do Sindicato dos Conserveiros, foi também apreciado. Aquele membro do Governo prometeu conceder todas as facilidades para tornar possível a realização daquela aspiração dos referidos organismos.

O sr. dr. Veiga de Macedo regressa, em seguida a Lisboa, acompanhado do secretário, dr. Queirós Nazareth.

DESPORTO MILITAR

Otto Bumbel foi convidado para treinador da Aeronautica

O treinador do Lusitano de Évora, Otto Bumbel, foi convidado para assumir as funções de treinador da Aeronáutica que, como se sabe, vai concorrer aos campeonatos respectivos. O assunto deve ficar resolvido durante esta semana.

Capitão sem navio...

ISCHIA (Itália), 28 — Pela primeira vez, na Itália, foi concedido a uma mulher o diploma de capitão de longo curso.

Trata-se de Carmela Ridda, de 18 anos, que concluiu com êxito os seus estudos no Instituto Técnico e Naval da Procida.

Todavia, como as actuais leis interditam ás mulheres a carreira de oficial de Marinha, Carmela Ridda inscreveu-se no Instituto Naval Superior de Nápoles, a fim de obter o diploma de ensino. — (A. N. I.).

A Antiga Casa José Alexandre

Tem a honra de convidar os seus Ex.mos Clientes a visitarem a exposição

«A DECORAÇÃO DA MESA EM FRANÇA»

na qual serão principais expositores as suas representadas

ORFÈVRERIE CHRISTOFLE
CRISTALLERIES DE BACCARAT
LE TALLEC

que estará aberta até 31 do corrente, nas suas salas na Rua Garret, 8 a 18.

ORFÈVRERIE CHRISTOFI
CRISTALLERIES DE BACC
LE TALLEC

Têm a honra de convidar V. Ex.ª a visitar nas salas da A JOSÉ ALEXANDRE, Rua Garrett, 8 a 18, a exposição

«A DECORAÇÃO DA MESA EM FRAI

que estará patente até 31 do corrente.

...a Nazaré

...artificial)

... em cinemascópio

...sta cena de «Rapsódia Por-
... utilizados oito projectores
...m pronto-socorro dos bom-
...s e 150 figurantes

Sobre um praticável, Mário Moreira (operador) e João Mendes (realizador) recolhem imagens para o filme

...da sua gente começa, por seu turno, a explorar esse hábito. O pescador de barbas, vestido de cores garridas, espalhadas em xadrez pelas camisas e ceroulas de flanela, ou a rapariguinha airosa que acarreta á cabeça as gamelas de peixe para a lota, saracoteando as onze rodadas saias da usança, sabem muito bem—por vezes bem demais—quanto valem como cartaz turís-tico e dispõem-se a explorar por conta própria a situação privilegiada de que gozam junto da curiosidade de nacionais e estrangeiros que visitam a vila. Gradualmente, de há um ano a esta parte, todos os Nazarenos, ou pelo menos a sua grande maioria, se transformaram em modelos profissionais. Sabem posar com toda a naturalidade, verdade se diga. Mas não passe pela cabeça de ninguém que eles o façam, sem a intenção de verem remunerado o seu serviço...

Se o turista desprevenido fotografa um grupo de pescadores, sentados na praia, a consertar as redes, por exemplo, fica admirado como nenhum deles olha a objectiva da máquina fotográfica, o que levaria ao malogro das possibilidades dum bom instantaneo. E, o que é mais, cada um deles soube, no momento próprio, tomar naturalmente a atitude que mais convinha ao fotógrafo. Este tem, na verdade, razão para se admirar com o facto. Mas muito mais admirado ficará quando, depois de obtida a fotografia em questão, um dos pescadores se lhe dirigir para receber a recompensa do favor prestado. E não basta qualquer meia duzia de escudos, pois os Americanos onera-ram a tabela de gratificações com a sua larga distribuição de dólares.

Folclore a metro

Durante o Verão, quando a afluência de visitantes o justifica, são muitos os pescadores—mais do que possa imaginar-se—que trocam a arriscada faina da pesca no mar, por outra mais calma e por vezes mais rendosa—a do turista.

E' para eles que vestem os trajos característicos, pelo menos a gente nova, já pouco respeitadora dos usos e costumes da terra. Há como que um abastardamento da beleza natural das gentes e das coisas. E sentimos pena ao ver comercializada uma personalidade tão característica.

Mas, até que ponto poderemos culpar os nazarenos deste estado de coisas, se a vida que para eles

(Continuação da 13.ª página)

Um espectáculo

de rara elegância

no I Salão

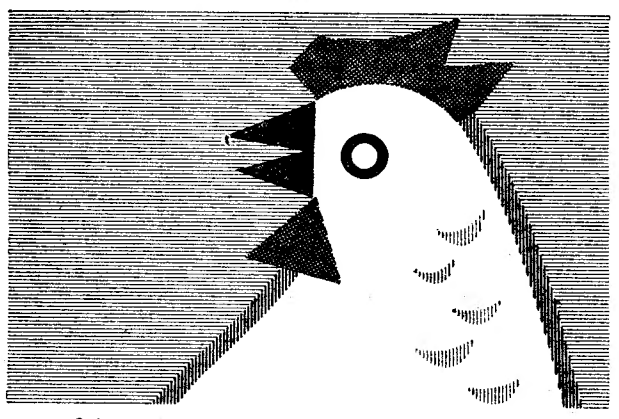
de Artes Domésticas

Não abundam, infelizmente, entre nós as iniciativas do género daquela que o nosso prezado colega «O Século» levou por diante de promover a realização do I Salão de Artes Domésticas, que está patente no magnífico Pavilhão da F. I. P., com um êxito de organização e de concorrência que excede todas as expectativas.

Para valorizar e tornar ainda mais atraente o empreendimento, a comissão organizadora promoveu a vinda a Lisboa de quatro «rainhas» de beleza, que anteontem e ontem se apresentaram a um público numeroso e interessado, em dois espectáculos que primaram pela graça e pela elegancia e decorreram num ambiente de sorridente encantamento.

Pela «passerelle» improvisada num vasto recinto da F. I. P. desfilaram «Miss Mundo», uma Finlandesa alta e loira, distinta e bem lançada, em cujos lábios gelou um sorriso nórdico; «Miss França», uma ave do Paraíso, tentadora como o pecado e capitosa como uma taça de champanhe; «Miss Tunisia», dois olhos negros e profundos que parecem espreitar o mistério da vida através do enigmático «tcharchaf», e «Miss Elegancia», uma flor cálida, de perfume estonteante e de curvas perigosas, que apresentaram alguns dos mais lindos modelos dos costureiros de Paris e trajos característicos de 21 países. Alguns destes impressionaram vivamente a assistência pela riqueza e pelo colorido dos tecidos, pela graciosidade das linhas e pelo pitoresco ou pela extravagancia das confecções. A coroar o desfile, não faltou um trajo minhoto, que estava longe de ser dos mais vistosos e dos mais ricos com que as bordadeiras de Viana ou as lavradeiras de Afife se apresentam em festas de circunstancia.

De qualquer modo, a assistência gostou e aplaudiu esta parada de elegancia que aproximou o Chiado da Rue de la Paix e proporcionou ao I Salão de Artes Domésticas uma valiosa atracção a que o público da capital acorreu em quantidade e em qualidade.



NÃO BASTA

O CALDO CHEIRAR A GALINHA

Os modernos mestres de culinária exigem-no

- MAIS RICO
- MENOS ENJOATIVO
- DE SABOR MAIS EQUILIBRADO
- CLARO E DOURADO
- VERDADEIRAMENTE SUCULENTO

É ASSIM O DELICIOSO

CALDO DE GALINHA MAGGI

- *É MUITO RÁPIDO:* prepara-se num instante
- *É ECONÓMICO:* um duplo bloco para 4 e 6 pessoas custa apenas Esc. 3$50
- *É PRÁTICO:* serve para preparar vários e deliciosos pratos culinários

CALDO DE GALINHA

MAGGI

O subsecretário da Assistência

inaugurou em Castelo Branco

uma enfermaria-abrigo

anexa ao Hospital da Misericórdia

CASTELO BRANCO, 28 — *(Pelo telefone)*—O subsecretário de Estado da Assistência, que ontem visitou Alcains, sua terra natal, onde foi alvo de carinhosa recepção, pelas autoridades e pelo povo, esteve hoje nesta cidade.

Momentos depois da sua chegada, o sr. dr. Pires da Cruz assistiu a uma missa, na igreja da Graça e, em seguida, na Misericórdia local, presidiu a uma sessão solene.

Usaram da palavra o provedor da Misericórdia e o delegado de Saude, que se referiram á necessidade de se construir o novo hospital regional.

Por fim, falou o subsecretário de Estado da Assistência.

O discurso do subsecretário

O sr. dr. Pires da Cruz começou o seu discurso recordando os laços de nascimento que o prendem á cidade de Castelo Branco, ao mesmo tempo que assinalou as transformações progressivas por que tem passado. Afirmou depois ter-se deslocado a Castelo Branco para tomar conhecimento directo dos seus mais salientes aspectos, tanto no que diz respeito a realizações como a necessidades, assinalando, porém, a importancia de governantes e autoridades locais trabalharem sem interrupção, sem perniciosas interrupções, mesmo em período eleitoral.

Prosseguindo, o subsecretário disse que o melhoramento hoje inaugurado — uma Enfermaria-Abrigo para Tuberculosos—revela o empenho posto pelo Governo na resolução dos grandes problemas nacionais.

«Por toda a parte—disse—de Norte a Sul do País, na Metrópole como no Ultramar há manifestações palpáveis desse empenho, resultados morais e espirituais dessa acção construtiva ao serviço do progresso nacional. Não podendo negar esta realidade — a todos bem patente — prosseguiu—procuram os chamados oposiocionistas minimizá-la. A crítica só seria correcta e construtiva se fosse acompanhada da indicação do que falta fazer e, simultaneamente, da análise do que se fez, a fim de se apurar se, nas condições em que se agiu, era possível fazer mais e melhor. Sabemos todos, na verdade, que muito há ainda a fazer, em todos os sectores da actividade do Estado».

Referindo-se á acção desenvolvida na luta contra a tuberculose, disse que o Governo, que nunca descurou o problema, assumiu deliberadamente a sua chefia e orientação ao criar, pelo decreto de 7 de Novembro de 1945, o Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos. «E nada foi regateado pelo Estado—disse—como o comprovam as importancias atribuidas para a luta contra a tuberculose terem subido entre 1952 e 1957 de 40 para 117 mil contos. Criaram-se brigadas de rastreio e de vacinação, actualmente em numero de 24, e todas devidamente apetrechadas. Os 70 dispensários e consultas — dispensários existentes em 1952 passaram a 136; e as 5.040 camas a 10.099. Teremos que nos empenhar — disse — aberta e decididamente na construção de centros de convalescença e de tratamento, completando-se assim o ciclo da luta anti-tuberculosa».

A inauguração da enfermaria-abrigo

Finda a sessão solene, o sr. dr. Pires da Cruz inaugurou a nova enfermaria-abrigo, que funcionará anexa ao hospital da Misericórdia. Esta enfermaria, que foi benzida pelo bispo de Portalegre, custou 700 contos e tem capacidade para 64 doentes. Foi edificada em seis meses.

Após o acto inaugural o subsecretário da Assistência visitou a nova enfermaria e todas as dependências do hospital.

No Hotel de Turismo foi depois oferecido um almoço em honra do citado membro do Governo o qual, durante a tarde, visitou as restantes obras assistenciais da cidade. Amanhã e depois, o sr. dr. Pires da Cruz percorrerá o concelho, em visita a várias obras de assistência.

Uma carta

do comodoro

Sarmento Rodrigues

...*Sr. director:*—Li com atenção a tréplica do sr. eng. Cunha Leal, cheia de vivacidade e com algumas alusões pessoais. Agradeço as apreciações favoráveis e não curo das ironias.

Como pessoalmente nada tenho contra o meu interlocutor — nem que o tivesse o traria para as colunas de um jornal — e não foi apresentado qualquer novo argumento para o exame dos princípios que se discutiam, considero inutil insistir, pelo que dou por finda a minha intervenção, lamentando que fossem tratadas como ofensivas palavras que se limitavam a condenar uma doutrina sem, evidentemente, procurar ofender o seu autor. Muito agradeço o acolhimento que v. teve a bondade de me dar no seu jornal e espero que me desculpe pelo tempo e espaço que lhe roubei. De v., etc. — *Sarmento Rodrigues.*

Desperdiçar não é grandeza! Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

R. da Prata, 257

As investigações

policiais

sobre o crime

no Cais do Tojo

As secções da Polícia Judiciária, que têm a seu cargo as investigações sobre os casos de homicidio e roubo, procedeu a diligências para descobrir os três meliantes que se introduziram na fábrica da Viuva Ferrão, Ld.ª, no Cais do Tojo, mataram o guarda João António Carvalho e roubaram 15 contos. O guarda nocturno da área, Manuel dos Anjos, estivera a conversar com o guarda da fábrica até cerca das 2 e 30, hora a que este lhe dissera que ia passar a ronda ás várias dependências e que depois se ia deitar. De facto ele tinha autorização da gerência para se deitar ás 3 horas, depois de uma ultima ronda.

O guarda nocturno foi depois postar-se á esquina da Calçada Marquês de Abrantes, de onde observava toda a sua área. Foi assim que, ás 4 horas, viu sair os três meliantes, um deles vestindo casaco escuro e calça clara, outro fato claro e ainda o outro de «pull-over», os quais deixaram a porta por onde sairam entreaberta, para o que se serviram das chaves que tiraram ao guarda assassinado. Tudo indica que os meliantes aproveitaram o momento que o guarda da fábrica conversava com o guarda nocturno para escalarem o muro do Boqueirão do Douro e subirem ao telhado do principal corpo do edifício, donde alcançaram a claraboia. Dali com o auxílio de uma corda, penetraram na oficina de litografia, que se segue á de funileiro. Devia ter sido naquela oficina que se deu o encontro entre os meliantes e o guarda da fábrica que teve ali o seu fim trágico.

Ainda se desconhecem os resultados das impressões digitais colhidas nos vidros da claraboia do telhado e de outros locais.

A Polícia ouviu hoje o gerente da fábrica sr. Luís Fontes Mota, o guarda nocturno da área Manuel dos Anjos e o encarregado da casa de dormidas Manuel Guille, que viu também os meliantes sair da fábrica.

O satélite

(Continuação da 1.ª página)

montada num armão de peça de artilharia naval. Pode tirar 60 fotografias por segundo até á distancia de 160 quilómetros. — (F. P.).

Caiu no mar uma esfera incandescente

SINGAPURA, 28. — Foi hoje avistado, em diversos sectores desta cidade, um objecto esférico, incandescente, que caía do céu e acabou por mergulhar no mar.

O director da escola inglesa de Fátima, a cerca de 10 quilómetros de Kuala Lumpur, declarou que o estranho objecto foi visto pelas crianças da escola, que se encontravam na hora do recreio e que o chamaram, prontamente. Segundo o relato das crianças, a «bola de fogo» — que pode ser o satélite artificial, na opinião do director — caiu a 6 milhas da costa, aproximadamente.

As autoridades locais e os jornais receberam telefonemas de diversas pessoas, que afirmaram ter também observado o fenómeno. — (A. N. I.).

Uma cadela «familiarizada» com a estratosfera

LONDRES, 28—A Rádio de Moscovo anunciou que uma cadela de nome «Kudryavka» tinha já efectuado várias viagens á estratosfera a bordo de um foguetão.

«Kudryavka» não se mostra assustada nem oferece resistência quando os cientistas lhe envergam um «fato do voo» especial, equipado com instrumentos que registaram o ritmo das pulsações e da respiração, bem como a pressão arterial da cadela durante as diversas fases das experiências.—(A. N. I.).

Desapareceu

em Valência

um bairro artístico

VALENCIA, 28 — O Bairro del Carmen, o mais antigo e artístico da cidade, vai desaparecer em resultado dos estragos causados pelas inundações, e em seu lugar surgirá um novo bairro. Foi o bairro mais castigado pelas inundações do rio Turia através dos séculos, desde o XIV, especialmente a do ano de 1358, justificando então a construção de muralhas de defesa que foram inuteis em 1957, mas que serão agora substituidas por modernos paredões. — (Efe).

Malograram-se

as negociações italo-etíopes

ADDIS ABEBA, 28.—As negociações italo-etíopes sobre o traçado da fronteira entre a Somália italiana e a Etiópia acabam de falhar definitivamente, passados quatro meses de discussões. Surgiram divergências entre as duas delegações quanto á interpretação da Convenção de 1908. Por decisão da Assembleia Geral da O. N. U., se as negociações não chegassem a bom termo o caso deveria ser submetido a arbitragem.—(F. P.).

Uma campanha

anti-holandesa na Indonésia

DJAKARTA, 28. — Numa manifestação a que assistiu ontem á noite o presidente Soekarno e muitos ministros, as organizações da mocidade indonésia pediram a intensificação da campanha para a libertação da Nova Guiné Ocidental. Esta manhã, em Djakarta, vêm-se estribilhos antiholandeses escritos na maior parte dos edifícios que são propriedade de empresas estrangeiras.—(F. P.).

DOMINGO, 3 DE NOVEMBRO

EXCURSÃO DA C. P.

A FIGUEIRÓ DOS VINHOS BARRAGEM DO CABRIL e CASTANHEIRA DE PERA

Preço 150$00

(Compreendendo: comboios rápidos — autocarros — almoço no Hotel Terrabela, em Figueiró dos Vinhos).

Uma assembleia

para tratar da fusão das mutualidades ferroviárias

Continuou hoje a assembleia-geral de «A Previdência do Ferroviário Português», com o objectivo de apreciar, discutir e votar o auto-projecto do estatuto da futura instituição que resultará da fusão desta colectividade com o «Montepio Ferroviário» e «Previdência do Ferroviário Reformado» e que se denominará «Previdência dos Ferroviários de Portugal».

Na assembleia anterior foram aprovados oito capítulos, e como os mesmos já foram aprovados nas assembleias-gerais das outras instituições, consequentemente pode prever-se que a fusão, que vai beneficiar cerca de 12.500 associados é já um facto, faltando, como é natural e até para cumprimento das leis aplicáveis, os respectivos estudos técnicos e ainda a continuação da aprovação dos restantes capítulos do ante-projecto do estatuto já referido.

Hoje foram aprovados, com emendas, os capítulos subordinados aos títulos «Beneficiários e Herdeiros» e «Fundos».

Os trabalhos desta assembleia continuam no próximo dia 11, pelas 18 horas.

O PORTO pelo telefone

A Policia acabou com o bailarico

PORTO, 28 — O sr. Manuel Magalhães, empregado do Matadouro Municipal e residente na Rua da Aguada, 98, tem em frente da sua casa um vasto terreno, onde ontem se lembrou de realizar um baile em que participavam 150 pessoas, dançando ao som de um amplificador. Tudo decorria normalmente até que apareceu um guarda da P. S. P., que pediu a licença do Governo Civil ao organizador do baile. Como este não a tivesse, intimou-o a acabar com o bailarico. Tal decisão não foi bem aceite por dois indivíduos, cuja identidade o agente da autoridade não averiguou, por se terem posto em fuga, e os quais, em termos violentos, protestaram contra a intervenção. Em face de tal atitude, o guarda fez uso do «casse-tête» e de tal maneira que o baile acabou.

Governador-civil substituto

Amanhã, pelas 15 horas, o dr. Moreira de Sousa toma posse, no Governo Civil, do cargo de chefe substituto do distrito, para que foi recentemente nomeado.

Afinal foi confusão

O sr. Arnaldo Fernandes da Rocha, comerciante, morador na Rua Padre Luís Cabral, 1.086, na Foz do Douro, queixou-se á Polícia de que os gatunos lhe furtaram o automóvel que deixara estacionado na Rua de Rovuma, mas, mais tarde, foi comunicar que o carro tinha aparecido na Rua Diogo Cão, e não na de Rovuma, onde julgara tê-lo deixado.

Bacalhau da Noruega

Procedente da Noruega, entrou esta madrugada em Leixões o vapor «Bohlnund», com cerca de 400 toneladas de bacalhau para o Norte do País.

Barco arribado

Com falta de nafta, arribou a Leixões o vapor dinamarquês «Lillaklinter», procedente de Casablanca e com destino a Copenhague, para onde seguiu depois de abastecido.

Cartaz do Porto

para amanhã, dia 29

COLISEU — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Paulo e Carolina».
S. JOÃO — A's 21 e 30 — «A Feiticeira da Floresta».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Perseguição Infernal».
OLIMPIA — A's 21 e 30 — «O Grande Bluff».
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Dois dias no paraiso».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O belo sexo».
NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «Sissi, a jovem imperatriz».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «O Anjo negro».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «O Grande Bluff».

Contos

O VELHO CAMPEÃO

por MARIA FERNANDA FRAGOSO

Ninguém o adivinharia, ninguém o acreditaria. O drama era só seu, dolorosamente apenas seu. De resto, nenhum homem iria crer que um cavalo, por mais fina raça que possuisse nas veias e por maior fama de campeão que albergasse nos feitos, pudesse um dia ver-se corroído por um drama igual aos dramas humanos. Jámais haveria quem afirmasse que a alma dos equídeos pode sofrer tanto como a alma dos homens. Nunca, quem quer que fosse, iria supor que a perda de uma amizade seria capaz de abrir no coração de um qualquer cavalo, ferida tão profunda e incurável. Mas ele, «Bastão», não era um cavalo qualquer.

Nascera em rica coudelaria, fora criado em liberdades de poldro indomável. Campos e campos a abrirem-se ás suas narinas frementes, haviam-lhe dado firmeza de jarretes, fôlego de papa-léguas, esperteza de menino ladino. Um dia, tiraram-lhe as lonjuras em que disparava contente e quiseram experimentar-lhe freios e cabeção. Sentiu que a liberdade primitiva perigava. Procurou resistir. O primeiro fajardola a empoleirar-se-lhe no dorso voou a metros de distancia. Escoiceou e mordeu. Nada o salvou do destino que, de repente, lhe impunham. Ouvira falar em dinheiros, compra e venda. Passou a ter outro odno.

Claro que não perdeu com a troca. Roubavam-lhe a amplitude da campina, o aconchego bonacheirão da manada massacravam-lhe a boca com o pedaço de ferro, um ferro amargo que sabia a servidão, mas tratavam-no com admirável desvelo. «Box» própria, cama felpuda, comida larga e cara, veterinário a horas. Fricções após os suadoiros e uns torrõezinhos brancos, no fim de cada longada que o punham radiante e dócil.

O novo dono era meigo, carinhoso, até. Dirigia-se-lhe com frases amigas, contava-lhe antigas proezas de outros cavalos de raça igual — uma raça que nunca desmentira categoria. «Bastão» compreendia que o não preparavam para luxos. Haviam-no transportado para uma pista longa e oval, de piso negro com listas brancas, cercada de arbustos rasos e degraus. Nessa pista obrigavam-no a correr todas as manhãs, á vista de homens que empunhavam uns complicados aparelhos de tempo e que discutiam entre si as qualidades de corredor que ele, «Bastão», pudesse possuir. Pareciam ficar satisfeitos. Também o dono, pequenino e magro, que era quem o montava.

Chamavam-lhe o melhor «jockey» do país. «Bastão» acreditava. Pelo menos, mal lhe sentia o peso e o pulso firme conseguia guiá-lo sem violências. Começaram a entender-se maravilhosamente. «Bastão» escutava elogios a esse entendimento mutuo. Certa manhã não o retiraram da «Box» para o treino habitual. Estranhou, naturalmente. A' tarde, deu por desusado movimento na «box» perto da sua. Sempre desertas, principiaram a acoitar outros cavalos, éguas de boa têmpera que lhe punham escaldões nas veias.

Também outros «jockeys» falavam, animados, em grupos. Finalmente, arrearam-no e tiraram-no da «box». Tarde linda, de céu esmaltado de um azul puríssimo. Nos degraus, em volta da pista negra, que ele se acostumara a ver silenciosos e indiferentes, pululava uma multidão ansiosa. Uma multidão que ria e conversava excitada e que o amedrontou vagamente. Foi dos primeiros a entrar na pista. Alinharam-no com os dois que já lá estavam. A sua chegada nem sequer despertou curiosidade naquela gente. Quedou pouco tranquilo, fremente sob as pernas do «jockey» e das suas frases amigas. Que lhe iriam fazer? Que queria a multidão ruidosa?

Ah! mas quando surgiram na pista os favoritos, os cavalos que todos já conheciam, os campeões, foi um nunca acabar de palmas, aplausos, incitamentos. Então, ele compreendeu que ia competir com os seus irmãos de raça para deleite da multidão curiosa.

Receou o confronto. Eles traziam àvontade porque eram experientes...

—Agora deste em montar pilecas? — atirou o «jockey» ao lado direito do dono.

Este «jockey», reparou «Bastão», montava uma magnífica égua baia, toda senhora de si. O seu dono limitou-se a sorrir e voltou a acariciar-lhe a crina. No fundo, «Bastão» desejaria ter forças para castigar a insolência daquele tipo. Pileca, ele?

Sinal de partida. Desatento, «Bastão» não arrancou no instante preciso e logo, ele e o dono, ficaram na cauda da fila. A' testa, a égua baia com o «jockey» insolente. «Vamos, «Bastão». Adiante!»

Havia, na voz do homem que o montava angustia e arrelia. Bom, mas se a culpa fora dele por atingirem a cauda do pelotão, ele redimiria o erro.

Distendeu o pescoço num esforço e viu que facilmente ultrapassaria o penultimo adversário. E outro a seguir. E terceiro ainda. E mais. O seu alvo era a égua baia, que se distanciava lá á frente. Ao atingir o fim da volta inicial, achava-se em quarto lugar. Teve um leve desfalecimento. Mas a voz doce do dono arrebatou-o para o cometimento. Um, dois, três, a quem tomou avanço. Agora, a luta era entre ele e a égua baia. «Bastão» compreendeu que se tornava motivo da pasmaceira geral do estádio. «Falta pouco, «Bastão»! Anda, vamos ganhar!»

Áquela voz, novo arranco. Rente ao seu focinho, apareceram os quartos traseiros da égua baia, chicoteada ferozmente, pelo seu «jockey». A luta, empolgante, quase sobre a meta, pôs a multidão de pé, colérica de admiração e entusiasmo. Num àvontade de velho campeão, «Bastão» colou-se á égua baia e fugiu sòzinho, sòzinho com o dono radiante no dorso, para a meta. Era a glória.

Ao chegar á «box», cansado e satisfeito, notou a companhia de outro cavalo. Um velho cavalo, de dentes ferrugentos e orelhas murchas.

«Orgulhoso, hem?» — parecia inquirir o companheiro.

No seu olhar doce e comovido, «Bastão» parecia responder-lhe: «E o meu dono, como parece grato!»

O outro como que respondeu: Oh! Oh! Não creias demasiado na gratidão dos homens, campeão. Com a idade aprenderás. E oxalá os triunfos não te tragam amargos de boca»...

E trouxeram. Agora, ele «Bastão», jamais é o campeão dessa luta com a égua baia. Envelheceu entre troféus e alegorias de vitória. E mudou de dono. Esta a sua grande mágoa. Os milhões oferecidos acabaram por subir á cabeça do homem que o iniciara no triunfo. Vendeu-o. «Bastão», porém, sem aquela voz amiga a incitá-lo, nunca mais volveu á época triunfal. Se adrega arrancar uma vitória, fá-lo sem o entusismo e a ansia de outro tempo. Ainda compete, porque a isso o obrigam aqueles que por ele tinham trocado milhões. Mas não por alegria na luta, por orgulho.

Nada conta para ele, a não ser a mágoa da saudade longínqua duma voz que não tornara a escutar.

* * *

«Caruncho ou lá o que fosse, sentia-se vagamente adoentado. No entanto, corria. Era um cavalo que só sabia ganhar a vida, correndo. Ao acercar-se a hora da competição, escutou alvoroço junto da sua «box». A voz do «manager» dizia alarmada:

—Adoeceu-me o «jockey» que ia montar o «Bastão»! Como vou remediar-me? Porque não me avisaram com tempo?

Parecia furioso. Uma voz correu a acalmá-lo:

—Eu arranjo um «jockey». Um «jockey» velho e bêbado, mas um «jockey».

—Para que quer um «jockey» velho e bêbado?

—Ora! O cavalo que é também não merece mais...

E veio o «jockey». Encontraram-se com alguma emoção. Era o seu antigo dono, o mesmo que o empolgara, triunfante.

* * *

Ninguém apostara nele, ninguém acerditava nele. Mas com aquela voz meiga feita áspera pelo travo do alcool, aquela voz que lhe trazia forças antigas, venceria. Que lhe importava que se rissem do rosto barbudo do seu «jockey»? Ele talvez já não fosse um campeão. O seu «jockey», porém, era decerto o melhor «jockey» do Mundo.

Devora a pista, deixa para trás os cavalos de sangue novo. Colocou-se á cabeça. O drama terminara. Eles eram outra vez um só corpo, uma só alma. Quem sabe se havia sido a sua falta que o atirara, ao dono, para a miséria. «Vamos, «Bastão»! A meta meu amigo»!

Aquele éntono carinhoso! Aquela mão ainda firme! Aquelas pernas que mais o acariciam do que o apertam.

«Claro que ganharemos»! — pensou. E, sorvendo, feliz, o ar da vitória, adiantou-se livre para a meta.

RAGUEBI

JORNADA incompleta

Este Torneio de Abertura de 1957 parece ter sido tocado por uma «varinha de má sorte». Depois de se registar a não concorrência da equipa B de Direito, viu a segunda jornada incompleta com o adiamento do Sporting-Benfica.

A jornada de ontem, que englobava três encontros, também não foi cumprida inteiramente. Desta vez, foram os encontros entre os grupos «AA» e «BB» do Belenenses e do Sporting, que não se disputaram, por motivos que desconhecemos. A continuarem adiamentos desta ordem, o torneio está destinado a concluir-se tardiamente, com todos os inconvenientes que daí advêm para a modalidade.

O único encontro ontem efectuado colocou frente a frente os «quinzes» do C. D. U. L. e de Direito, prélio que se rodeia sempre de especial expectativa e ambiente, em face da «rivalidade» existente entre ambos desde o aparecimento dos dois grupos em torneios oficiais.

O jogo não deixou grandes recordações. Foi mesmo assinalado por alguns factos que em nada o prestigiaram. A arbitragem do sr. Agostinho, em oposição a outras que já lhe temos visto, foi bastante fraca, pecando sobretudo pela falta de autoridade sobre os jogadores e ineficácia no julgamento de algumas leis do jogo.

Faltando no relvado a competência e decisão do juiz, as equipas, principalmente a de Direito, desenharam algumas «nuances» pouco brilhantes no panorama geral da partida.

A acrescentar a isto há que condenar as atitudes pouco dignificantes de elementos responsáveis que fora do rectangulo só serviram para desvalorizar este jogo.

Qualquer dos grupos actuou abaixo daquilo que, normalmente, se lhes deve exigir. A falta de preparação física e pouco atinamento técnico-táctico contribuiram para a fraca exibição.

O C. D. U. L. ganhou por 11-0, embora o resultado mais justo fosse 11-3. Nos vencedores, destacaram-se Beaumont, Teles e Begonha, este um jogador em constante progresso.

Nos vencidos, onde foi notória a ausência de Kopke e Barreto, agradaram Carqueijeiro, enquanto se não lesionou, Figueiredo e Orlando.

S. M.

ATLETISMO

A Espanha competirá com Portugal

MADRID, 28 — A Federação Espanhola de Atletismo anuncia que o ex-campeão olímpico Zatopeck tomará parte no Cross de Lasart, em San Sebastian, no próximo mês de Janeiro. Anuncia também que a Espanha terá encontros internacionais contra Portugal, equipa A, em Lisboa, e juvenis em Madrid. A primeira equipa encontrar-se-á também contra a Bélgica, França, Austria e Sarre. — (Efe).

Pequenas notícias

INFRACÇÕES AO TRANSITO

A P. S. P. autuou ontem, em Lisboa, 41 condutores de veículos, por estacionamento irregular, 27; por excesso de velocidade, 1; por desobediência á sinalização, 8; por fumos e escape livre, 2; por uso desnecessário do sinal sonoro, 2; e por impedir a circulação de outros veículos, 1.

Foram igualmente autuados 65 peões, por atravessamento irregular, 25; por estacionamento irregular nos passeios, 30; e por andarem pendurados nos veículos, 10.

PELOS HOSPITAIS

ATROPELAMENTO MORTAL — Na Cova da Piedade, foi colhido por uma camioneta de passageiros, Manuel da Silva Joaquim Gaiolas, de 55 anos, residente na Quinta Vale do Gato, Amora, Seixal, e que recebeu os primeiros socorros na clínica do sr. dr. Elvas. Dali seguiu depois, numa ambulancia dos Bombeiros, para a sala de observações do Hospital de S. José, onde chegou já morto. O cadáver foi removido para a Morgue.

QUEDA MORTAL DE UMA MOTOCICLETA — Faleceu no Hospital dos Capuchos, para onde entrara há dias, Jaime Xavier Gago, de 58 anos, empregado no comércio, residente no sítio Pés do Cerro, Olhão, que caira de uma motocicleta no Monte do Carapacho.

VITIMAS DE QUEDAS — No Hospital de S. José, faleceram vítimas de quedas, Rita Banha dos Santos, de 84 anos de idade, residente na Rua Aleas, Barreiro, e Marcelino Augusto Alves Azevedo, de 69 anos, carpinteiro, morador na Rua da Alegria, 108-2.º

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um isqueiro de metal amarelo; um coelho manso; dois porta-moedas de plástico, com dinheiro; um embrulho, com estampas coloridas; dois pombos; um aro para roda de automóvel; um saco de riscado, contendo várias peças de roupa, feijão verde e batatas; uma carteira de plástico com documentos de Carlos A. Mendes Cunha; um tampão para depósito de gasolina; o bilhete de identidade de Joaquim António Afonso Félix; um par de luvas para senhora; diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas; três tampões para roda de automóvel; uma caixa de madeira, contendo várias peças de ferramenta; dois véus pretos, para senhora; uns óculos escuros graduados; uma carteira com documentos de Narciso Ferreira; a cédula pessoal de Maria do Céu Gomes Pinto Lopes; uma carteira com o bilhete de identidade e outros documentos de Mário dos Santos Melo; um livro de apontamentos, contendo vários cartões em nome de Maria José Carvalheiro; um missal quotidiano e vesperal; e uma alcofa com peros.

QUATRO CHECOS

refugiados no Ocidente

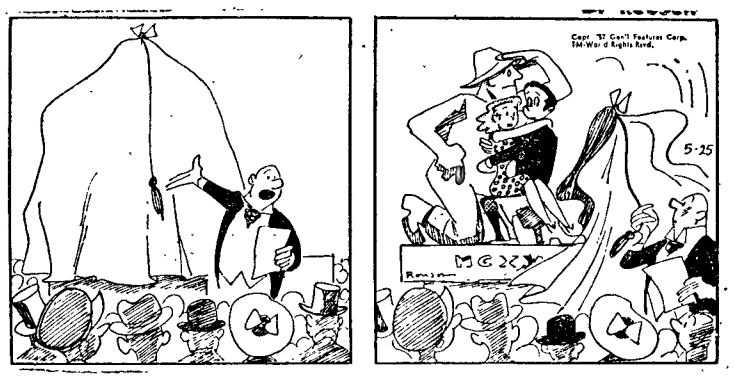
OSLO, 28 — Quatro rapazes checos, que faziam parte de um grupo de turistas que chegou em 24 do corrente a esta cidade, pediram ás autoridades norueguesas que lhes permitam beneficiar do direito de asilo. — (F. P.).

SERVIÇO COMBINADO, DE, E PARA AYAMONTE, HUELVA E SEVILHA (Via Vila Real de Santo António)

Este serviço combinado continua a executar-se trissemanalmente (ás 3.as, 5.as-feiras e sábados, no sentido de Portugal-Espanha e ás 2.as, 4.as e 6.as-feiras no sentido de Espanha-Portugal), com horários conjugados, no apeadeiro de Vila Real de Santo António-Guadiana com as partidas e chegadas dos comboios semidirectos n.os 8011 e 8012 (chamados «rápidos do Algarve).

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Outubro, ás feiras e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

ELE & ELA



A inauguração do monumento

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os

COMBOIOS ELÉCTRICOS

No seu interesse adquira na véspera bilhete simples, ou de ida e volta.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: *máxima, 24°,8; mínima, 12°,2.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 17°,7; mínima, 11°,3.*

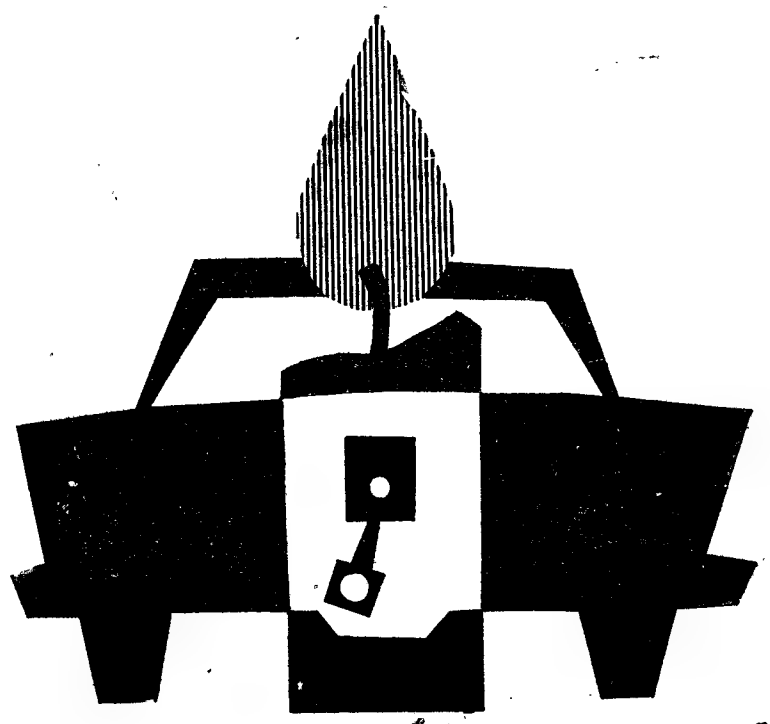
—Temperaturas registadas na Costa do Sol, ás 9 horas: na atmósfera, 18°,2; na água do mar, 15°,5.

Na luta contra o REUMATISMO, ARTRITISMO, tenha sempre à mão a ABEVENINA, em pomada ou linimento, fórmula alemã de efeitos imediatos.

INDICAÇÕES: Dores musculares e das articulações, reumatismo, artritismo, ciática, lumbago, nevralgias, entorses, distensões e endurecimento muscular.

ABEVENINA

A VENDA NAS FARMÁCIAS



economia de combustível

OS SHELL X-100 MOTOR OIL MULTIGRADE — São óleos especiais que aliam as vantagens de um óleo de baixa viscosidade no arranque com as qualidades protectoras de um óleo mais encorpado quando o motor está em pleno funcionamento.

Há dois óleos MULTIGRADE na gama Shell X-100 Motor Oil e ambos possuem as qualidades excepcionais dos «grades» normais de Shell X-100, já conhecidas por milhões de automobilistas em todo o Mundo, mais as seguintes enormes vantagens:

Economia de combustível — sensível principalmente em regime de paragens e arranques frequentes, dada a grande fluidez do óleo quando frio.

Arranque instantâneo — em virtude de ser um óleo de baixa viscosidade quando frio, se bem que possuindo a viscosidade adequada quando sujeito às altas temperaturas de funcionamento.

Menor desgaste do motor — porque inicia a sua função lubrificadora logo que o motor de arranque é accionado.

Maior duração da bateria — por não haver esforços em tentativas inúteis de arranque.

Informe-se junto do seu Revendedor Shell sobre qual dos dois Multigrades — 10W/30 ou 20W/40 — convém ao motor do seu carro e use-o durante todo o ano.

SHELL X-100 MOTOR OIL MULTIGRADE

mantém potência máxima

ORION

A máquina de tricotar que deve ver antes de se decidir

★

Assistida em todo o País pela organização HUSQVARNA

REPRESENTANTES GERAIS

SOCIEDADE LUSO-SUECA, L.da

COM SEDE EM LISBOA NA R. ALEX. HERCULANO, 9-A E FILIAIS EM TODO O PAÍS

No 1.º Salão de Artes Domesticas com a presença de professora enviada pela Fábrica

CARTAZ DO DIA

TEATROS

AVENIDA — A's 21 e 45 — «Como a verdade engana !...».
MARIA VITORIA—A's 20,30 e 22,45 —«Curvas perigosas».
ABC — A's 20,45 e 22,45 — «Casa da Sorte».
COLISEU — A's 21,30 — Companhia de Circo.

CINEMAS

TIVOLI—«O grande amor da minha vida».
SÃO LUIZ—«O falso culpado».
POLITEAMA—«A sombra no telhado».
EDEN—«Amores de um canalha».
IMPÉRIO—«A condessa descalça».
SÃO JORGE—«A batalha do rio da Prata».
ROMA—«Pais e filhos».
CONDES—«Um criminoso á solta».
MONUMENTAL—«O principe e a corista».
ALVALADE—«O falso culpado».
AVIS—«O ultimo couplet».
ODEON—«Ansiedade».
JARDIM—«Primavera sobre o gelo».
CAPITÓLIO—«Satélite no céu».
TERRASSE—«Até ao último homem».
RESTELO—«A vida apaixonada de Van Gogh».
OLIMPIA—«Flechas de ódio».
PROMOTORA—«As pontes de Toko-Ri».

CASINO ESTORIL

PROGRAMA DO CINEMA

da semana de 28 de Outubro a 3 de Novembro de 1957

2.ª feira, 28—«O cavaleiro solitário», com Jack Palance; ás 21 e 30 (para 17 anos). 3.ª feira, 29—«Ao ritmo negro do Calypso», com Johnny Desmond; ás 21 e 30 (para 17 anos). 4.ª feira, 30—«A escondida», com Maria Felix; ás 21 e 30 (para 17 anos). 5.ª feira, 31—«O homem tranquilo», com John Wayne; ás 21 e 30 (para 17 anos). 6.ª feira, 1 de Novembro—«A saída é por aqui», com Tony Wrigth; ás 21 e 30 (para 17 anos). Sábado, 2—«Medo do destino», com Michael Redgrave; ás 21 e 30 (para 17 anos). Domingo, 3 —«Falso culpado», com Henry Fonda; (para 17 anos).

Qualquer caneta escreve melhor com Skrip

O SUCESSOR DA TINTA

Agentes exclusivos:
AZEVEDO & DUARTE, L.da
Rua do Crucifixo, 76, 1.º
Telefone 26297 LISBOA

Policlinica de Arroios

P. DO CHILE, 14-1.º — T. 42414

Dr. Aires de Sousa—Raios X e Radioterapia, 16 horas
Dr. Mário Ruas—Rins e vias urt., 17 h.
Dr. Monteiro Grilo—Doen. olhos, 16 h.
Dr. Paiva e Costa—Boca e dentes, 15 h.
Dr. Paradela de Oliveira—Doenç. crianças, 12 h.
Dr. Pina Monteiro—Cor e pulm., 17 h.
Dr. Ramos Chaves—Pele e sifilis, 15 h.
Dr. Eurico Alves Pereira—Clin. ger., 18 h.
Dr. Cabral Sacadura—Cir. geral e partos. 17 h.
Dr. Dias Amado—Anál. clínicas, 14 h.
Dr. João dos Santos—Doenças nervosas e mentais, 14.30 h
Dr. Maria Manuela Antunes—Doenças das senhoras. 13 h
Dr. Luis Andrade—Ouvidos, nariz e garganta 15 - 18.30 h.

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.

95, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

Lãs a peso

para tricotar á máquina e á mão

Grande sortido. Preços de fábrica

CASA GRILO

Rua da Conceição 71-73

Não compre sem consultar

afari

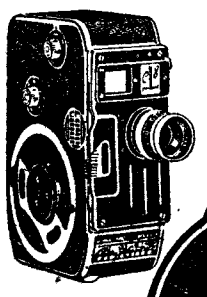
OCULISTA

(Tudo para óptica)

PREÇOS INFERIORES AOS DA CONCORRÊNCIA APESAR DOS DESCONTOS POR ELA ANUNCIADOS

afari selecção de artigos com alta qualidade.

RUA AUGUSTA, 112 A 118



ELA RECORDAR-SE-Á...

Fielmente registados para sempre pela CINÉ-CÂMARA DE ALGIBEIRA

PAILLARD C 8

os mais belos momentos da sua vida ressuscitarão à vontade em frente dos seus olhos.

ELEGANTE, LEVE, FÁCIL DE MANEJAR

A CINE-CÂMARA C 8

munida de óptica KERN-PAILLARD de fama mundial, é um produto de alta precisão da indústria suíça.

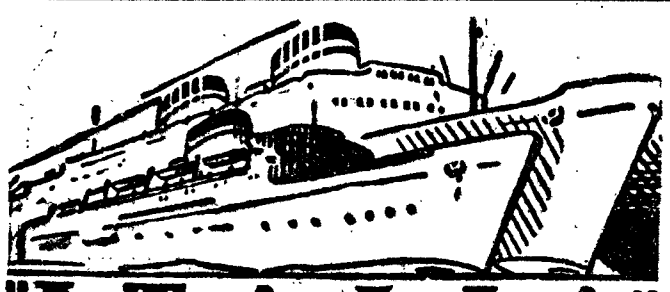
COMECE DESDE HOJE A FAZER CINEMA E VERÁ... QUE ALEGRIA!

Com o projector PAILLARD M8 forma um equipamento completo e económico de cinema amador.

paillard

DIRIJA-SE AO SEU HABITUAL FORNECEDOR DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

Representante: M. SIMÕES JR. • Rua da Conceição, 46-1.º - Telef. 30306/7 - LISBOA



"ITALIA"

SOCIETA DI NAVIGAZIONE

PROXIMAS SAIDAS

PARA:

Halifax e New York

«SATURNIA»

4 DE NOVEMBRO

«VULCANIA»

24 DE NOVEMBRO

PARA:

Gibraltar, Barcelona, Nápoles, Palermo, Patras, Veneza e Trieste

«VULCANIA»

30 DE OUTUBRO

OS AGENTES GERAIS:

E. PINTO BASTO & C.ª LIMITADA

(Secção Maritima)

Praça Duque da Terceira, 20-26—Telef. 31581 (10 linhas)

«NAVICÓAS»

NAVIERA COMERCIAL «ASPE», S. A. - SEVILHA

SERVIÇO REGULAR PARA:

NEW YORK

PHILADELPHIA

e

BOSTON

O NAVIO ESPANHOL RÁPIDO E MODERNO

«PEDRO DE VALDIVIA»

esperado em 1 de Novembro

CARGA E PASSAGEIROS

OS AGENTES

AGENCIA MARITIMA «OCIDENTE» L.DA

Rua do Corpo Santo, 6-2.º — LISBOA

Telefs. 21721/35752/32903

Comendador

José Gonçalves Pereira

Missa 30 dia

Sua família participa a todas as pessoas de suas relações e amizade, que amanhã, 29, se resa missa de sufrágio na igreja de São José, Largo da Anunciada, em Lisboa, ás 10,30 horas, agradecendo a todas as pessoas que assistam a este piedoso acto

LEIAM O «SEMPRE FIXE»

O pessoal dos «eléctricos»

justifica-se e desagrava-se

Publicámos no passado dia 2 algumas considerações sobre os transportes colectivos de Lisboa, designadamente sobre os «eléctricos», e afirmamos que «nunca o pessoal da Carris, salvas as devidas excepções, tratou com tão pouca gentileza os passageiros». A propósito, e para desmentir este asserto, um grupo de quarenta condutores e guarda-freios dos «eléctricos», que se apresenta como legítimo representante de todos os colegas da Carris, enviou-nos uma carta em que se lê: «Perante este caso que decerto modo representa para a classe atingida prtensa falta de moral e de educação, podemos sem receio afirmar que, se tal acontece da nossa parte, é em raras excepções, bem ao contrário do que a notícia faz sentir». Mais adiante, explica-se que são as condições difíceis em que trabalham os condutores e os guarda-freios dos «eléctricos», que ocasionam por vezes certos estados de espírito àqueles empregados da Carris.

Com muito prazer aproveitamos esta oportunidade que nos oferecem os condutores e guarda-freios dos «eléctricos», para os esclarecer sobre a diferença que existe entre o que nós afirmamos e o que eles entenderam.

Em boa verdade, nós só falámos em ausência de gentileza, qualidade que não pode exigir-se, aliás, que toda a gente tenha. Os signatários referem-se a falta de educação e a falta de moral, o que é muito mais grave. Estas faltas são castigadas pela Carris (supomos que os condutores e guarda-freios que vemos de quando em vez a substituir os agulheiros, estão a cumprir castigos motivados por essas faltas graves). E vamos lá, não têm qualquer desculpa. Desde que o funcionário cumpra rigorosamente as suas obrigações de serviço, não terá nada a temer, nem dos seus superiores, nem do publico. E se houver um passageiro que não saiba conter-se dentro das normas da correcção. o funcionário conta em todos os casos com a protecção dos outros passageiros e, sobretudo, com a autoridade dos elementos das forças de segurança publica (nunca o passageiro poderá mandar prender o guarda-freio ou o condutor de um «eléctrico», quer por simples desrespeito á sua pessoa, quer mesmo por ofensa grave á sua dignidade, ou por qualquer outra razão).

Por isso mesmo, nunca se justificará que um daqueles empregados da Carris saia das boas normas da correcção, pois está sempre suficientemente defendido contra todas as possíveis atitudes condenáveis dos passageiros.

A propósito, e já que encontramos uma base para tratarmos directamente com os empregados dos «eléctricos», ocorre-nos perguntar-lhes por exemplo, para que serve o aviso afixado em todos aqueles veículos, que *proibe expressamente* ospassageiros de estacionar nas coxias?

E' que parte dos condutores cumprem á risca o que a direcção da Carris determina quanto á permanência de passageiros nas coxias dos «eléctricos»; enquanto outra parte o ignora completamente, e adopta até o lema de «quanto mais melhor».

O flagrante antagonismo deste procedimento permite-nos tirar as seguintes conclusões: o aviso é para ser cumprido, e alguns empregados da Carris não o respeitam; o aviso é só *para Inglês ver*, e alguns empregados da Carris tomam a peito o seu acatamento. Então como é?

Daqui resulta que, umas vezes, os passageiros são empilhados no interior dos «eléctricos», de plataforma a plataforma; de outras vezes, os passageiros são impedidos, com estranho rigor, de permanecer sequer á entrada das coxias...

Este é um simples exemplo dos muitos que poderiamos citar acerca das anomalias do serviço de «eléctricos» em Lisboa, em que os condutores intervêm directamente, e que afectam a sensibilidade do publico. Talvez os signatários da carta que recebemos, queiram ter a gentileza de nos esclarecer a propósito deste assunto...

Pescadores de Olhão

e interesses piscatórios

OLHÃO, 28—O sr. primeiro-tenente Pacheco Pinto, presidente da Casa dos Pescadores e capitão do porto, falou aos correspondentes dos jornais diários sobre problemas do maior alcance económico e social para esta vila, dependentes dos organismos de que faz parte. Falou, especialmente do problema hospitalar e das suas necessidades, da acção social desenvolvida pela Casa dos Pescadores de Olhão; da criação de um pavilhão para doentes portadores de doenças infecciosas; da possível construção de um pavilhão antituberculoso; da compra de uma auto-ambulancia para a Casa dos Pescadores; das condições do porto para a navegação internacional; e do debatido problema da criminosa pesca procedida pelos tapa-esteiros.

Uma filmagem na Nazaré

(Continuação da página central)

sempre foi luta acesa lhes oferece agora esta possibilidade. Há alguém que seja capaz de verberar a atitude do pescador que troca a incerteza do seu trabalho sobre as águas por outro onde os riscos são nulos e ele pode ganhar duas vezes mais dinheiro? Não, certamente, até mesmo porque somos nós os maiores culpados de que tal aconteça, com este gosto inqualificável de sondarmos a impenetrável alma do povo através do seu folclore, ainda que este tenha perdido toda a beleza original e seja fornecido a metro como está a acontecer na Nazaré...

Os trabalhos de filmagem

O rabo é sempre o pior de esfolar... Não estranhamos, pois, que o realizador de «Rapsódia portuguesa» deixasse para o fim a cena mais difícil dos exteriores que a sua equipa veio filmar.

Nos dias anteriores, a camara, manejada hàbilmente pelo circunspecto Mário Moreira, registara já uma grande variedade de planos. Impressionaram-se centenas de metros de filme, numa recolha de material que facilitará a missão do montador quando preparar a sequência da Nazaré. Nos «écrans» de todo o Mundo aparecerão depois, em pormenor, os dias calmos desta normalmente apática vida piscatória e o labor diário desta gente impar. tristonha e ensimesmada, sem esquecer os momentos em que deixa de o ser, para se entregar a folguedos que raro vão além das noites gastas em bailaricos e cantares.

Para esta noite, guardara-se a cena «08»—a cena do temporal, o volte-face de quanto já ficara cinematogràficamente registado.

A rubrica determinava, na linguagem usual das planificações de filmes: «Plano geral—**Plongée**—Grupos espalhados pela praia; iluminada pelos archotes e projectores. O primeiro grupo está á beira-mar, em primeiro plano, á esquerda. Encaminha-se vagarosamente, transportando um cadáver. O segundo grupo, a meio, á direita, corre para a beira-mar. Gritos. O terceiro grupo, no topo direito, corre para a beira-mar, enquanto o segundo grupo se encaminha vagarosamente num choro manso. O quarto grupo, saindo do canto inferior direito, corre para a beira-mar (gritos) enquanto o terceiro grupo se encaminha vagarosamente para a direita, num choro manso. E a dramática recolha dos cadáveres».

Enquanto o Mário Moreira sofria com o atraso de três dos oito projectores da R. A. A. F., que só chegaram momentos antes do começo das filmagens, João Mendes, muito senhor do seu papel, com um chapeu desabado á realizador de Hollywood, passou a tarde a «sonhar» a cena.

Era perciso conduzir os figurantes. Uma centenas de mulheres e cinquenta homens—com a segurança necessárias para que os seus movimentos saissem perfeitos, e cada grupo se cruzasse ante a camara no momento preciso, num ritmo de antemão determinado, para que a movimentação ganhasse, no final, características de bailado que se casassem com a ideia, que nos parece feliz, de aproximar a acção da irrealidade, com as silhuetas negras das mulheres nazarenas a esbaterem-se sobre a areia e os seus gritos de dor a esmaecerem num coro plangente.

Três horas, igual a dois minutos

A noite caiu serena sobre a Nazaré. Mal o Sol se foi, as ruas estreitas da vila ganharam movimento desusado. Sem exagero, pode dizer-se que ninguém ficou em casa. Pelo menos, quantos não estão amarrados ao leito pelas cordas da «gripe asiática», que por aqui começou também a fazer os seus estragos...

A avenida marginal encheu-se de ponta a ponta.

A's dez horas estava tudo a postos. Sobre um praticável com dois ou três metros de altura fora colocada a máquina e, junto dela o Mário Moreira e o João Mendes preparavam-se para a movimentar. Este, de magafone em punho, ainda e sempre muito senhor de si, dava as ultimas instruções aos grupos de figurantes espalhados pelo areal.

Acenderam-se os projectores. A extensa quadra ganhou uma expressão fantasmagórica. Pinceladas de negro, de mulheres encapotadas, salpicavam a areia branca de luz. Em cada grupo um archote tremeluzia, empregnando o ar baço de humidade com um cheiro intenso a alcatrão.

Instaladas por um grupo de Sapadores Bombeiros, que se deslocaram propositadamente de Lisboa, com um dos seus mais modernos pronto-socorros, quatro agulhetas de nevoeiro, com os jactos de água lançados por sobre o praticável, criavam uma cortina de chuva em frente da objectiva da máquina de filmar.

A uma ordem do realizador, a grande massa negra começou a movimentar-se. E durante dois minutos a Nazaré dos naufrágios reais simulou um naufrágio para a realidade fingida do cinema.

A cena resultara perfeita. Fernanda de Castro e Bernardo Marques, que assistiam ás filmagens, este ultimo como director artístico do filme, mostravam-se satisfeitos. Só quem não parecia muito contente era Filipe Solms que se entusiasmou ao ponto de não conseguir travar o seu desejo de ver melhor o desenrolar da acção, acabando por se molhar completamente debaixo da chuva artificial. O banho inesperado todavia, não lhe fez perder o bom-humor que sempre exterioriza, com compreensível inveja dos companheiros de equipa.

Após um curto intervalo, voltou-se de novo á acção. Era preciso filmar alguns primeiros planos. Ante a objectiva desfilaram rostos transfigurados pela dor, numa exteriorização perfeita dos sentimentos que se apoderam da boa gente nazarena, quando a fúria inclemente do mar resolve pôr de novo á prova o seu vigor físico e fortaleza de alma.

Dois artistas do povo

Entre os primeiros planos recolhidos, grande parte são dos dois principais intérpretes da sequência da Nazaré:—a Rosa Maria e o João.

Ela é a Maria Cristina dos Santos, de 18 anos, nascida e criada nesta laboriosa vila. Ele é o Edmundo Ova, de 34 anos enrijados pela labuta diária, ora no mar a arrancar-lhe o peixe para seu sustento e sustento dos seus, ora na praiá a consertar os apetrechos que o auxiliam na sua lide de pescador. Ela é uma figurinha gentil, de rosto fenício—como o classificou Bernardo Marques; ele, um rapagão tisnado pelo Sol, de músculos enrijados pela maresia e a presença imponente dos que lutam para viver. Ambos são o par mais vistoso do rancho Tá-Mar e, por isso, foram escolhidos por João Mendes, que se declara satisfeito com a escolha, pois tem conseguido dos seus «artistas» muito mais e melhor do que conseguiria com profissionais.

Plano após plano, o trabalho da noite vai-se aproximando do fim. A Avenida da Republica ficou já vazia de curiosos.

A humidade aumenta. O frio e o cansaço vão-se apoderando dos corpos. Os soldados que guarnecem os projectores, os bombeiros (que ainda não pararam de «fazer» chuva) e os figurantes confraternizam em torno de garrafões de reconfortante aguardente.

Por sobre o casario branco da vila, o relógio da torre da igreja matriz fez ouvir a sua voz. São quatro da manhã...

Quando, dentro de um ano, virmos «Rapsódia portuguesa» no «écran» de qualquer cinema de Lisboa, nem nós próprios saberemos avaliar convenientemente o esforço dispendido na sua realização. Enquanto, para uns, cinema é sinónimo de divertimento, para outros significa trabalho. E ainda há quem trabalhe a sério, como esta jovem equipa que encontrámos na Nazaré.

VITOR DIREITO

CONVITE

STAND MODERNO
CONCESSIONÁRIO FORD

tem o prazer de convidar os seus Ex.mos Clientes e Amigos a visitar os seus salões de exposição

na **AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15-A, 15-B**
TELEFONE 49669

e na **RUA JOÃO SARAIVA, 13** (ALVALADE)
TELEFONE 777566

onde se encontra exposto juntamente com os famosos 12 M e 15 M o novo e maravilhoso

TAUNUS 17M

UM TAUNUS INTEIRAMENTE NOVO!

Não queime os nervos!...

O TRABALHO EXTENUANTE, A VIDA AGITADA, AS PREOCUPAÇÕES E DIFICULDADES, TORNARAM-NO EXCESSIVAMENTE NERVOSO E ESGOTADO.

ACALME OS SEUS NERVOS ENQUANTO É TEMPO!

TOME

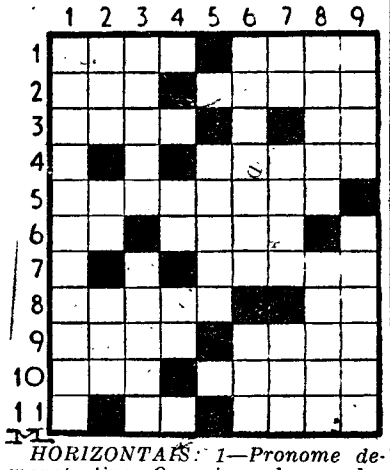
RUHMAL

À VENDA NAS FARMÁCIAS

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO

Problema n.º 1.049



HORIZONTAIS: 1—Pronome demonstrativo. O mais poderoso dos deuses da mitologia escandinava. 2 — Décimo segundo. Desconto 3 — Tecido. Preposição. 4—Bastão distintivo do poder real. 5—Numerário. 6—Partia. Terreiro á volta das igrejas. 7 — Namorado. 8 — Motor principal (fig.). Símbolo químico do germanio. 9—Banheira. Dificultosamente. 10—Sufixo que designa procedência, naturalidade. Ribombar. 11—Popa. Atreve-se.

VERTICAIS: 1—Recursos. 2—Senhora (brasil.). Frequentava. Aqui está. 3—Guerreiro grego que persuadiu os troianos a deixarem entrarem na cidade o famoso cavalo de pau que continha os seus melhores soldados. Enfeitar. 4—Existe. Ande.. 5—Árvore conifera. 6—Trabalhador. Anel. 7—Oferece Som do canhão. Concedo. 8—Repito. Fêmeas do cavalo. 9—Deliberação de uma corporação (termo indiano). Luta.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

Solução do problema n.º 1.048

HORIZONTAIS: 1—Aro. Pilho. 2—CÁ. Beca. 3—Embate. Ré. 4—Doera. Rei. 5—E. LÁ. Peca. 6—Reata. MAS. 7—Absorvem. 8—FADAS. 9—Rocha. Evo. 10—HÁ. Vias. 11—Cáspio.

VERTICAIS: 1—Acedera. Ri. 2—Ramo. Ebro. 3—Belas Chá. 4—Barato. Hás. 5—Peta. Arfa. 6—Ice. Vá. Vi. 7—Lá. Remedeio. 8—Recamava. 9—Odeias. Sós.

Provérbio: CÁ E LÁ MAS FADAS HÁ.

DE LUTO

Julio Ferreira Baptista

MURTOSA, 28 — Com 80 anos, faleceu nesta vila, o sr. Julio Ferreira Baptista, farmacêutico, que foi presidente do Município local e a quem se devem alguns importantes melhoramentos do concelho, por cujo engrandecimento sempre pugnou.

O extinto era casado com a sr.ª D. Julia Leite Almeida Baptista e era pai dos srs. drs. Angelo e Joaquim Almeida Baptista, ambos médicos, e do farmacêutico sr. Manuel Almeida Baptista.

O «Diário de Lisboa» apresenta condolências a toda a família enlutada.

Ezequiel Ferreira de Araujo

Maria Pires Costa, José Emilio Ferreira de Araujo, João Araujo, Ezequiel Gonçalves de Araujo e mais familia cumprem o doloroso dver de participar o falecimento do seu querido marido, pai, irmão, sogro e parente, e que o seu funeral sai amanhã, ás 23 horas, da sua residência, Rua António Pédro n.º 12, 1.º, Esq.º, com destino a Viana do Castelo.

Os serviços funebres estão a cargo da Agência Salgado.

DOMINGO, 3 DE NOVEMBRO

EXCURSÃO DA C P.

A FIGUEIRÓ DOS VINHOS. BARRAGEM DO CABRIL e CASTANHEIRA DE PERA

Preço 150$00

(Compreendendo: combolos rápidos — autocarros — almoço no Hotel Terrabela, em Figueiró dos Vinhos).

INTERESSES LOCAIS

Iniciativas do Município da cidade de Abrantes

ABRANTES, 28 — Foram adjudicadas por 99.568$50 as obras de alcatroamento da estrada municipal de Rio de Moinhos a Aldeia do Mato—lanço de Rio de Moinhos a Pucariça; por 38.500$00, as reparações da escola Maxial-Souto, que estava em péssimo estado.

A Camara concedeu, ainda subsídios para melhoramentos: á Junta de S. Miguel 5.000$00; do Souto, 5.000$000; de Bemposta, 5.000$00; e de Rio de Moinhos, 10.000$00. Aprovou o projecto do alcatroamento da rua principal de Rio de Moinhos, orçada em 18.000$00; deliberou oficiar aos Serviços de Construção da J. A. E., informando que assume a responsabilidade do pagamento dos terrenos a expropriar para alargamento da estrada de S. José, de modo a que se realize o rebaixamento e alargamento convenientes do viaduto (ponte sobre o caminho de ferro), rectificação e alargamento da Rua de S. José, com a sua ligação com a E. N.-359, dando assim, satisfação ás reclamações apresentadas para assegurar o transito em melhores condições; mandou proceder a estudos para o abastecimento de água a S. Domingos, em colaboração com a Camara de Sardoal; aprovou a construção de um pontão sobre a ribeira de Chaminé-Bemposta, orçada em 13.500$00; o alargamento da ponte sobre o rio Torto, com o aumento da faixa de rodagem, orçada em 7.600$00; e a construção de instalações sanitárias, anexas ao mercado coberto do Pego.

A gripe

Em Alcaçovas

ALCAÇOVAS, 28—A «gripe asiática» começou a fazer sentir os seus efeitos em toda a região. As autoridades escolares locais ordenaram, que as escolas fossem encerradas por oito dias.

Chá Renalc na

Orfélio Augusto Lucas, que foi durante 6 anos o representante da firma proprietária deste produto e seu distribuidor para Lisboa e Terras do Sul, vem participar que deixou esta representação a seu pedido, tendo sempre liquidado todas as contas de todo o movimento comercial, a tempo e horas.

CARREIRAS AÉREAS

Novos serviços utilizam o Aeroporto de Lisboa

No decurso da semana agora finda, a Direcção-Geral da Aeronáutica Civil concedeu autorização a duas companhias de aviação estrangeiras, uma inglesa (Eagle Aviation) e outra sueca (Transain), para a realização de serviços de transporte de turistas com utilização do Aeroporto de Lisboa e interrupção de viagem no nosso País.

Trata-se de voos a levar a cabo no período compreendido entre Dezembro do ano corrente e Abril de 1958, entre Blackbushe (Inglaterra) e Las Palmas e entre Estocolmo e aquela cidade espanhola.

Publicações

«Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»

Saiu mais um fascículo, o n.º 425 da série, da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», da responsabilidade da Editorial Enciclopédia, Lda., da Rua António Maria Cardoso, 33, em Lisboa.

São extremamente interessantes os artigos que aparecem neste fascículo, belíssimo também pelas ilustrações espalhadas no texto e estampas em separado que o acompanham.

No intuito de beneficiar o maior numero de interessados na obra a que meteu ombros, a Editorial Enciclopédia Lda., a par da venda fascículo a fascículo, própria de publicações desta índole, mantém a modalidade de venda a longo prazo mediante pagamentos mensais suaves, com a vantagem de proceder a imediata entrega dos 35 volumes já publicados.

«Lisbon Courier»

Está publicado o numero referente aos meses de Agosto e Setembro da revista «Lisbon Courier», o qual insere vasta e atraente colaboração, da qual são de distinguir os seguintes artigos: «Portugal na Feira de Milão de 1957». «Portugal, País de grandes tradições na cultura da vinha». «Casa de Portugal em Paris». «Morreu Sacha Guitry» (da autoria de Guilherme Pereira de Carvalho) e ainda as habituais rubricas sobre assuntos da vida desportiva, social, etc. A capa, como de costume apresenta-se, com aspecto sugestivo, e constitui uma alegoria atraente da bem portuguesa faina das vindimas

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGACÃO

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«PATRIA» — 14 de Novembro — Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape Town Lourenço Marques, Beira e Moçambique. Carrega em Lisboa até 17 de Novembro.

«GANDA» — 23 de Novembro — Com escala por Leixões, para Cabinda, Sazaire Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa até 21 de Novembro

Chama-se a atenção dos Srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«SANTA MARIA» — 18 de Novembro
«VERA CRUZ» — 14 de Dezembro AS 12 HORAS

Com escala por Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador Rio de Janeiro e Santos.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«VERA CRUZ» — 15 de Novembro
«SANTA MARIA» — 13 de Dezembro AS 16 HORAS

Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçau, Havana e Port Everglades (Miami).

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 30131/8
PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — T. 23342

A U. N. responde a Cunha Leal

(Continuação da 3.ª página)

de Dadrá e Nagar-Aveli, em que não havia corrido sangue português na defesa heroica dos postos que afirmam a soberania sobre os territórios onde, há quatro séculos e meio, a nossa bandeira garante a paz e a existência tranquila de uma comunidade que é uma das mais prodigiosas criações do nosso génio.

Hoje, pela força das circunstancias, as mesmas considerações parecem mais inoportunas e mais incongruentes. Ao patriotismo dos homens publicos não basta ser espontaneo e sincero. Há-de, também, ser lucido e esclarecido.

Há problemas que pairam muito acima do terreno eleitoral e que não podem legitimamente ser evocadas, para reforço da argumentação, só para que façam numero, sem se ter em consideração a sua particular delicadeza e as suas correlações.

Não irá grande mal ao Mundo por se apresentar a ideia de uma construção inédita em Direito Publico, a qual nos propõe o modelo de uma comunidade portuguesa com capital itinerante, hoje assente em Lisboa e, para o mês que vem, nalguma cidade africana ou nos confins de Timor. A sugestão é eminentemente graciosa e por isso se exime á refutação. Seria recomendável para um país rico de superfluo e sedento de exotismo, capaz de suportar o custeio do deslocamento dos funcionários e das respectivas famílias em incessante migração e que, ao mesmo tempo, se resignam ao paradeiro incerto dos arquivos, extraviados nas viagens de ida e de retorno.

Mas é este, apenas, o aspecto alegre da concepção. O resto é mais sério e mais grave, na medida em que se orienta para ideias de abdicação colectiva e considera como fatalidade inelutável a autonomia e a independência das Provincias Ultramarinas.

É certo que se fala em federações ou confederações, mas também é certo que as fórmulas — e há-as tão atraentes, como a de independência na interdependência— nem sempre acutelam os interesses essenciais na ordem material e na ordem moral.

A independencia de uma universalidade de territórios ultramarinos, decretada a prazo não pode ser pressuposto de uma constitucionalidade de tipo evolutivo. Cada caso tem sido sempre para os Governos um caso de espécie, digno de isolada e ponderada meditação.

Alega-se a disparidade das economias ultramarinas e o seu individualismo, mas tanto não basta para se trilhar um caminho escorregadio e perigoso. Não basta mesmo, porque não está provado que não possa, dentro da unidade nacional, assegurar-se uma coordenação tão satisfatória como no quadro de uma federação ou confederação. Mas certamente se não estimula essa coordenação dando-a em princípio como inviável, exaltando o particularismo dos interesses e apontando a Metrópole como portadora de um insaciável espírito de ganancia. Não se endosse á fatalidade económica, proclamada pelo materialismo histórico, o que mais justamente se imputará aos erros de estratégia psicológica.

A nossa política tem constantemente afirmado a unidade do Portugal de aquém e além-mar, constituída por provincias dispersas pelo Mundo, ligadas indissoluvelmente pela comunhão das tradições e dos ideais, pela lingua, pela religião, pela cultura.

Assim se define uma nação e muitos países, geográficamente unitários, na sua continuidade de território, contraditada pela diversidade dos elementos humanos e pelos seus irredutíveis antagonismos, não realiza no mesmo grau a ideia de nação.

Não é, portanto, um artifício ou uma «quimera» que se defende, quando se repete o Acto de Fé na unidade da Nação Portuguesa.

Onde estão as realidades adversas e inelutáveis, os factores de desagregação, os elementos de separatismo? Como se enunciam os «ditames da razão», que negam o facto para lhe substituirem o mito?

O que é que autoriza a adoptar numa escala de valores de predominancia materialista, para depois a aplicar tendo por coisa somenos a identidade espiritual ou dando-a por inexistente e importuna em face da pressão dos egoísmos económicos?

Mais: em que se estriba a convicção de que as provincias ascendidas á categoria de entidades nacionais e algumas delas minusculas e distantes não seriam atraídas para a órbita de outras potências e não acabariam por abdicar nas suas mãos a independência que a leviandade imperdoável lhes houvesse outorgado?

Mais ainda: como é que, no Mundo de hoje em que são tão manifestas as tendências para a agregação, até em estruturas supranacionais, se pode ter por garantido o afluxo das correntes separatistas?

Foi a interpretação marxista da História que implantou no espírito do sr. engenheiro Cunha Leal o conceito de um destino irrevogável, em nome do qual perscruta e decifra o futuro, com a certeza da pitonisa. Mas a Pitonisa era cauta e os oráculos exprimiam-se em termos herméticos. Por isso, nunca se enganava e não prestava o flanco á crítica. Mas a sua lição perdeu-se.

Na questão de Goa, a opinião portuguesa reagiu em bloco, e de facto não contaram, se as havia, as discordancias individuais. Portugal foi e é a frente coesa, oposta aos planos de rapina do estrangeiro, decidida firmemente a defender a herança ancestral.

A propósito de Goa, assim como no debate acerca dos territórios não autónomos nas Nações Unidas, o Brasil deu-nos o seu caloroso apoio, a sua fraterna solidariedade. Esse nobre procedimento e as simpatias que em tantos países nos concitou a firmeza das nossas atitudes constituem-nos na obrigação de não nos negarmos a nós próprios e de não quebrarmos o que é, práticamente, unanimidade nacional.

Assim o deve entender o patriotismo esclarecido. E nada poderá perdoar a infracção da regra que é de valor absoluto. Até porque os que nos observam com maus olhos serão incapazes, embora muito bem o percebam, de reconhecer que as discordancias não passam de excesso de zelo em período eleitoral.

Simplesmente, o interesse nacional exige que ciosamente se mantenha a unidade de pensamento e de acção, aquela unidade que nos impõe á consideração dos amigos e dos inimigos e que não pode estar á mercê das nossas discordancias políticas.

Contra o analfabetismo

O Clube Desportivo e Cultural de Lisboa tem aberta a matrícula a todas as pessoas que necessitem de fazer exames de 3.º e 4.º classes de instrução primária com urgência, mesmo atrasadas, ou analfabetas.

As inscrições são feitas no Largo Chão do Loureiro, 1, 2.º (ao Caldas), ou pelo telefone 862244. Há cursos das 9 ás 23 horas.

No mesmo clube, está aberta a inscrição das pessoas que desejem iniciar-se ou desenvolver os seus conhecimentos nas disciplinas de Português Francês, Inglês, Italiano, Alemão, Latim, Grego, História Geografia Filosofia, Organização Política e Administrativa da Nação, Ciências, Física, Química, Matemática, ginástica e canto coral, inscrições que podem ser feitas no mesmo local.

Estes cursos funcionam das 17 ás 21 horas.

O artigo de ontem

No artigo do sr. eng. Cunha Leal que ontem publicámos, uma troca de linhas tornou menos inteligível um dos ultimos parágrafos. A pedido do autor, repete-se hoje, devidamente corrigido, o referido fragmento:

«Assim é que não vê no facto das diferenciações climáticas, económicas e raciais das nossas províncias ultramarinas razão para que as suas evoluções particularistas, mormente as decorrentes da sua progressiva industrialização, conduzam á acentuação das suas fisionomias próprias e, por conseguinte, á exteriorização da heterogeneidade das várias partes do nosso todo imperial.»

Centro de Medicina Dentária

Assistência exclusivamente médica
PREÇOS DE POLICLINICA
Consultas permanentes das 9 ás 21 horas
C. Bento da Rocha Cabral, 1 (Ao Rato) — Tel. 68 41 91

DIARIO DE LISBOA

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA—Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 30, Musica de filmes; 18 e 45, Cançonetas italianas; 21, Noticiário; 23 e 45, Noticiário; 0, Fecho.

Programa «A»—Ás 19, Passatempo musical; 19 e 30, Alegria no Trabalho; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Trechos em órgão; 20 e 30, Zarzuela; 21 e 15, Conjuntos instrumentais; 21 e 30, Radiodesporto; 22, Concerto ligeiro; 22 e 30, História do Teatro, pelo dr. Eurico Lisboa Filho; 23, Musica de sempre; 23 e 15, Danças.

Programa «B»—Ás 19, Resumo do programa — «Sujte inglesa n.º 2», de Bach, em cravo, por Isolde Ahlgrim; 19 e 20, Leituras portuguesas, pelo dr. João de Castro Osório; 19 e 30, Canções pelo soprano Maria Iriarte; três canções de Amado Vives e cinco canções de Falla; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Novidades em discos («Concerto em ré», de Strawinsky, pelo violinista Ivry Gitlis e a Orquestra Colonne), dirigida por Harold Byrns); 20 e 25, 4.º acto da ópera «Boémia», de Puccini, por solistas, coro e Orquestra da Academia de Santa Cecília, dirigida por Albert Erede; 21 e 15, «Dois nocturnos», de Chopin, pelo pianista Smeterlin; 21 e 30, «Nicolas de Flue», oratória de Strawinsky, pelo declamador Jean Devy, Grupo Coral Elisabeth Brasseur, Os Pequenos Cantores de Versailhes e a Orquestra da Sociedade de Conservatório de Paris dirigida por Georges Tzipine; 22 e 35, Tempo de poesia; 22 e 50, «Sinfonia n.º 4, em sol maior», de Mahler pelo soprano Halban e a Orquestra Filarmónica-Sinfónica de Nova York, dirigida por Bruno Walter.

RÁDIO CLUBE—Ás 18, Ritmos de baile; 18 e 15, Solistas; 18 e 30, Motivos portugueses; 19, Jornal de espectáculos; 19 e 30, Jornal da A. P. A.; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Variedades; 20 e 30, Festa brava; 20 e 45, Companheiros da Alegria; 21 e 30, Sessão da campanha eleitoral para deputados á Assembleia Nacional; 0, Talismã apresenta: «Boa noite e bons sonhos — Estrelas da meia-noite»; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Ritmos de baile; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

Emissor de Miramar—Ás 18 e 15, Um artista; 18 e 30, Folhetim Tavol; 18 e 45, Musica de operetas; 19, «Leitura»; 19 e 15, Cançonetas; 19 e 30, Imagens por musica; 20, Boletim informativo; 20 e 15, Companheiros da Alegria; 21, Noticiário (em colaboração com a E. N.); 21 e 15, Uma voz portuguesa; 21 e 30, Reportagem de uma sessão de propaganda eleitoral a realizar em Aveiro; 23 e 30, Variedades; 0, Ritmos de baile; 0 e 30, Encerramento.

RENASCENÇA—Ás 18 e 30, Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, Concerto pelo Quarteto Privativo; 20, Estrelas e canções; 20 e 15, Musica para o séu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 45, Fados; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, Novidades musicais; 21 e 30, Cançonetas portuguesas; 21 e 50, Melodias famosas; 22, Livros e leituras; 22 e 25, Revista da Imprensa francesa; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Musica e musicos da Europa; 23 e 20, Conjuntos vocais; 23 e 35, Musica variada; 0, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Voz de Lisboa; das 19 e 30 ás 22, Clube Radiofónico de Portugal; das 22 á 1, Voz de Lisboa.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21 e 30, Abertura da emissão; 21 e 33, Tribuna Desportiva; 21 e 45, O pianista Gaby Wagenheim e a cançonetista Anny Raujas; 22, Noticiário e actualidades do País e do estrangeiro; 22 e 20, Teledisco:: Rudi Hirigoyen; 22 e 25, Cine-Revista; 22 e 45, «Televizinhos», com Vasco Santana, Elvira Velez, Emilio Correia, Clarisse Belo e Henrique Santana; 23 e 5, Ultimas notícias; 23 e 20, Fecho da emissão.

EFEMÉRIDES

No dia 28 de Outubro de 1510 nasceu S. Francisco de Borja.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO I — Marques — Estrada de Benfica 648 Tel 780096 Vitex — Estrada de Benfica, 300-A, Telefone 780548; Cúrie — Avenida Madame Curie, 15-A. Telefone 778439; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Telefone 780181; Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162, Telefone 761035; entrada do Lumiar — Rua do Lumiar, 77 Tel. 779480; Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 66-66/A Tel. 722368; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C, Tel 776905. Algarve — Avenida de Roma, 7-B Tel 777478. Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B, á Praça do Areeiro, Tel. 727300; Campo Pequeno (Do) — Av da Republica, 58-D/E, Tel 771661. Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31 Tel. 47088. Império, Ld.ª — Rua Filipe Folque, 40-A/B, Tel. 48002. Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239. Ascenso — Rua 27, 41 Bairro da Encarnação, Tel 399216. Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 399237. Conceição — Calçada D Gastão, 30-32. Tel 391279; Banha — Estrada de Chelas, 173-175. Tel. 392241. Pereira Suc — Rua do Paraíso, 98-100 Tel. 863224; Silva — Calçada de Santo André 16, Tel. 862074 Branquinho — Rua dos Sapadores, 87 Tel 842725; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A — à Alameda — Tel 728277, Candido Monteiro — Av. Almirante Reis 121 B Tel 45751, Gois, Ld.ª Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D, antiga Rua do Registo Civil, Tel. 840101, Ribeiro & Castro, Ld.ª — Rua Braancamp, 58 Tel. 43409; Salutar — Rua B 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel 683694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 663640, Tagus — Praceta Possidónio da Silva — lote 3, Telef. 669485; Linaida — Rua Ferreira Borges, 30, Telefone 660955, Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326, Tel. 638193, Costa — Rua dos Lusiadas, 32, Tel. 636704; A. Cesar — Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16, Tel 661867; S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1, Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Costa, 45, Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96, Tel 21534, Lima Amaro, Suc. — Praça da Alegria, 27-28, Tel. 21149, Morão — Rua da Assunção, 17-19, Tel. 21289, Cortez — Rua de S. Nicolau, 93, Tel. 25378 —A—.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional.

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento é fraco de vários rumos, e o céu está pouco nublado a limpo por influência de uma massa de ar seco transportada na circulação de um anticiclone centrado sobre a Espanha.

Temperatura ás 9 horas: Porto, 11°; Lisboa, 15°; Faro, 18°; Funchal e Portalegre, 19°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.), DE AMANHÃ — Céu pouco nublado a limpo, possibilidade de períodos de céu muito nublado no Alentejo e no Algarve. Vento fraco de direcção variável.

— **Você está a fazer pouco de mim?**
— **Porquê?**
— **Trazer-me caldo verde, a mim, que sou do Benfica!**

HÁ TRINTA ANOS

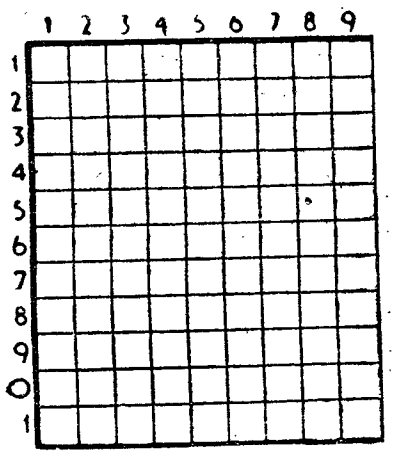
«Portugal deve ter no próximo ano o seu lugar na Sociedade das Nações»—dizia Briand a Irene de Vasconcelos, em Genebra, em entrevista que ocupava toda a primeira página do «Diário de Lisboa» de 28 de Outubro de 1927;

—Portugal não saiu diminuido da eleição anterior—acrescentava Briand—. A sua candidatura tinha pela frente grandes interesses. Apesar do insucesso, a delegação portuguesa, pela sua conduta digna e leal, ganhou as simpatias da Assembleia.

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 2.057



HORIZONTAIS: 1—Deusa. Matadura. 2—Ara. 3—Reis. Moeda japonesa. Vê. 4—Navio antigo. Rio de Portugal. 5—Relato de sessão de corporação. Move os remos. 6—Prefixo que designa ar. íntimo. 7—Despacha. Pede. 8—Avistas. Pronome possessivo. 9—Preposição. Braço de mar. Senhor. 10—Cidade da Holanda célebre pelas suas faianças. 11—Clima. Nome de uma ópera de Verdi.

VERTICAIS: 1—Mulher gorda e baixa. Fruto da aveleira. 2—Povoação do concelho de Loures, célebre pelas suas loiças. 3—Falsa Bons. Preposição. 4—Naquele lugar. Altar. Rente 5—Epiderme. Reles. 6—Ilha inglesa no mar da Irlanda. Gracejar. Azáfama. 7 — Parecença. Apelido dum poeta português do século XIX. Pronome pessoal. 8—Cidade da França célebre pelas suas porcelanas. 9—Inflamada. De ouro.

Solução do problema n.º 2.056

HORIZONTAIS: 1—Termini. 2—Laura. 3—Ré. Sra. Um. 4 — Aba. Ocaso. 5—Lusa. Eles. 6—Sim. 7—Anis. Aura. 8—Perua. Mor. 9—Rã. Nus. Si. 10—Atroa. 11—Troaram.

VERTICAIS: 1—Aral. Apre. 2—Eburnea. 3—El. As. Ir. Ar. 4—Rás. Assunto. 5—Muro. Aura. 6—Iracema. Sor. 7—Na(Al. Um. Aa. 8—Useiros. 9—Amos. Ária.

Agentes de viagens

visitaram a Holanda

A convite do Comissariado de Turismo dos Países Baixos, e com a colaboração da K. L. M., seis agentes de viagens portuguesas estiveram alguns dias naquele país, com vista ao desenvolvimento do turismo em Portugal e a Holanda. Os agentes de viagens em questão estiveram cerca de uma semana em diversas cidades holandesas e regressaram a Lisboa, onde foram recebidos, no aeroporto, pelos srs. L. Webb e Sande e Castro, respectivamente director e chefe dos Serviços Comerciais da K. L. M., em Portugal.

OS FATOS USADOS

De homem e rapaz, calçado, etc., que V. Ex.ª tem para vender, será pago pelo seu justo valor, se nos chamar pelos tel. 66303 e 863785.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efectuado	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	932$00	930$00	932$00
Cons. 3 % T. 10	975$50	975$00	976$00
Cons. 3 1/2 % T. 10	1.019$00	1.019$00	1.020$00
Centenários 4 % 1940	—	—	2.230$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.000$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.000$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	998$00	—
Externo 1.ª série	—	—	1.180$00
Ext. 1.ª série car.	1.180$00	1.180$00	1.185$00
Externo 2.ª série	—	1.175$00	—
Ext. 2.ª série car.	1.175$00	1.175$00	—
Externo 3.ª série	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.340$00	1.350$00
Caut. 3.ª série s/juro	—	170$00	173$00
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	505$00	—
Norte de Portugal 5%	106$50	106$00	106$50
Gás Elect. 3 3/4 %	—	85$00	89$00
Gás Elect. 4 %	—	910$00	912$00
Gás Elect. 4 1/2 %	973$00	972$00	974$00
Gás Elect. 5 %	—	1.025$00	—
U. E. P. 3 3/4 %	—	85$00	89$00
U. E. P. 4 % 1945	92$00	91$50	92$00
U. E. P. 4 % 1948	92$00	91$50	92$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
Metropolitano	1.006$00	1.005$00	1.007$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	—
Angola	—	770$00	840$00
Espirito Santo	—	8.700$00	8.800$00
Lisboa & Açores	—	2.900$00	3.100$00
Portugal	—	—	2.170$00
Ultramarino	1.610$00	1.600$00	1.610$00
Seguros			
Mundial	—	635$00	660$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.150$00	—
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	1.855$00	1.853$00	1.860$00
Ag. das Neves	—	—	—
Agric. Colonial	—	640$00	—
Açucar de Angola	2.570$00	2.570$00	2.600$00
Boror	470$00	465$00	475$00

C.as Ultramarinas	Efectuado	Compra	Venda
Cabinda	—	280$00	330$00
Cádá	4.500$00	—	4.550$00
Colonial do Buzi	321$00	320$00	324$00
Ilha do Principe	—	—	—
Incomati	3.600$00	3.550$00	3.700$00
Moçambique	—	160$50	162$00
Zambezia	179$00	178$50	179$50
Diamantes T 100	742$00	741$00	745$00
Lobito T 10	2.560$00	2.540$00	2.580$00
C.as Diversas			
Cimentos Tejo	—	580$00	—
Cimentos Leiria	—	500$00	510$00
Crédito Predial	48$50	48$00	48$50
Industrial Aliança	310$00	305$00	—
Portugal e Colónias	413$00	412$00	—
Nacional Navegação	—	—	1.740$00
Colonial Navegação	1.090$00	1.085$00	1.095$00
Port. de Celulose	—	—	2.370$00
Portuguesa de Pesca	—	—	—
Port. de Tabacos	—	401$00	403$00
Tabacos de Portugal	—	770$00	800$00
Sacor	4.870$00	4.860$00	4.880$00
Aguas. Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934	—	—	280$00
Aguas Lisboa 1936	—	250$00	—
Elect. das Beiras	—	—	1.390$00
Gás e Electricidade	297$00	296$50	297$50
H. Alto Alentejo	—	144$00	147$00
H. E. Cávado	1.310$00	1.305$00	1.312$00
H. E. Zêzere	1.318$00	1.315$00	—
Nac. de Electricidade	1.380$00	1.350$00	1.380$00
União Elect. Port.ª	226$00	225$50	226$50

GREMIO NACIONAL DAS CASAS DE CAMBIOS
Cotações de notas e moedas estrangeiras

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	75$00	77$00
Alemanha	6$75	6$90
América:		
Dólares de 1 e 2	28$30	28$60
Dólares de 5 a 20	28$60	28$90
Dólares de 50 a 1000	28$60	28$90
Argentina	$69,5	$74,5
Austria	1$10	1$15
Bélgica	$56.7	$57,7
Brasil	$32,5	$35
Canadá	29$25	29$75
Congo Belga	$55.5	$56.5
Dinamarca	3$85	4$15
Espanha	$47,5	$49
França	$06,05	$06,25
Holanda	7$30	7$60
Inglaterra	74$70	76$20
Itália	$04.5	$04.7
Marrocos	$05.8	$06.3
Noruega	3$65	3$95
Suécia	5$35	5$65
Suiça	6$70	6$80
Uruguay	6$40	7$10
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	291$00	291$00
Portugal — Barra	32$80	33$30
Portugal — Barra Fino	33$20	33$70

PINTO de MAGALHÃES, LDA.
BANQUEIROS
Capital e reservas: 45 milhões de Escudos
Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos
Títulos e cupões
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
LISBOA: R. do Ouro, 95/99—Tel PPC 366056 (5 linhas)
PORTO: Rua Sá da Bandeira, 53 — Tel. 20134/36
PENICHE — FÁTIMA — AMARANTE — ARCOS

J. BURNAY, LDA.
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
TELEF. 21273
Papeis de crédito

Espera-se em Moscovo
um comunicado do «Partido» sobre a situação do marechal Zukov

(Continuação da 1.ª página)

tese—a do afastamento—do Poder, o marechal Zukov, que, com a maior parte dos «leaders» militares soviéticos, se oporia a qualquer política de aventura, nomeadamente no Médio Oriente, teria enfrentado Kruchtchev. Este, por outro lado, pode ter considerado que chegou o momento de pôr á prova a doutrina Eisenhower para a protecção do Próximo Oriente contra o comunismo internacional.

Alguns observadores diplomáticos e políticos perguntam se, ao anunciar de maneira tão fácil a retirada do marechal Zukov do Ministério da Defesa, Kruchtchev, que procura «capitalizar» a amizade que unia o «leader» militar soviético ao presidente Eisenhower para tentar obter um acordo russo-americano, chegou á conclusão de que este factor perdera entretanto, a sua importancia. Com efeito, o secretário de Estado Foster Dulles opôs recentemente o seu «veto» a uma próxima visita do marechal Zukov a Washington, visita que o 1.º secretário do Partido Comunista da U. R. S. S. desejava.

De toda a maneira, os especialistas americanos estão de acordo em reconhecer que o antigo companheiro de armas do general Eisenhower arrisca comprometer gravemente o seu prestígio na U. R. S. S. e no Mundo, se não forem dadas rápidamente indicações acerca do seu futuro —(F. P.).

Reune-se hoje o directório do Partido Comuista

MOSCOVO, 28 — A sorte do marechal Zukov, «dispensado» no sábado das funções de ministro da Defesa, talvez seja conhecida amanhã. Espera-se a publicação de um comunicado mais explícito.

Segundo infromadores comunistas ocidentais em Moscovo, o directório do P. C. reunir-se-ia hoje para examinar o caso Zukov. Esta reunião será tanto mais importante quanto o marechal em pessoa faz parte do órgão permanente supremo do partido, o Praesidium. — (F. P.).

Ascensão ou ostracismo? —as duas hipóteses continuam de pé

MOSCOVO, 28 — Prevê-se para amanhã a publicação de uma nota relativa á situação do marechal Zukov.

Enquanto ontem a maior parte dos moscovitas estava convencida da promoção iminente do marechal, durante a noite, os «partidários» da hipótese contrária, a do desfavor, ganhavam terreno. — (F. P.).

Zukov será nomeado comandante do Pacto de Varsóvia?

LONDRES, 28 — «Embora não se conheçam ainda informes seguros, de origem oficial ou oficiosa, não parece que o marechal Zukov venha a ser objecto de uma promoção» — escreve de Moscovo o correspondente do «Daily Worker», Sam Russell, continuando:

«Consta que será provávelmente nomeado comandante-geral da organização militar do Pacto de Varsóvia, posto confiado actualmente ao marechal Koniev, vice-ministro da Defesa da U. R. S. S. De qualquer modo, o directório do Partido Comunista soviético deve reunir-se hoje em sessão plenária para discutir a situação no que respeita ao abandono pelo marechal Zukov do cargo de ministro da Defesa.

«Quando da demissão de Malenkov, Molotov e Kaganovitch, acrescenta o jornalista, falou-se de que o marechal Zukov seria elevado a um cargo muito importante, mas tal não sucedeu nem sucederá». — (F. P.).

Desfecho de uma luta na sombra?

COPENHAGUE, 28. — O marechal Zukov caiu porque tentava desapossar Kruchtchev da direcção da política de segurança, anuncia, de Moscovo, o correspondente do jornal conservador dinamarquês «Berlinske Dende».

Agentes de segurança soviéticos teriam trazido de Belgrado, ao general Serov, cópia de afirmações que Zukov teria feito a amigos jugoslavos e segundo as quais estava certo de ter nas mãos a direcção do serviço de segurança da U. R. S. S., depois de colocar os oficiais que lhe são mais dedicados nos cargos-chaves daquela organização. O general Serov teria informado imediatamente Kruchtchév que — diz o correspondente — convocou urgentemente o Praesidium, tendo este decidido demitir o ministro da Defesa em causa.—(F. P.).

Anti-semitismo na Rússia?

CHICAGO, 28. — O Comité Judaico Americano publicou um relatório segundo o qual o Governo soviético teria tomado uma série de medidas discriminatórias contra os três milhões de judeus que se encontram na U. R. S. S.

O relatório foi elaborado graças a centenas de entrevistas de «testemunhas oculares», segundo as quais o regime de Kruchtchev exerce a sua discriminação contra os judeus nos domínios do emprego, da instrução publica e da vida cultural.

Segundo estas mesmas testemunhas, o numero de judeus na U. R. S. S. seria actualmente de cerca de 3 milhões, ao passo que se calculava a população judaica na União Soviética apenas em 2 milhões.—(F. P.).

Há crise na Rússia apesar da sua força aparente?

LONDRES, 28.—Escreve o «Daily Express» que, de acordo com indicações da embaixada britanica em Moscovo, «estariam iminentes outras e importantes «modificações políticas».

O jornal, atribui a demissão de Zukov a um discurso sensacional que ele tencionava proferir dos degraus do mausoléu de Lenine, no 40.º aniversário da Revolução de Outubro. Recearia Kruchtchev as palavras do seu ministro e teria escolhido, por isso, esta maneira de o calar?».

Esta, a opinião do correspondente diplomático do «News Chronicle». Kruchtchev — escreve — preparou a sua decisão sem grande antecedência. O facto de Jacob Malik não ter regressado ao contrário do que estava previsto, a semana passada á sua embaixada em Londres, ficando em Moscovo, prova que acompanha a crise do Kremlin. Porque, — insiste — há crise na U. R.S.S.

O editorialista do «Daily Telegraph» vai mais longe: «Um regime que só pode tolerar um homem forte na sua direcção, não é estável nem sólido. Seria estupido para o Ocidente queimar foguetes para comemorar a intensificação das polémicas inexplicáveis que se evidenciam no Kremlin. Contudo, a circunstancia de Kruchtchev se sentir cada vez mais obrigado — ou tentado — a rodear-se de nulidades, mostra a fraqueza da sociedade comunista tão claramente como o «Sputnik» mostra a sua força».— (France Presse).

21 mortos
numa explosão

BOGOTA, 28 — Eleva-se a 21, o número de mortos na explosão de uma fábrica de pirotecnia, nesta cidade. A polícia e os bombeiros esforçam-se por remover os corpos que estão soterrados pelos escombros. A deflagração foi tão forte que um pé humano apareceu a 3 quilómetros do local do acidente.—(F. P.).

A gripe
aumenta na Suiça

BERNA, 28. — A epidemia de gripe fez novos progressos na Suíça, tendo aumentado para cerca do dobro. É entre os estudantes que a «gripe asiática» se faz sentir com mais intensidade, computando-se em um quarto os ausentes das aulas.—(A. N. I.).

Uma orquídea para o melhor volante

MIDVALE (Utah), 28 — O Clube Feminino do Comércio e das Profissões, desta cidade, decidiu aliar-se ás autoridades locais na sua actual campanha para reduzir a percentagem dos acidentes de viação e propôs uma medida que se pode considerar como uma inovação nos regulamentos do trânsito.

Todas as semanas é escolhida—entre todas as mulheres que conduzem—o melhor «volante» feminino, a quem o clube depois oferece uma orquídea. — (A. N. I.).

A posição dos trabalhistas *fortalece-se* — diz o Gallup

LONDRES, 28. — A popularidade pessoal de MacMillan aumentou ligeiramente, mas os Ingleses votarão pelos trabalhistas, nas próximas eleições — são as principais conclusões do «Gallup» organizado pelo «Daily Express».

Enquanto em Setembro deste ano 42,5% dos Ingleses se declaravam satisfeitos com a política do seu primeiro-ministro, o seu total sobe agora a 47%. 41% estão descontentes e 12% não se manifestam.

A' pergunta: em quem votaria se houvesse eleições gerais agora?, 49% dos Ingleses respondem: «Nos trabalhistas», 39% «Nos conservadores», 11,5% «Nos liberais». Interrogados acerca do estadista que mais gostariam ver no poder, se MacMillan se retirasse, os eleitores citam Butler, 26,5%; Lorde Hailsham, 12%; Selwyn Lloyd, 5%.

Na hipótese de uma vitória trabalhista, 53,5% dos Ingleses escolheriam H. Gaitskell como primeiro-ministro, e 31,5% Bevan. — (F. P.).

O mistério da selva do Amazonas

GUAJARA-MIRIM (Brasil), 28 — Dentro de breves dias ter-se-á encontrado a resposta para as duvidas que ainda subsistem sobre a existência, entre os índios selvagens do Amazonas, do tenente do Exército brasileiro que desapareceu na floresta virgem, em 1945.

A expedição que foi enviada para o local onde dois seringueiros afirmam que vive o tenente Fernando de Oliveira, aproxima-se cada vez mais do seu destino. Da expedição, que é chefiada pelo major Gerson Gomes de Oliveira, irmão do desaparecido, fazem parte o sertanejo Vilas Boas, o índio Côa e o inspector-chefe dos Serviços Brasileiros de Protecção aos Indios. — (A. N. I.).

Ensopado de enguias
FAMOSO PRATO REGIONAL
do RIBATEJANO de Salvaterra

Espera-se que Guy Mollet obtenha esta tarde no Parlamento francês *a maioria de investidura*

PARIS, 28.—Guy Mollet apresenta-se esta tarde perante a Assembleia Nacional, a fim de solicitar a sua investidura no cargo de presidente do Conselho.

As previsões nos círculos políticos admitem que Mollet ganhe a partida, embora por escassa maioria. Tendo resolvido constituir um Governo de coligação, o presidente do Conselho designado recorreu a nove partidos do centro e das esquerdas, embora as principais pastas sejam entregues aos seus correligionários, os socialistas.

O facto de Mollet ter insistido em nomear o chefe do M. R. P., Robert Schuman, para vice-presidente do futuro Governo é interpretado como tentativa para captar o apoio dos conservadores. Além de Schuman, o M. R. P. terá no novo Gabinete Pierre Pflimlin, encarregado de resolver os problemas económicos, na qualidade de ministro de Estado das Finanças e Economia Nacional.

No novo elenco ministerial, duas das principais pastas mantêm os mesmos titulares: Christian Pineau, nos Negócios Estrangeiros, e Robert Lacoste, que continuará no cargo de ministro-residente na Argélia.

Observadores autorizados crêem que Mollet tem seguros, a seu favor, 250 votos: socialistas, M. R. P., a maioria dos radicais situados entre o centro e as esquerdas, o Partido da Resistência e outros pequenos agrupamentos.

Prevêem-se cerca de 200 votos contra: bloco comunista, poujadistas e alguns radicais de Mendès-France.

Nestas circunstancias, a atitude dos 97 deputados independentes deverá ser decisiva. As ultimas indicações são de que a maioria talvez resolva abster-se, votando os restantes a favor da investidura de Mollet.

Espera-se que o resultado da votação só seja conhecido pouco antes da meia-noite ou mesmo ás primeiras horas da madrugada.—(A. N. I.).

Atitude hostil dos «poujadistas»

PARIS, 28.—Guy Mollet convocou para esta manhã uma reunião do seu futuro gabinete, constituído por 42 membros, que representam dez partidos políticos, a fim de o pôr ao corrente do texto do discurso de apresentação com o pedido de investidura na Assembleia Nacional.

Os jornais desta manhã recusavam-se a vaticínios, embora alguns afirmassem que a melhor arma de Mollet era o facto de se arrastar a crise há 28 dias.

Duas horas antes de abrir a sessão, os «poujadistas» anunciaram que não assistiriam ao debate, alegando que Guy Mollet os tinha «insultado» e que não queriam proporcionar-lhe a oportunidade de se desculpar. Ao que parece, o grupo da extrema-direita refere-se ao facto de Mollet se ter recusado a consultá-lo durante a crise.

Os adeptos de Poujade (30 lugares na Assembleia) estão dispostos a boicotar o debate. Não esclareceram, porém, se tencionavam participar na votação. No caso de não comparecerem, as possibilidades de vitória do dirigente socialista aumentam consideravelmente. — (A. N. I.).

Ultimas notícias

• Dois operários carbonizados

LINZ (Austria), 28 — Morreram carbonizados dois operários, na fábrica metalurgica de Linz, onde um resíduo de minério incandescente saltou dos altos fornos e lançou fogo ás paredes de madeira da oficina.

O incêndio propagou-se ràpidamente. Todos os operários—exceptuando aqueles dois, que se viram bloqueados pelas chamas em pouco tempo—conseguiram fugir. — (A. N. I.).

• Uma explosão cousou 7 mortes

OVIEDO, 28 — Sete operários perderam a vida numa deflagração que houve hoje numa fábrica de explosivos, a 6 quilómetros de Oviedo. Nesta cidade, os vidros das montras de vários estabelecimentos e as vidraças de muitas janelas ficaram despedaçados com a violência da explosão.

O acidente deu-se em duas oficinas destinadas á produção de nitroglicerina. Desconhece-se por ora o numero de feridos. — (F. P.).

• Argelino morto em Paris

PARIS, 28 — Hocine Cherchalli, antigo adjunto do presidente municipal de Argel, de 28 anos, foi morto esta manhã com tiros de revólver, na margem esquerda do Sena, por membros da F. N. I. Trabalhava numa companhia de seguros e não exercia qualquer actividade política militante.—(F. P.).

• Novos motins em Chipre

NICÓSIA, 28. — Registaram-se disturbios em Chipre, onde a população vai comemorar o 17.º aniversário da rejeição do ultimato italiano de 1940 pela Grécia. Usando granadas lacrimogéneas, a Polícia dispersou manifestantes que aclamavam a E. O. K. A., a Enosis e mons. Makarios. Não houve feridos, ao contrário do que se verificou em Famagusta, onde 7 indivíduos tiveram de ser internados depois de a Polícia carregar sobre os manifestantes. — (F. P.).

HOTEL EMBAIXADOR
Apresenta HOJE e todas as noites
no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
a famosa Orquestra
RAY MARTINO
um dos melhores Conjuntos da Europa
JUVENTUDE, ALEGRIA, ANIMAÇÃO
E UM RITMO MARAVILHOSO!
(17 anos)
DOMINGO: Das 17-15 ás 19-15 «Matinée» Dançante, com RAY MARTINO Preço Esc 25$00 por pessoa incluindo chá completo

Alívio para os que sofrem de indigestão

Nem toda a gente se lembra de que muitas das perturbações do estômago que sobrevêm às refeições — azia, flatulência e uma sensação desagradável de enfartamento — podem ser, em geral, rápida e fàcilmente eliminadas pela neutralização do excesso de ácido no estômago.

Toma-se sem dificuldade

A **MAGNÉSIA «BISURADA»** fará depressa e bem essa neutralização. Tomada depois das refeições, livra das dores e permite um alívio duradouro.

A **MAGNÉSIA «BISURADA»** neutraliza ràpidamente a hiperacidez, acalma a inflamação das membranas do estômago e faz com que a digestão volte a ser normal.

MAGNÉSIA «BISURADA» — para alívio rápido da indigestão. Em pó e comprimidos.

Diário de Lisboa

Ninguém ao leme

por *Tavares da Silva*

O encontro de Évora teve variadas fases, sendo justo afirmar-se que nem sempre o predomínio coube ao grupo da casa. Pelo contrário, parece-nos até que, na maioria do tempo, se jogou no território eborense, o que talvez não correspondesse a melhor engrenagem e desenvoltura de movimentação. Era força de vontade, ímpeto. Mas isso não foi suficiente para ganhar porque, como se sabe, é não só preciso criar os golpes de golo como aproveitá-los. Trata-se de duas dificuldades, aliás, ligadas uma á outra. Ora, no decurso da hora e meia, não recordamos senão duas ou três jogadas em que o golo poderia ter resultado, mas faltou no instante culminante o adequado acabamento. Tais lances não foram aproveitados e, pelo contrário, foi o adversário que marcou quatro bolas.

Porque a impressão, decerto estranha, que nos deixou o encontro, foi de que os rapazes da Luz se aplicaram com vontade, correram muito, estiveram incansáveis no seu vai-vem, resultando improficua e vasia toda a sua actividade por falta de coordenação. A equipa não teve, esta é a verdade, ninguém ao leme, deixando-se arrastar pelas diferentes correntes que se desencadearam na pista.

■

Sem uma acção coordenadora, o jogo desenvolvido em campo reflectirá, invariàvelmente, a desordem e a confusão. Esta impressão que o onze do Benfica legou faz até contraste com o que se passou nas fileiras eborenses, as quais nos deram uma expressão de futebol mais limpida, embora haja «déficit» quanto a domínio territorial. Repete-se a mesma verdade por se tratar de uma apreciação que cada vez os factos mais comprovam: uma equipa pode deixar invadir o seu terreno, ou porque queira ou porque assim é obrigada, e conservar o fio de jogo na mão, fazendo accionar esta ou aquela unidade conforme a jogada assim exige; pelo contrário, o grupo invasor poderá não dominar as operações.

(Continua na página seguinte)

Na marcação dos «cantos» produzem-se muitas vezes situações confusas em frente das balizas. É uma dessas que a nossa gravura reproduz. Falé e Garcia tornam impossível o remate de Cavém. Em volta do lance, na expectativa: Azevedo, Cardona e Vital

DI STEFANO

viu-se metido nas Canárias num «colete de forças»

MADRID, 28 — A' excepção do brasileiro Walter, do Valência, o dia de ontem foi pouco brilhante para a maior parte dos «ases» sul-americanos adquiridos pelos clubes espanhois.

Walter, hoje a «estrela de maior grandeza» das hostes valencianas, conseguiu marcar um dos golos do seu grupo contra o Bilbau, e dos seus pés saiu também o segundo, marcado por um companheiro. O brasileiro parece ter-se adaptado, definitivamente, ao ritmo do seu novo clube.

No entanto, nem o Barcelona, nem o Real Madrid, tiraram ontem tão bom proveito dos seus «ases».

O Barcelona levou a Gijon o argentino Villaverde, o paraguaio Martinez e o brasileiro Evaristo; mas o grupo local teve uma actuação inesperada e conseguiu a vitória por 3 2. Evaristo conseguiu ainda marcar um dos golos da sua equipa e teve actuação bastante meritória, mas os seus dois outros companheiros sul-americanos não conseguiram contrariar a apertada vigilancia a que estiveram sujeitos por parte dos defesas do Gijon.

Na sua deslocação ás Canárias, o Real Madrid, com a sua «vedeta» Di Stefano—agora, espanhol—também não conseguiu melhor do que um modesto empate a zero. Di Stefano viu-se metido num verdadeiro «colete de forças». Não lhe foi possível encaminhar os seus companheiros para uma vitória, que se negou. — (A. N. I.).

BELENENSES-SETUBAL — Tito e Vaz, destacados elementos do jogo, empenhados num lance de bola alta

ECOS DA ELEIÇÃO NA F. P. F.

Hora agitada no futebol português

Não mostra tendência para melhorar a situação criada pelas eleições da Federação Portuguesa de Futebol. Tudo isto, afinal, não é mais que o reflexo da maneira como se forjou o elenco directivo daquele organismo, numa ansia de poder que sobressalta e impressiona. A confusão lançou as suas asas no futebol português e, em boa verdade, não chega a compreender-se como foi tornada publica a constituição do conselho de contas — constou de um comunicado oficial — sem se haver verificado se ele estava legalmente formado. Porque, afinal, não estava...

De aí para cá as coisas complicaram-se. As deligências realizadas pelo presidente do congresso, dr. Campos Siqueira, não deram o resultado desejado, porque surgiu a intransigência de elementos que se consideravam em condições legais. O conselho de contas precisa de ter três elementos diplomados em económicas e só tem dois. Torna-se necessário que um dos outros abdique da sua posição. Isso mostra-se tão dificil que se admitem, já, soluções extremas... Entretanto, o processo para sanção dos elementos dos outros orgãos federativos seguiu os seus tramites e terá sido objecto de uma conferência do presidente do congresso com o sr. subsecretário da Educação Nacional.

Já depois dessa conferência a situação agravou-se com a decisão do conselho geral do F. C. do Porto.

(Continua na página central)

NO ESTÁDIO DO RESTELO

O melhor futebol pertenceu aos sadinos

Decididamente o bom futebol anda a fugir á nossa frente. De vez em quando, outros mais felizes que nós, conseguem localizar umas promessas de bom jogo, mas o nosso azar é de tal ordem que, quando nos toca bater a essa porta, raro é que não seja uma desilusão o que lá vamos encontrar. Por acaso tem sido sempre assim, visto que esta época ainda não assistimos a um jogo com princípio, meio e fim de luta equilibrada e descontraída, travada em bom plano técnico e durante os noventa minutos. Nem mesmo coisa que se aproxime. E no entanto, o campeo-

(Continua na página seguinte)

Sporting Salgueiros

UM LANCE QUE SE REPETIU: Barrigana falhou a intercepção de um centro de Martins, Vadinho chegou um nada atrasado á bola e Chau repeliu o esférico de cabeça, evitando que Manuel Vasques lhe desse o caminho da baliza. O defesa-central visitante, Mário, observa

NO ESTÁDIO DE ALVALADE

Meia hora de bom futebol

Depois de o marcador ter atingido o resultado de 4 bolas a zero, o jogo mudou de tom, baixou de tal modo, que nunca mais voltou a atingir o nível de valia técnica que tem de assinalar-se relativamente á primeira meia hora.

Claro que a expressão do jogo cabia á equipa «leonina», a movimentar-se, realmente, com desenvoltura, com vivacidade e alegria, o que sucessivamente valorizava a manobra cónsciente, metodicamente certa, em que todo o grupo se envolvia.

Pondo, por sistema, a bola a rolar na relva, o jogo dos «leões» tinha o cunho das coisas simples, mas a que não faltava a beleza de esquemas de alto coturno, principalmente quando a manobra passava a desenvolver-se a partir do seu meio-campo, em passes medidos, desmarcações fulgurantes, num sentido claro de objectividade.

Nessa meia hora inicial (o 4.º

(Continua na 7.ª página)

BRAGANÇA

vai ter um estádio municipal

A Camara Municipal de Bragança, a que preside o sr. Adriano Augusto Pires, vai promover a construção de um estádio, cujo projecto pertence ao engenheiro António Manuel Ribeiro.

A obra importará em cerca de 2 000 contos, terá capacidade para 10.000 pessoas e será dotado com todos os requisitos modernos.

O estádio começará a construir-se em princípios do próximo ano, havendo natural regozijo entre os brigantinos.

O jovem Cardona (das Honduras)
centro de todas as operações

Eis uma imagem colhida nos ultimos momentos da partida de Évora, como se verifica pela circunstancia de Falé ter a cabeça amarrada! Ao seu lado vê-se Cavém, numa posição curiosa...

(Continuação da página anterior)

Além de tudo, para caracterizar a partida com a verdade possível, há que afirmar terem os Benfiquenses, especialmente, adoptado um estilo de jogo que não deve passar em claro, isto é, sobre o qual é licito lançar abertamente a condenação. Vários dos seus componentes em várias jogadas excederam-se de forma lamentável, dando á partida feio aspecto. A circunstancia de só haver sido expulso um homem, quando se aproximava o fim e nada justificava, não tira nem põe aó caso. O estilo foi indesejável, contribuindo para a derrota dos Benfiquenses. Há só uma forma de ganhar jogos: é fazer o jogo com os olhos postos na bola, sem intenções reservadas.

Cremos que isto corresponde a um estado inferior que a equipa atravessa, ou melhor, alguns dos seus componentes que, fora de forma, se deixam conduzir por caminhos invios.

■

Acrescente-se que o onze de Évora teve a estrela do jogo pelo seu lado, ao passo que todas as coisas saíram tortas ao Benfica, havendo no entanto culpa própria em muito do que ocorreu. Na verdade, o onze de Évora fechou o primeiro acto com um golo e logo no abrir do pano conseguiu um segundo tento, pondo quase termo ao conflito. Nada fazia prever que esses golos nascessem no momento... A configuração dos lances talvez dê aso a que se classifiquem como contra a corrente de jogo, mas se se afirmar que os quatro tentos foram executados em lances de contra-ataque, compreender-se-á o sistema. Já não se trata de um acaso, mas do desenvolvimento normal de operações que apresentam um sentido de conjunto na sua acção, uma determinada intenção. Se o Benfica deu a sugestão de jogar quase sempre ao ataque (sem que atacasse!) o quadro eborense descontraiu os seus tentáculos, apertando em seguida o corpo do adversário, sempre que a ocasião se proporcionou. E ao atacar, fê-lo com desembaraço, rapidez, não perdendo o norte... Foi este um dos aspectos que mais depõe a favor do grupo alentejano: — a caesão de que o grupo deu provas, a expressão da sua admirável lucidez, o que significa arrumação de valores e jogadas.

■

Se os Eborenses não aguentassem o ritmo da partida, em muitos quadrantes bastante apressado, de impulso benfiquense, é possível que acabassem por ceder, mas a verdade é que eles suportaram perfeitamente todo e qualquer andamento, ainda que atingissem o termo um pouco exaustos, o que é perfeitamente natural. Porque o andamento pôs á prova as condições físicas dos grupos em presença.

■

O primeiro tempo acabou com um-zero, tendo o golo sido feito a meio minuto do intervalo, por Batalha (o qual um pouco antes tinha sofrido uma carga de Coluna, indesejável). Cordona bateu Zézinho em corrida, passou para o centro, rasteiro, o golo estava feito. E como citámos pela primeira vez o nome de Cordona queremos desde já vincar que o rapaz esteve na base de todas as operações de ataque, causando grandes males de jogo por onde passava. Artur, encarregado de o marcar, foi tantíssimas vezes dominado, mas todos que correram ao seu encontro foram igualmente suplantados, pois o jovem elemento, com o n.º 8 nas costas, tomando como princípio uma certa e determinada posição, em ponta-de-lança, teve artes de aguardar sempre a chegada de um ou mais companheiros para, no momento exacto, passar a bola, ou então de se escapulir e de se encaminhar para as balizas sem qualquer hesitação. De compleição forte, talvez um pouco atarracado, trata-se de um jogador de segura execução e bom golpe de vista muito difícil de dominar, se a sua regra de jogo é aquela que ontem vimos. Não cremos, de resto, que uma exibição tão brilhante tenha sido mero acaso.

■

Fechado este parêntesis, deve afirmar-se que o jogo começou de boa feição para a gente do Benfica. Certamente, Évora teve um ímpeto inicial que era uma boa afirmação não só de jogo como reflectia um estado eufórico, mas o quadro benfiquense, não se deixando intimidar, parou os golpes com destreza, confiante na sua força e convencido de que a tempestade não seria duradoira. Ao quarto de hora, entrava-se por assim dizer na verdade da luta: — domínio territorial exercido pelo Benfica, e cortado, com certa frequência, pelo onze de Évora. Não se marcavam golos pela simples razão de que as defesas tomavam conta de todas as encruzilhadas, de um lado por via da organização de conjunto (Évora), do outro por razões de antecipação (Benfica). Em todo o caso, se é licito acusar o traçado de alguns esquemas de futebol rasteiro até vistosos, também há que registar um numero elevado de lances por alto, os quais deixaram a relva muito contristada.

■

Foi o segundo tento obtido por Évora aos dois minutos da segunda parte, em lance originado do lado esquerdo, com passagem de Cardona (eis o nome que enche o campo) e aproveitamento de Flora, que modificou um tanto ou quanto o aspecto da partida. O 2.º tento já consistia numa vantagem muito apreciável e os seus efeitos foram de vária índole e natureza, tornando mais forte a já forte gente de Évora, e gerando o nervosismo no quadro lisboeta que daí em diante deixou de manobrar com confiança para passar a fazê-lo de modo penoso, compreendendo o perigo que corria. Precisamente nesse momento também se tornou patente o desentendimento, notório, o qual se agravou á medida que os minutos decorriam, entre a defesa do Benfica, e mais particularmente nas íntimas relações que o guarda-redes deve manter com o defesa-central. Este com aquele também.

Como quer que seja, o onze lisboeta compreendeu que tinha a obrigação de fazer o seu máximo esforço, pois estava ainda a tempo de obrigar o desafio a dar a volta. Compreendeu, sentiu, e não voltou a cara á tarefa!... Os seus homens lançaram-se decididamente no caminho da ofensiva, e é nessa altura que a figura de Vital se destaca, livrando o seu grupo de sofrer bolas, uma que fosse mudaria talvez o rumo. Aos oito minutos do 2.º tempo, precisamente no momento nevrálgico, desferiu Salvador (apagado no 1.º tempo e vindo ao de cima no 2.º) o melhor remate do encontro, mas este encontrou Vital bem colocado e as suas mãos salvaram as balizas.

Sucederam-se ainda algumas tentativas lançadas pelos Benfiquenses pelo lado direito, perdendo Azevedo (ao qual não se poderá dar qualquer conforto, pois a sua exibição foi demasiadamente inferior) uma ou duas boas oportunidades. Este período, que poderia ser grave, foi enfrentado pelos Eborenses com absoluta calma, com controle, não se chocando a acção da defesa. Isso permitiu que o sistema de contra-ataque funcionasse com regularidade. Foram, porém, duas faltas, uma de Zézinho a Batalha, outra de Artur a Cardona, que originaram mais dois tentos de Évora. Na primeira, aos 21 minutos, marcado o livre em pontapé longo, Marciano acorreu ao lance, ganhou vantagem, o defesa não o segurou, o guarda-redes saiu mal, e ele fez o 3.º tento. Aos 29 minutos, já dentro da área de reparação, Artur não teve outro processo de cortar a viagem a Cardona do que de rasteirá-lo, e José Pedro marcou a 4.ª bola.

■

O jogo tinha práticamente acabado, já não havendo a mais leve duvida. Deram-se ainda dois factos que, por constituirem pormenores importantes para a história da partida, importa realçar. Quando faltavam dez minutos, saiu do campo por algum tempo ferido na arcada supra-ciliar o defesa Falé, o qual se magoara em choque com qualquer intenção delituosa.

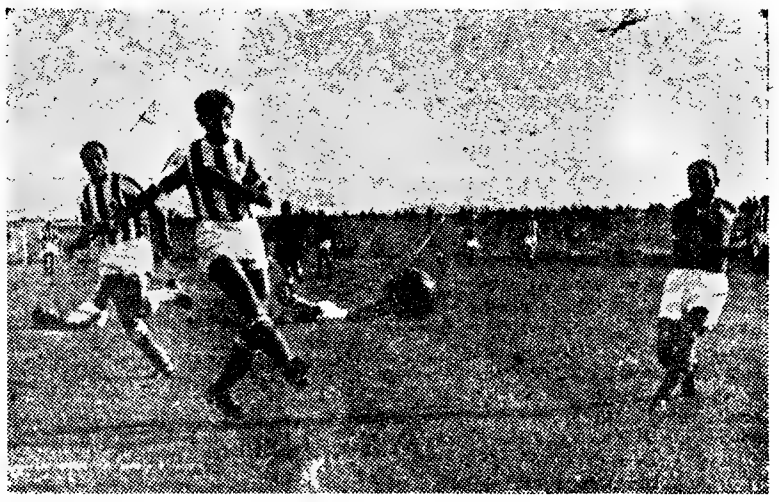
Logo a seguir, após uma defesa de Vital, com desequilibrio, tombando para trás, caíram sobre ele, aliás, sem o magoarem e sem esse intuito, vários jogadores visitantes, entendendo o árbitro que Alfredo tinha cometido falta, e de tal modo grave que merecia a expulsão. Em nossa consciência, cabe referir que o lance nos pareceu perfeitamente inocente, não merecendo Alfredo, um dos poucos que sobressaiu na equipa lisboeta, o duro castigo que sofreu.

Um pouco depois, mais cinco minutos e os jogadores iriam para o vestiário, quando Teotónio (se não estamos em erro) procurava arrebatar a bola a Cavém, o árbitro condenou o eborense com penalti, o que se nos afigurou uma decisão de todo injusta e sem base de sustentação. Salvador denunciou o pontapé, terminando Vital a sua actuação com chave de ouro. E o Benfica sofreu uma derrota que define abaixamento de forma de alguns dos jogadores que foram utilizados e falta de discernimento. A desorientação de jogo tem sempre uma qualquer origem. — T. DA S.

VELA

Trofeu «António Bustorff»

Nos dias 1, 2 e 3 de Novembro, os antigos e actuais filiados do Centro de Instrução Especial de Vela da Mocidade Portuguesa vão reunir-se em várias competições dotadas com o trofeu «António Bustorff». Incluem quatro tripulações de antigos filiados e igual numero de novos velejadores e efectuam-se na zona compreendida entre a Torre de Belém e S. Julião da Barra.



BELENENSES-SETUBAL — Vaz afasta a bola de Dimas e Amaral «dobra» o seu companheiro. No chão estão Matateu e Orlando, ambos seguindo atentamente com os olhos a trajectória da bola

O Belenenses melhorou
no segundo tempo

(Continuação da página anterior)

nato ainda não está para as equipas jogarem de corda ao pescoço. Em verdade, parece-nos que, por enquanto, ainda são remediáveis todos os males e recuperáveis todos os atrasos. Talvez fosse, então, de prestar ao jogo a vassalagem a que ele tem direito.

Também não fomos totalmente felizes no Restelo. Nem nós, nem todos aqueles espectadores que têm uma noção definida da escala dos valores. O Belenenses fez uma primeira parte completamente descolorida, o que é ainda uma maneira suave e contemporizadora de dizer que uma coisa é má. Pareceu-nos uma equipa sem chama, apagada, assim como quem anda a cumprir um doloroso destino. Mal na defesa sem distinção de lugar; coxa na linha média, com um Vicente a tentar equilibrar a carruagem e Edison com as preocupações de quem está a fazer exame; e desoladora no ataque, a concluir desastradamente o pouco que se criava. E por cima de tudo isto uma transmissão sem ritmo, com raros apontamentos de coisas perfeitas.

Este foi o Belenenses da primeira parte.

*

Depois do intervalo a equipa melhorou bastante, mas nunca deixou de revelar que qualquer «doença intima» lhe mina a vitalidade. Melhorou, porque o golo do empate apareceu no primeiro minuto. Para equipa de confiança abalada o melhor tónico ainda é um golo. Toda ela aqueceu e no ataque apareceram mesmo duas chamas a crepitar (Matateu e Tito). Até os dois Brasileiros, que no primeiro tempo nos tinham dado a indicação de um valor igual a tantos outros que não passam da «Reserva», de absoluta incapacidade para resolver os problemas da equipa, até eles — diziamos — conseguiram mostrar um pouco de bom futebol individual, de trabalho técnico, ainda mal adaptado ás necessidades da equipa, que por sua vez anda em busca de um figurino definido.

Matateu foi o jogador que mais acusou o golo de Tito. Ficou outro, muito parecido com o Matateu antigo, felino, escorregadio e guloso pelo golo. A equipa deve-lhe a vitória, porque o golo que marcou foi todo ele a resultante de um trabalho individual: «dribles», alguns saltos e um remate fulminante que Libanio deixou passar junto a si. Mas como segurar uma flecha que vai a caminho do alvo?

Conjuntamente com Matateu também Tito melhorou bastante de rendimento. Já na primeira parte ele tinha sido o mais destacado avançado do Belenenses, até porque Jacinto I lhe deu muita liberdade, mas também foi o pior rematador. Depois do intervalo passou a preocupar-se mais com os companheiros e então a sua utilidade aumentou consideràvelmente.

*

Com um golo que foi um autentico «frango» de Libanio e outro trabalho individual de Matateu, só há que concluir, como já demos a entender, que a equipa teve um conjunto de fraco rendimento. Na verdade, ela fez toda a segunda parte a jogar para mais um golo, mas o empate também esteve á vista. Quer isto dizer, que Matateu e Tito ameaçaram muito mas inglòriamente e que a defesa continuou vulnerável mesmo depois de a equipa estar a ganhar.

Será esta a melhor formação do Belenenses? Não cremos. Os dois Brasileiros hão-de ter certa dificuldade em conservar o lugar, a menos que sejam capazes de melhorar muito, principalmente Milton, a despeito de ter feito alguns bons centros na parte final do desafio. Mas é mau quando um avançado vai perdendo qualidades á medida que se aproxima da grande área.

*

Pertenceu realmente ao Vitória o melhor futebol que, a espaços, se viu no Restelo. A defesa, ainda que coxa do lado direito, manteve-se sempre unida e em bom plano. Vaz, que ocupou o lugar de Graça, foi dos melhores em campo. Os dois médios auxiliaram-no muito, é certo, mas a sua generosidade foi de tal ordem, que nunca deixaram de acompanhar as ofensivas da equipa.

De resto, os Sadinos nunca perderam a serenidade. A calma da defesa, a atenção dos médios e a consciência dos avançados deram á equipa uma toada de jogo agradável, ainda que pouco objectivo, por carência de valor individual.

O golo foi marcado pelo mais modesto avançado, o extremo-esquerdo Gaiven, mas resultou de uma jogada perfeita, uma daquelas jogadas que só podem terminar no fundo das redes. O avançado-centro Jacinto II, que fez um excelente jogo — diga-se de passagem — conseguiu ultrapassar Moreira e levou a bola até á linha de cabeceira, já dentro da grande área. Jacinto jogou quase sempre no lado direito, naturalmente para abrir caminho a Fernandes e Miguel, qualquer deles capaz de arrancar poderosos remates, que neste encontro se não viram. Pois Jacinto, sempre com Moreira pela parte de dentro, conseguiu centrar atrasado para a marca de «grande penalidade, onde surgiu o pequeno Gaiven a meter-lhe o pé direito e a fazer o golo. Pires não o tinha acompanhado e Paz havia acorrido a auxiliar Moreira.

Mas este golo não alterou o espírito da equipa. Continuou na mesma toada de bola baixa, apenas um nadinha mais preocupada com a defesa.

Libanio deve saber que um bom guarda-redes necessita de ter ideias bem claras quanto á oportunidade de sair da baliza. Sair quando não há necessidade, ou ficar quando é indispensável sair, quase sempre custa um golo. Desta vez assim sucedeu. O lançamento de Paz, feito em profundidade, colocou Tito em corrida atrás da bola. Mas Tito não vinha só. Dificilmente poderia fazer o remate em condições de êxito, mas Libanio decidiu sair e então só foi necessário tocar-lhe a bola por cima da cabeça. Ainda se Manuel Joaquim tem acorrido á baliza...

Em ultimo comentário e porque isso já é uma praxe indispensável a certas consciências, afirmamos que o triunfo do Belenenses foi inteiramente justo. Não foi brilhante, nem muito prometedor, mas na realidade esperou-se sempre mais o 3-1, que o 2-2.

Quanto ao trabalho do árbitro registe-se que o publico o não assobiou, nem teve razões para isso. Ora isto significa que só há bem a dizer. De resto, o desafio foi sempre fácil de arbitrar. No aspecto disciplinar não ficava mal um louvor colectivo ás duas equipas.

LUIS ALVES

NO CAMPO DO PRAGAL

O árbitro ditou o resultado

Tudo foi mau neste jogo de triste memória, desde a qualidade do futebol praticado até á arbitragem, que teve decisiva influência no resultado final. Felizmente, que raríssimas vezes o trabalho do árbitro desce a plano de tão confragedora inferioridade como aquele que se presenciou ontem, no campo do Pragal.

Somos dos que não acreditam na intenção de um árbitro ir para o campo com a ideia preconcebida de prejudicar esta ou aquela equipa. Por isso mesmo, não encontramos qualquer razão para justificar o péssimo trabalho da equipa de arbitragem chefiada por um juiz de campo com sobejas provas dadas.

Diga-se, de passagem, que o sr. Abel Macedo Pires foi, também, infeliz, porque nem sequer conseguiu dar a ideia de imparcial. Com efeito, desde o primeiro minuto, ele usou de uma impressionante falta de uniformidade de critério que beneficiava, invariàvelmente, a equipa da casa. Os seus dois maiores erros ditaram, quanto a nós, o resultado do encontro. O primeiro deu-se a 3 minutos do recomeço, quando os Montijenses carregavam no acelerador para desfazer a desvantagem de 0-2. Martins carregou o guardião adversário fora de tempo, obtendo o 3.º golo da sua equipa. Depois, foi aquele lance, dentro da grande área do Almada, em que Leal tocou no esférico com ambas as mãos, sem que o árbitro assinalasse a falta. E tudo nas «barbas» do sr. Abel Macedo Pires!...

Mas a nota de autentico ridículo deu-a ele aos 42 minutos do primeiro tempo, castigando um avançado do Montijo com deslocação quando tinha dois ou três adversários á sua frente. Caindo em si e não querendo voltar com a palavra atrás, puniu com «off-side» o jogador que tinha progredido quase desde o meio campo para centrar sobre a linha de cabeceira. Incrível... mas autentico!...

Quanto ao comportamento das equipas, devemos dizer que, embora se matingir o *bom*, foi, mesmo assim, bastante superior ao nível da arbitragem.

O Almada foi o grupo com mais garra e mais vontade no terreno, até talvez como reflexo da sua classificação na cauda da tabela. Com 3 pontos e uma carreira deveras desastrosa (DEDVDDD), necessitava de aproveitar o facto de jogar em casa para somar mais dois pontos. E aqui, talvez tivesse residido, em parte, a chave do seu triunfo.

O Montijo até á altura em que sofreu o 3.º golo, mostrou ser a equipa com mais autoridade e melhor sentido de entreajuda, com melhor toque de bola e mais «calo». Depois, entregou-se aos vaivens da sorte, melhor... do azar e pareceu conformar-se com a marcha dos acontecimentos.

Nos vencedores, agradou-nos a actuação de Rosa, Costa, Jaje e, a espaços, Adelino e Martins. Condenável a atitude de Jaime Silva que mereceu — e bem — a expulsão.

Dos vencidos, parece-nos justo destacar Anica, embora com dificuldade, por falta de pernas, em recuperar sempre que é batido, José Paulo e Mora.

FERNANDO F. GARCIA

OS JOGOS DA 2.ª DIVISÃO

TORNEIO DA ZONA SUL

O Farense consolidou a sua vantagem

Na oitava jornada do torneio da Zona Sul do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, ontem celebrada, apuraram-se os seguintes resultados:

Portimonense-Atlético	*2-3*
Estoril-U. Montemor	*5-1*
Arroios-Juventude	*1-1*
Almada-Montijo	*3-1*
Olhanense-Desp. Beja	*5-0*
Serpa-Coruchense	*5-1*
Portalegrense-Farense	*0-1*

O comportamento airoso das equipas lisboetas pode citar-se como uma das facetas desta jornada. Assim, o Atlético foi ganhar a Portimão um jogo que se antevia bastante dificil. Os alcantarenses confirmaram a sua disposição para uma subida iniciada nas ultimas saídas, estando, na verdade, a inspirar maior confiança aos seus adeptos. Mas, o Portimonense não saiu diminuido da contenda.

O Estoril surpreendeu não tanto pela vitória como pelos numeros que a ditaram. Fazer cinco golos, quando a média anterior era a de um por desafio, não pode passar despercebido.

O Arroios não ganhou. Embora não tenha perdido não correspondeu á maioria dos vaticínios, nem aos desejos dos seus adeptos. E a equipa já perdeu, em casa, três pontos...

Dos grupos algarvios, também, não há motivos para dizer mal. O Olhanense venceu bem, a redimir-se do desaire frente ao Coruchense; o Farense foi ganhar a Portalegre, embora o resultado não deixe de transparecer dificuldades; o Portimonense desmanchou o conjunto, como já se disse da cotação do adversário.

O Almada e o Serpa portaram-se muito bem, vencendo equipas—e de modo claro — que os antecediam na tabela da classificação.

O Olhanense e o Atlético galgaram um lugar cada um, com prejuizo do Portimonense, que baixou de 2.º para 4.º. O Arroios, mesmo empatando, subiu de 6.º para 5.º. O Montijo desceu de 5.º para 6.º. O Serpa melhorou consideravelmente, passando de 10.º para 7.º. O Almada e o Estoril subiram dois lugares, mas o perigo da «lanterna-vermelha» não desapareceu.

No campo do Pragal

ALMADA-MONTIJO — Um impetuoso ataque dos Almadenses que a defesa visitante desfez com dificuldade

NA PICHELEIRA

Igualdade no marcador — e no mau jogo...

O Juventude veio a Lisboa ganhar um ponto com que, decerto, não contava. Pensamos assim porque, mal obteve o golo do empate, o seu animo pareceu ser outro. Até então (e foi quase toda a primeira parte) a equipa revelara falta de convicção, filha, talvez, da quase certeza de que não poderia fazer grande coisa ante um adversário que tinha a crédito só ter perdido uma vez no seu campo, (e com o «leader» da zona) e não porque o Arroios se tivesse mostrado a tal ponto superior ou perigoso que levasse a equipa eborense a um estado de inibição que se revelasse incapaz de algum cometimento digno de nota. Porque, a verdade é que o jogo nada teve que o salvasse.

Tanto um como outro quiseram dar á partida feição que agradasse Sem pressas, com a bola a rodar rente ao solo, alguns passes bem medidos, foi assim que decorreram os primeiros dez minutos. Mas essa toada mostrava-se pouco produtiva, e não havia meio de sair dela, embora os jogadores quisessem imprimir ao jogo feição mais incisiva, mas sem o conseguirem. Quando assim sucede, não é fácil fazer mudar o rumo dos acontecimentos, no que resulta passarem-se os noventa minutos sem que se encontre a manobra ideal que dê novo aspecto ao jogo. Acontece isto em muitos encontros e foi assim este.

Salvou o jogo um pequeno período da segunda parte em que o Arroios pareceu cerrar os dentes. Atacou com energia, mas encontrou no reduto defensivo alentejano oposição forte, mau grado os oportunidades de que veio a beneficiar e que não resultaram por evidente falta da chamada sorte do jogo. Apenas, neste aspecto se podia acreditar numa vitória da equipa lisboeta, porquanto, em jogo desenvolvido, pouco mais merecimento teve que o Juventude.

Aos Eborenses cabe o mérito de terem sabido defender uma igualdade que lhes surgiu por culpa do guarda-redes do grupo da capital. A sua saída em falso permitiu o golpe de cabeça vitorioso do n.º 8 alentejano e do lance partiu a mudança bem evidente no rendimento da equipa visitante.

No período em que o Arroios lutou decididamente para forçar um resultado favorável, assistiu-se a um despique um tanto rude entre atacantes lisboetas e defensores alentejanos que deu nota de animação, mas que não chegou para criar ambiente propício a um desenvolvimento de fogo que se dissesse apreciável, pois aos dianteiros locais falhou naturalmente a sua capacidade de remate. Desse modo não era possível fazer chegar a bola ás malhas, tendo em atenção que nem todas as oportunidades se podem transformar em golo.

O árbitro, sr. Raul Filipe, de Leiria, apesar de alto e esguio, revelou falta de mobilidade, e daí, talvez, a má visão que teve nalguns lances.

EM SERPA

Aos alentejanos tudo correu pelo melhor

Previa-se que o Coruchense, nos ultimos jogos em evidência, conquistasse em Serpa um bom resultado. Equipas da mesma igualha, ambas adoptaram uma tática puramente defensiva, exteriorizando evidente receio mutuo.

Sucedeu, no entanto, que os Alentejanos alcançaram um triunfo robusto e inesperado, o que se cifrou em 5-1.

Todavia, tal desvantagem não está de acordo com a produção de jogo desenvolvido, devendo filiar-se apenas na sorte da luta, que favoreceu os locais, embora estes tivessem merecido o triunfo.

O golpe de misericórdia nas pretensões dos ribatejanos foi vibrado aos 37 e aos 39 minutos da primeira parte, quando o resultado estava em 1-1 e quando, num ápice, passou para 3-1, devido a duas grandes penalidades com que o árbitro castigou entradas irregulares dos defesas visitantes.

Foi, na verdade, como balde de água fria nos propósitos dos Coruchenses, que depois se desuniram, permitindo que quase no final da partida os Serpenses, por intermédio do antigo «internacional» Patalino, fixassem a sua vitória em 5-1.

Não há duvida de que a vitória se inclinou para a equipa que jogou melhor no ataque, mas que também teve a sorte pelo seu lado.

EM PORTALEGRE

Melhor técnica e poder físico

O resultado de um-a-zero, favorável aos Algarvios, premiou a equipa que nos noventa minutos revelou melhor constituição física e técnica mais apurada. E o Portalegrense, que esteve seguro na defesa, mas sem ligação ao ataque, não teve força suficiente para invalidar a vantagem conseguida pelo adversário.

Os primeiros quarenta e cinco minutos pertenceram aos rapzes de Portalegre. Aplicaram-se com energia e causaram sério perigo para as redes do antagonista, mas não souberam concretizar essa vantagem.

A segunda parte do encontro, porém, fez surgir um Farense a dizer-nos que não sairia sem os dois pontos ganhos nesta contenda bastante animada, em que á melhor técnica e poder físico dos Farenses os homens de Portalegre ofereceram fogoso entusiasmo. Aquelas qualidades dos Algarvios sobressairam e por isso o resultado nos parece justo.

O Portalegrense pode queixar-se de duas perdidas flagrantes na primeira parte, mas é o castigo merecido de uma preparação física insuficiente que compete remediar a quem de direito..

Temos de confessar que as estreias que o grupo local apresentou nada nos deram quanto a melhorar a equipa.

No Portalegrense, distinguiram-se, na defesa, Rosa e Augusto; a linha média pareceu não existir..., nos avançados, salientaram-se Brito, Bica e Torres.

O Farense apresentou-nos um bloco unico, só destoando o avançado-centro.

Arbitragem certa do sr. Raul Martins.

CARLOS TRAGUIL

NA AMOREIRA

Um nome de jogador: URIA

Este futebol da 2.ª Divisão raramente tem o traço especioso das partidas que figuram outros interesses. A coisa acontece como calha, ao Deus-dará, sem que o jogo, devidamente, se processe em cadeia. Na base de cada uma das equipas, existe, evidentemente, uma estrutura primária que, em regra, se reduz—e nem sempre—á colocação das peças, segundo as normas correntes do jogo ou da moda—como é o caso do 4; 2; 4 largamente utilizado pelo grupo de Montemor, de certo modo inoperante, como se lhe lê no resultado.

E' bem verdade que esta arma defensiva, como qualquer outra — mesmo as de duelo ou esgrima — se tem que disparar pelo cano e não pela coronha ou segurar pelo punho. Nunca pelo ferro como aconteceu aos seus utilizantes na partida do Estoril.

O União de Montemor dispôs as suas peças numa manobra escaquística de defesa, cautelosa e fria, mas sem preparação teórica válida para chegar, por esse processo, a construir uma muralha de pedras ou blocos permanentemente unidos.

Por outro lado—valha a verdade —na designação avançada do grupo da casa vinha escrito um nome de jogador—Uria—que nunca teve duvidas em se atirar contra a muralha e ir ao assalto, nem mesmo depois da parede ter sido reforçada pela sua cunha de passagem ou infiltração.

Aqui está um jogador que não merece confronto com certa verdura e muita quinquilharia que anda por aí na calha da 2.ª Divisão e, se ainda não foi notado ou solicitado pela cadeia dos «grandes» é porque — concluimos — os engajadores estão cegos para o que têm em casa, de tão debruçados que estão na janela dos negócios que envolvem direitos de fronteira.

Extremo de condição, Uria construiu, para os outros, lances que só perdem os inóbeis e ainda lhe ficou tempo de sobra para marcar quatro golos e dar outro que, de recarga, Andrade tirou de um «tiro» com que o numero 11 «queimou» as mãos ao guarda-redes alentejano.

Eis o que fica da história dum resultado.—A. T. da S.

EM PORTIMÃO

RESULTADO FALSO!

Com a maior casa da época, numa tarde cheia de sol, assistimos hoje ao prélio Portimonense-Atlético. De maior poder físico, a equipa alcantarense começou por querer tirar partido das suas entradas duras, que o árbitro, sr. Barulho, lamentàvelmente não reprimiu como lhe competia, e debaixo da sua complacência, dentro da grande área, o Atlético por duas ou três vezes abusou... e riu, porque o juiz da partida, a rasteiras e entradas agressivas, neste sector, marcava livres indirectos.

São estes critérios dispares, indiscutíveis por quem os não deixa discutir, que falseiam os resultados de qualquer partida que se dispute nestas circunstancias.

Não obstante este pormenor desvantajoso para os locais, todo o jogo decorreu animoso e rápido, empenhando-se o Atlético nas aberturas ás pontas e os locais, com passes curtos e habilidosos, a marcarem posição que se manteve até final do encontro, comandando, por vezes, uma partida rijamente disputada e criando inumeras situações de golo certo, mas que os dianteiros infantilmente não concretizaram.

A defesa lisboeta abusou grandemente do seu físico e outro juiz mais criterioso ter-lhe-ia dado a conhecer o amargo de dois castigos máximos e o resultado seria outro.

Apesar da Polícia ter sido reforçada com mais de algumas dezenas de guardas vindos de Faro, não se verificou, nem se tem verificado, felizmente, nesta cidade, qualquer desacato que obrigue a organização destes encontros desportivos a suportar tão grandes encargos, com um policiamento de grande envergadura.

MARTINHO MERGULHÃO

CIGARRILHAS E CHARUTOS
KAREL I
MAIS SUAVES E AROMATICOS

A esquerda, uma defesa segura do guarda-redes do Barreiro; á direita, um remate violento defendido por Braulio

NO ESTÁDIO DAS ANTAS

Em pouco tempo

o Porto construiu o resultado

A partida entre Portistas e Barreirenses foi extremamente curta, embora os noventa minutos tivessem chegado a parecer demasiado longos.

Assim acontece ás vezes, quando um dos contendores, o mais forte, resolve a contenda com algumas estocadas rápidas e o adversário não evidencia força para resistir e muito menos para replicar.

No caso de ontem, nas Antas foi isto mesmo. O F. C. Porto iniciou o encontro pensando no resultado e o seu ascendente foi, desde logo, nítido, claro, não só através da pujança de todo o conjunto «azul-branco» que evolucionava no terreno, como por mérito do próprio jogo desenvolvido.

Havia ligação entre todos os homens e sectores e, destes, o ofensivo mostrava-se pleno de incisão, cheio de querer, depressa envolvendo a baliza de Bráulio, em densa teia de ameaças. Os Barreirenses breve reconheceram que lhes seriam necessários prodígios para a defesa e multiplicaram-se no esforço e no numero deixando apenas o extremo-direito, Afonso, e José Augusto, secundador, sempre que possível, por Faia, para tentarem algumas diversões ao ataque. Todo o restante foi aplicado na labuta defensiva, chegando a ver-se sete camisolas rubro-brancas empenhadas em proteger as redes.

Apesar desta concentração, o jogo não chegou a tomar aquele carácter cerrado que o tornasse desagradável por dificultar o desenvolvimento de qualquer jogada de ordenação. Com o maior bom-senso os «azuis-brancos», seguros da sua melhor unidade e do seu maior poder, procuraram fazer correr a bola tanto quanto possível e, desta forma, nunca lhes faltou espaço para que toda a equipa jogasse, desgastando o adversário até ao momento exacto para o golpe decisivo. Esta altura chegou quando pouco passava ainda do quarto de hora e, com a rapidez dum relampago, em pouco mais de curtíssimo minuto, tudo ficou, definitivamente, resolvido, com dois golos, o primeiro de Perdigão, regressado em nível apreciável, e o segundo de Osvaldo Silva, dia-a-dia confirmado como elemento de boa valia e, sobretudo, de precioso enquadramento no estilo de Carlos Duarte e Hernani, ontem seus companheiros mais íntimos na ofensiva «azul-branca».

Com estes dois tentos tudo praticamente ficou terminado. O F. C. Porto sabia que o jogo estava decidido a seu favor e o Barreirense, por seu lado, tinha a convicção, naturalissima de que lhe restava apenas evitar o descalabro e manter réplica digna. E o que se verificou, daí por diante, foi o resultante destes dois estados de espírito compreensíveis, acentuados ainda com um terceiro golo e que serviu para assinalar a presença de Pedroto no papel de interior, posição na qual, mesmo ontem, não conseguiu ainda fruir inteiramente.

E deve dizer-se que a feição assumida por este jogo, com a defesa do Porto presa por um mínimo de dianteiros adversos, permitiu uma liberdade que alterou em muitos períodos, a formação táctica normal. Monteiro da Costa pôde frequentemente, formar duo com Lito, empurrando Pedroto a posição mais adiantada, que este talvez tenha estranhado. Daí certos sinais de inadaptação que outro jogo e outro adversário poderão corrigir, obrigando a diferente trabalho. De resto, enquanto se aplicou pela decisão, o conjunto do F. C. Porto esteve certo, com destaque para a boa forma de alguns dos seus homens.

O Barreirense teve comportamento honesto, para equipa enfraquecida por umas tantas baixas. Revelou conjunto hábil, a movimentar-se e a trocar a bola, e boa dose de animo, que lhe concedeu certa evidência no final do encontro. Mas viveu sob a noção, aliás, exacta, da sua insuficiência ante o adversário. Faia foi o seu elemento mais destacado e Bráulio também mereceu boa nota.

Mas tudo, neste encontro, se resumiu, como ficou dito, ao necessário a que o resultado se concretizasse. O que, ao fim de contas, talvez não haja sido assim tão pouco, relacionado o marcador com o tempo que verdadeiramente durou a luta.

ALBERTO LOBO

CAMPEONATO DO MUNDO DE FUTEBOL

Mais quatro finalistas

ficaram ontem apurados

Ontem, para o campeonato do Mundo de futebol, realizaram-se quatro desafios, todos eles de extrema importancia:

Bélgica-França	0-0
Costa Rica-México	1-1
Alemanha Or.-Checoslováquia	1-4
Argentina-Bolívia	4-0

Todos estes jogos eram decisivos para efeitos de qualificação para a fase final da taça «Rimet», podendo dar mais quatro países para juntar aos seis já apurados: Suécia, Alemanha, ambos de ofício, como organizador e campeão, Austria, Inglaterra, Paraguai e Brasil. O apuramento dos dezasseis finalistas ficará concluído com o Itália-Portugal de 22 de Dezembro (Milão), estando designado para 8 de Fevereiro o sorteio a fim de serem formados os quatro grupos. Vem a propósito referir que, até 30 de Dezembro, os 65 encontros realizados tiveram 3.120.000 espectadores, fornecendo a média magnífica de 48 mil por partida!

Os Franceses jogaram, no Heysel, uma cartada difícil. Precisavam absolutamente de não perder, pois, se tal sucedesse seria necessário terceiro desafio e, aí, não se sabe bem o que poderia acontecer. Os «tricolores» encaravam o encontro com algumas apreensões, mas afinal conseguiram a qualificação. No grupo 2 da zona europeia, a França obteve 7 pontos, a Bélgica 5 e a Islandia 0.

Ainda na Europa, grupo IV, deu-se o inesperado, na realidade, calculava-se que, em Leipzig, os Alemães do Oriente fossem capazes de derrotar a Checoslováquia, o que faria qualificar o País de Gales. Mas os Checos, sem duvida em fase de recuperação, não só ganharam como alcançaram «score» concludente: 4-1. Deste modo, a Checoslováquia totalizou 6 pontos, Gales 4 e Alemanha Oriental 2.

Na Europa ainda falta apurar os vencedores dos grupos III, VI, VII, VIII e IX, fazendo Portugal parte do grupo VIII, cujos ultimos desafios se efectuam em 3 de Dezembro (Irlanda-Itália) e 22 de Dezembro (Itália-Portugal). A posição actual é esta: Irlanda e Portugal, 3 pontos; Itália, 2.

Nos outros grupos são «leaders»: Hungria (3.º), Russia (6.º), Roménia (7.º) e Escóssia (9.º). Deste ultimo a Espanha é um dos componentes tendo menos 1 ponto que os Escoceses. Mas enquanto estes jogam com a Suíça, em casa, os Espanhois defrontam a Suíça, fora. A Escóssia reune pois, mais probabilidades.

Na zona da América do Sul, que

(Continua na 6.ª página)

C. U. F.-TORRIENSE — Um ataque do grupo da C. U. F. em que Barriga consegue levar a melhor sobre Fernandes numa jogada que depois foi anulada por intervenção de Hilário

EM SANTA BARBARA

Nem sempre

ganha o melhor

Há desafios que decorrem de modo tão insípido e sem o mais insignificante pormenor, que a crítica se vê em sérias dificuldades para tecer considerações á sua volta. Além disso, quanto ao jogo de Santa Bárbara, parece que não estava envolvida a importancia que a situação de ambos os clubes na tabela justificaria. Dir-se-ia isso mesmo, dada a maneira como decorreu o encontro entre torrienses e cufistas. Ninguém diria que do resultado da partida dependia, quer para um quer para outro, melhoria notável de posição.

Os locais foram, no entanto, os que melhor souberam esquematizar as jogadas, os que demonstraram melhor sentido de jogo e que com mais perfeição manobraram da defesa para o ataque. Nesse aspecto foram menos certos os Torrienses. Actuaram mais aos repelões, não deram ás suas jogadas a suavidade de pequenos toques, preferindo, como sistema, pontapear a bola para longe da baliza sem a preocupação de dar seguimento aos lances.

Os do Barreiro comandaram nítidamente a partida e tiveram períodos de tão intenso domínio que os defesas permaneceram a meio do terreno, não deixando que os adversários pudesem tentar golpes de contra-ataque.

Ao passo que os Torrienses se viam e desejavam para afastar o esférico da zona de tiro, os locais puderam quase sempre anular as jogadas contrárias, mal elas se iniciavam, não consentindo que os adversários pudessem trabalhar a bola como desejavam.

A turma da C. U. F. jogou de facto muito mais do que o grupo adverso, mas quando o árbitro deu o desafio como terminado o resultado final era favorável aos visitantes. Porquê? Porque o jogo da bola é assim mesmo e são estas surpresas que dão aos desafios todo o interesse de que eles sempre se revestem...

Faltou aos «cufistas» a chamada sorte do jogo para que o resultado fosse diferente e justificasse a superioridade evidenciada pelo grupo da outra margem do rio.

O facto dos dianteiros locais rendilharem demais as suas jogadas, demorando o remate final, também contribuiu poderosamente para o resultado verificado. Mais desenvoltura e rapidez por parte dos atacantes da C. U. F. e talvez os defensores visitantes não tivessem podido intervir eficazmente tanta vez.

O grupo torriense, justiça se lhe faça, procurou sempre jogar ao ataque e nas poucas vezes que o conseguiu demonstrou mais velocidade que o adversário.

A falta de Gama foi prejudicial para o grupo local, porque o seu substituto não estve á altura do lugar. Consentiu os dois golos que deram a vitória aos visitantes. No primeiro, abandonou as balizas tardiamente para evitar o cruzamento de Morais, dando tempo a que José da Costa pudesse elevar-se e fizesse o remate de cabeça. No tento da confirmação, em que o esférico ressaltou da barra e foi bater-lhe na cabeça, para tomar em seguida o caminho da baliza, mal se compreende a sua posição, a consentir a inesperada trajectória.

Mas não foi só a falta de velocidade que prejudicou o grupo da C. U. F. A pouca persistência dos extremos nas jogadas decisivas, influiu poderosamente no desfecho da partida.

Pedro Gomes, enquanto jogou foi bastante util, assim como Palma, Oliveira, Gastão e, com intermitências, Campos e Pireza. No Torriense, os dois defesas fraquejaram bastante e Amilcar apesar de veterano, constituiu uma barreira difícil de transpor. Forneri, sobre o fraco, embora a desarmar tivesse utilidade. Médios sem grandes rasgos e, no ataque, Morais foi o que mais vezes visou a baliza. Carcamo, que se estreou, não passou do vulgar. Não teve um companheiro que soubesse explorar as suas qualidades.

Arbitragem aceitável e decidida nas suas intervenções. A expulsão de Pedro Gomes, que a muitos pareceu severa em demasia, foi oportuna e bem assinalada.

JOSÉ MALHEIRO

O «Diário de Lisboa» vende-se em ESTREMOZ, na casa Reinaldo Luna & Irmão, Ld.ª.

● Que
técni

● E que
der,

Atendendo aos inumeros pedi
para falarmos sobre técnica e tan
alguns reparos e comentários qu
mos o objectivo exclusivo de c
damente para o maior desenvolv
português, nem sempre sejam b
didos, passaremos, doravnte, a f
onde procuraremos abordar os pr
ternacional. Não deixaremos, é l
rarmos, de tecer considerações
pareçam de importancia capital,
tópico, fazer uma apreciação suc
parte a equipa que dirigimos, s
despertar controvérsias ou interp

Embora sejamos de opinião
indicada para tão importante co
tem sido solicitado (dissertações
iremos fazer o possível para corr
bilidade dessas pessoas.

* *

A derrota sofrida pelo nosso
vado em Évora serviu, entre ou
dência quanto de ilógico e parado
certamente, a opinião de muitas
o Benfica não merecia, de form
cotejo, bem como, até, considera
equipa jogou razoavelmente. Na
se fizeram sentir com mais inte
e a clarividência, podemos dizer
e territorialmente, não actuámos
etapa derradeira, porém, por inc
fremos três tentos), os nossos ra
persistindo sòmente as mesmas
desde o inicio, e das quais se apr
tendor para conseguir o triunfo.
fesa e jogando sempre em contra
a sorte pelo seu lado, contando
trarem uma das nossas linhas d
negativo. E, assim, lograram un
mesmo tempo enganador, por n
que ocorreu no gramado. Os ven
saídos do período de abaixament
naturalíssima em qualquer equi
razoável nível de produção, mas
ainda — o que é mais desfavorá
mento efectivo de algumas peç
aquém de suas reais possibilidade
os acontecimentos, sendo, assim,
çaram-se titanicamente os nossos
de tenacidade e abnegação supri
brilhante, tendo mesmo, alguns,
defeitos de um ou outro compan
o seu próprio trabalho.

Não queremos deixar passar
mento sincero e comovido a atit
tusiasta falange benfiquista, que
tração de fé clubista e elevada
sempre acaloradamente os seus
do encontro, palavras de carinh
que, apesar de toda a sua von
cionar-lhes a legria do triunfo
bejamente o valor da massa ad
como esta que nos deixam ple
situdes, aborrecimentos e contr
ingrata profissão que abraçamo
aqueles que não se conformam
neiras o seu desagrado. Mas, fe
minoria e talvez se esqueçam,
de que esses rapazes são os me
há três anos, chegaram três vez
nato Nacional, (sagrando-se duà
2 Taças de Portugal, honraram e
e do futebol nacional no estrange
te, com estes resultados, para o
jável situação de que ele desfruta
ou incompreensão pensar que en
atletas perderam as excelentes
então...

Que os menos conformados
dam a esses rapazes um crédito
que eles fazem jus, pois não se
nimo que conseguiremos melhor
assim, que lancem as culpas co
«calcjados» e sabemos muito be
felicissima de um dos mais brili
tugueses, quando disse muito
somos bestiais, enquanto na der

E por ser nos momentos dif
é que louvamos a atitude altam
dores».

Que tão magnífica semente

a Glória diz...

assará a versar temas de

Benfica não merecia per-uito menos por 4-0...

s que nos têm sido dirigidos ém pelo desejo de evitar que aqui fazemos, embora tenha-borar sincera e desinteressa-nto e organização do futebol interpretados ou compreen-r desta secção um cantinho lemas e factos do futebol in-co, quando assim o conside-torno de assuntos que nos em tão-pouco de, no ultimo a do desafio em que tomar ferir susceptibilidades nem ações dubias.

e não somos a pessoa mais timento, como esse que nos sobre temas técnico-tácticos), onder á expectativa e á ama-

*

uadro no desafio ontem tra-s coisas, para mostrar á evi-tem o futebol. Contrariando, ssoas, somos de parecer que alguma, sair derrotado deste s que, salvo alguns senões, a meira fase, quando os nervos dade, embotando o raciocínio ue, embora superiores técnica n plano de grande realce. Na vel que possa parecer (aí so-zes exibiram-se bastante bem, has, que já se haviam notado eitou habilmente o nosso con-vencedores, reforçando a de-aques bem ordenados, tiveram da com a vantagem de encon-nsivas em dia absolutamente resultado esmagador, mas ao reflectir, em absoluto, aquilo dos, por seu turno, ainda não por que vêm passando (coisa ...), lutaram com bravura e m dia de rara infelicidade e — sem contar com o rendi-que se apresentaram muito foram impotentes para torcer ragorosamente batidos. Esfor-efensores, procurando á custa as falhas de uma fase menos ansia de procurar cobrir os iro, acabado por comprometer

em uma palavra de agradeci-e magnífica da generosa e en-uma impressionante demons-mpreensão desportiva, incitou adores, tendo ainda, no final encorajamento para aqueles , não haviam podido propor-desejado. Já conhecemos so-a do clube, mas são atitudes nente compensados das vicis-edades de que é pródiga a Evidentemente, há também exteriorizam de varias ma-nente, estes estão em grande uando apupam e invectivam, os que, trabalhando connosco m primeiro lugar no Campeo-vezes campeões), ganharam nalteceram o nome do Benfica e contribuiram, decisivamen-escimento do clube e a inve-tualmente. E seria incoerência ão pouco tempo esses mesmos nalidades que ostentaram até

os eternos pessimistas conce-e confiança e benevolência, a com inconformismo ou aesa-as coisas. E se não quiserem a nós, pois já estamos mais valiar a justiça da expressão tes jornalistas e técnicos por-iciosamente, que «na vitória a somos umas bestas»!

s que se conhecem os amigos, e elogiável dos nossos «torce-

caia em terreno árido...

OTTO GLÓRIA

NAS CALDAS DA RAINHA

Ambos mereciam perder

Se os desafios de futebol tivessem, como nos combates de boxe (salvo seja), a decisão da vitória ou do empate, dada no final da partida, por um árbitro ou por um juri, não resta duvida que seria um «bico-de-obra» a resolução do encontro Caldas-Braga, disputado ontem na cidade da rainha D. Leonor. Pela nossa parte, se isso fosse possível, davamos a derrota aos dois grupos, tão mal eles jogaram... Mas, como isso não é possível, acabamos por concordar que o *zero-a-zero* acusado no marcador está certissimo. Nem um nem outro merecia ganhar—e, portanto, o castigo do *zero* logo aplicado aos sectores atacantes dos dois grupos, é justissimo, como reprimenda á má actuação de ambos...

Tanto o Caldas como o Braga poderiam, todavia, estar hoje de parabens a cantar vitória — acentuemos—que não mereciam. A verdade, porém, é que ambos desperdiçaram boas ocasiões de golo—e só por isso é que admitimos a hipótese, mais do que possível, do marcador não ter ficado — como ficou — em branco... Realmente, Velez (num bom internamento pelo lado direito, ainda na primeira parte) e Janita (numa jogada muito semelhante á daquele, no início da segunda parte), e, ainda, Vital (pela insistência nos remates á distancia), Hidalgo (que falhou aparatosamente um remate á boca das redes e permitiu, noutro lance, que o guarda-redes lhe arrebatasse o esférico dos pés) e Callichio (com outra flagrante perdida no declinar do encontro), todos eles—diziamos—podiam muito bem ter materializado o resultado a favor de uma ou outra equipa.

*

Nenhuma delas—isto é uma ideia fixa—merecia, porém, as honras do triunfo. Nem o Caldas, que vimos ontem pela primeira vez, nem o Braga, que vimos antes, no Barreiro, nos deixara a melhor das impressões.

Ambos se confundiram no mesmo estilo de futebol movimentado, com a bola pelo ar, em arremetidas alternadas ás duas balizas, sem nexo nem conexão, aos atropelos, duma maneira que, em suma, nunca poderiamos supor que pudesse acontecer ao Sporting de Braga—á equipa que vimos actuar no Barreiro.

A ausência dos irmãos Jorge e Fernando Mendonça deve ter sido a razão principal da quebra do rendimento do onze bracarense, o que só por si—quanto a nós—não é suficiente para justificar tão visível baixa.

Preferimos acreditar que o fracasso dos Bracarenses e, até, dos Caldenses não passou duma episódica tarde cinzenta de ambos os grupos.

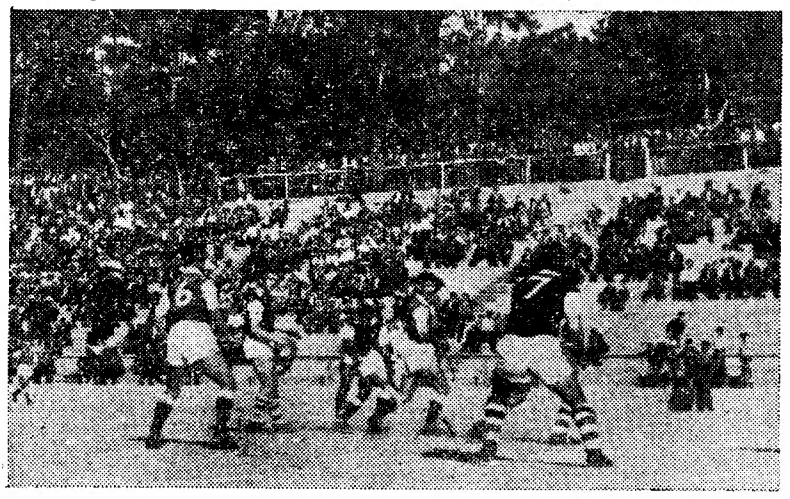
E' muito difícil, depois do que fica dito sobre a infeliz actuação dos dois grupos, quaisquer referências ao trabalho individual dos jogadores. Não podemos, todavia, deixar de citar, pelo menos três nomes: Ferreirinha, António Pedro e Passos.

Foram aqueles os elementos que mais *remaram contra a maré*, ou seja os que procuraram jogar com a bola rente ao solo, em passes bem dirigidos e com a melhor visão e sentido de conjunto.

Outros, como Velez (bastante aproveitável, pelo menos, para jogos fora de casa), José Maria, Antunes, Fragateiro, Vital e Resende deram igualmente nas vistas, mas por outro motivo: pela sua constante aplicação.

No campo passou despercebido um homem: o árbitro sr. Hermínio Soares, o que corresponde a dizer que o seu trabalho foi bom, nem do publico, sempre exigente, mereceu reparos.

HENRIQUE PARREIRÃO



O desafio Caldas-Braga foi disputado com energia e mais nada. Eis a defesa minhota opondo-se com decisão a uma tentativa de ataque dos locais, infrutífera como todas as outras. O resultado foi 0-0...

As eleições na F. P. F.

(Continuação da 1.ª página)

Ao cabo, mais uns tantos dirigentes publicamente desautorizados pelos seus clubes!...

A situação, na prática, é está: a Federação não tem dirigentes. Segue o trabalho rotineiro, criando problemas que envolvem a própria representação nacional, pois, como se sabe, dentro de menos de dois meses o «team» lusitano terá de jogar em Milão, contra a Itália, um desafio do Campeonato do Mundo. Os trabalhos de selecção e preparação da equipa não começaram nem se sabe quando começam. E a não se encontrar uma solução para a hora grave que o futebol nacional atravessa, corre-se o risco de tudo se fazer precipitadamente, sem tempo para se dar á turma das «quinas» a força de que carece para opor aos Transalpinos, naturalmente desejosos de reabilitação.

De momento, o caso oferece-se muito sério.

O presidente do congresso, certamente já conhecedor da orientação superior, fará hoje nova deligência, que bem pode ser a ultima, no sentido de arrumar o melindroso assunto do conselho de contas. Mas dando de barato que os seus esforços surtam efeito, fica a posição que devem tomar os elementos «portistas» designados para os corpos gerentes da F. P. F. e pelo seu clube convidados a não tomarem posse!...

Não custa a aceitar que se chegue, superiormente, á noção de que o autodirigismo do futebol é impossível. E terá bastado meia duzia de anos para se atingir essa percepção, de um problema que é, no fundo, de clubes. Efectivamente, parece ser que a «batalha clubista» se acentua, trazendo fortes perturbações ao futebol. O progresso e o prestígio deste, cimentado nos resultados no campo internacional das ultimas épocas, estão seriamente ameaçados, se o bom senso e a tolerancia não predominarem.

Temos a impressão de que o caso do conselho de contas acabará por se resolver e que a direcção virá a funcionar sem um dos vice-presidentes, agravando uma situação que não parece duradoura, sabendo-se que tal direcção não representa a vontade da maioria das associações, mas sim a «força» de umas tantas. De qualquer modo, o futebol nacional vive uma hora de agitação que bem merece a atenção superior, através dos órgãos para isso qualificados.

Pela nossa parte, desejamos que a paz regresse ao futebol português, que consideramos necessitar, ainda, de muito boa vontade, dedicação e competência para poder singrar na esteira progressiva ultimamente verificada.

Um avançado do Oriental tenta penetrar no sistema defensivo dos «capas negras», mas o lance será desfeito pela intervenção decidida e pronta de um jogador da Académica

EM COIMBRA

A equipa do Oriental soube dificultar *a vitória dos estudantes*

Não se esperava que em Coimbra o Oriental desse réplica tão firme á Académica. A equipa lisboeta, em especial na primeira parte, impôs equilibrio, organizando-se por vezes modelarmente á defesa.

A primeira parte concluiu com o empate de 1-1 e os estudantes obtiveram os dois golos do triunfo já no trecho final do desafio. Embora os orientalistas, no segundo período, não se tivessem creditado de agradável exibição realizada no anterior, a verdade é que se defenderam sempre com energia e inteligência, faltando-lhes apenas no ataque quem soubesse rematar e infiltrar-se melhor por entre a defesa adversária.

Já a Académica pôde dispor de dianteiros mais velozes e perigosos no remate, devendo dizer-se que Bentes e André se encontram em forma apurada, á qual não é estranha uma cuidadosa preparação física.

Apenas os interiores pecaram por não imprimirem a melhor orientação aos lances de contra-ataque. Rocha, aliás bem vigiado, prendeu-se por demais em pessoalismos.

A exibição do Oriental constituiu uma surpresa, pois, aguardava-se que o «team» lisboeta se entregasse a uma sistemática toada defensiva, falha de conjunto. Mas o certo é que soube tornear todas as dificuldades á custa de método e de calma, sendo, repetimos, apenas de assinalar que na linha dianteira não haja quem remate com mais certeza e decisão.

O desafio teve fases de modéstia, mas suscitou interesse devido á incerteza pelo resultado. O empate esteve á vista, mas nos ultimos momentos os estudantes puderam assegurar o triunfo, aliás merecido.

O Oriental dificultou enormemente a tarefa dos adversários que nos esquemas ofensivos vira mos seus esforços malogrados, em grande parte devido á inconsequente exibição dos interiores Samuel e Rocha.

Malícia soube fomentar o ataque da Académica, que dominou nítidamente na segunda parte, travando por vezes rude despique com os defesas do «team» contrário. Mas, embora mais incisivos, os dianteiros de Coimbra viram consecutivos esforços também no inêxito por mor da já referida quebra dos interiores, que têm na velocidade de execução o seu melhor triunfo. Os rasgos de André e de Bentes deram á ofensiva do quadro escolar a vivacidade e a ordenação necessárias á obtenção da vitória.

Também os elementos do reduto atrasado não feriram muito as atenções, até porque os do Oriental estiveram sempre em evidência.

Em conjunto, porém, a Académica teve clara vantagem, mas volta a notar-se que nesse aspecto igualmente o «team» do Oriental forneceu boas indicações, parecendo já menos propenso ao jogo realizado por alto e aos atabalhoados movimentos ofensivos.

Em suma: a Académica venceu com justiça, mas teve inesperadamente de haver-se com adversários voluntariosos, que constituem, nesta altura, uma revelação, pois até agora a crítica apontou-lhes várias exibições modestas.—*A. R.*

Futebol na Madeira

FUNCHAL, 28 — Os resultados dos jogos efectuados ontem nesta cidade, a favor do cofre da Associação de Futebol do Funchal, foram os seguintes: União, 3-Sporting, 1; e Marítimo, 1-Nacional, 0. —(A. N. I.).

HÓQUEI EM PATINS

O Nacional começa no sábado

Devido á estada, na Metrópole, da equipa de Lourenço Marques e ainda por as associações regionais do Norte e do Minho terem atrasado as suas competições (a do Minho continua sem indicar os seus representantes) o Campeonato Nacional de hóquei em patins começará a disputar-se no próximo sábado.

A primeira fase, denominada de apuramento, tem a participação das seguintes equipas do Norte: Boavista, Paredes, Sanjoanense, Paço do Rei, Oliveira de Azemeis, Espinho, Carvalhos, F. C. do Porto ou Estrela e Vigorosa. Na zona Sul: S. C. Caldas, S. C. Torres, C. A. Ouriense, Termas H. C., G. C. Alcobaça, Sporting Clube de Portugal, Sporting de Tomar, Minas da Panasqueira, C. U. F., Futebol Benfica, Parede, Mundet, Cascais, Campo de Ourique, Paço de Arcos e Associação de Oeiras.

Para a primeira eliminatória, a realizar no dia 2 de Novembro, estão marcados os seguintes jogos:

ZONA NORTE—Terceiro apurado do Minho contra o Boavista; quarto apurado do Minho contra o Paredes; a Sanjoanense contra o Paço do Rei; e o C. E. L. Azemeis contra a Académica de Espinho.

Os jogos da segunda «mão» realizam-se no dia 5 de Novembro nos ringues dos clubes visitantes na primeira «mão».

ZONA SUL—S. C. Caldas-Sporting de Torres; C. A. Ouriense-Termas; G. Alcobaça-Sporting C. Portugal; Sporting Tomar-Minas da Panasqueira; C. U. F.-Futebol Benfica; e Parede-Mundet.

Os jogos da segunda «mão» realizam-se no dia 5 de Novembro. Todos os encontros começam ás 22 horas.

As eliminatórias seguintes realizam-se nas datas: 2.ª eliminatória, dia 9; 3.ª eliminatória, dia 16; 4.ª eliminatória, dia 23. Os encontros da segunda «mão» são, respectivamente, a 12, 19 e 26.

Castigos a patinadores

O castigo aplicado pelo Paço de Arcos ao seu jogador Venancio Raposo, foi agravado pela Direcção-Geral dos Desportos, pelo que aquele hoquista não poderá jogar durante dois anos.

A Associação de Patinagem do Sul, após inquérito efectuado, puniu, com oito meses de suspensão o hoquista do Sporting Clube de Torres, Sarreira Pereira, por motivo de agressão a um adversário.

Campeonato mundial de futebol

(Continuação da página central)

dá três qualificados, estão todos definidos. A Argentina juntou-se ao Brasil e ao Paraguai, após uma carreira curiosa Tendo perdido em La Paz, a 4.600 metros de altitude, os «azuis e brancos» não mais foram batidos, registando-se sucessivamente triunfos por 2-0 (Chile, em Santiago); 4-0 (Chile, em Buenos Aires); e 4-0 (Bolívia, em Buenos Aires). O novo «team» de Stabile estará pois, na Suécia, preparando-se para alcançar a final, marcada para 29 de Junho, em Estocolmo (Estádio Solna)

Na zona América Central-América do Norte, novamente o México assegurou a presença na fase final graças ao empate que foi buscar ontem, a São José de Costa Rica. A Costa Rica foi a apurada do grupo 1 da zona e o México do grupo 2. No primeiro jogo, na Cidade do México, os «aztecas» venceram por 2-0. Deste modo qualificaram-se com 3 pontos contra 1 da Costa Rica.

Na zona Ásia-Africa há certa confusão. A Indonésia, apurada do grupo 1, desistiu. Israel, no grupo 2, «passou» por desistência da Turquia. E, no grupo 3 qualificou-se o Egipto, por desistência de Chipre. Por ultimo, no grupo 4 o Sudão está apurado. Vai disputar-se agora, o desafio Egipto-Sudão e o vencedor defrontará Israel para efeitos de designar um país desta zona

Neste momento, pois, há dez países apurados: Suécia Alemanha Ocidental Austria, Brasil, Paraguai, Inglaterra, França, México, Checoslováquia e Costa Rica.

Dentro de quase dois meses conhecer-se-ão os restantes: cinco da Europa e um da Ásia-Africa Praticamente haverá jogos em todos os domingos de Novembro e nos quatro primeiros de Dezembro. Repetimos: o ultimo desafio das eliminatórias será o Itália-Portugal.

Pontos perdidos

no máximo possível de 16

	Casa	Fora	Total
Sporting	—	1	1
F. C. Porto	—	2	2
Benfica	1	4	5
Académica	2	4	6
Lusitano	—	7	7
Belenenses	1	6	7
Sp. Braga	2	5	7
Barreirense	2	7	9
Salgueiros	2	8	10
V. Setubal	5	5	10
Torriense	5	6	11
Caldas	3	8	11
Oriental	4	8	12
C. U. F.	6	8	14

NA HUNGRIA

VIENA, 28 — Resultados do campeonato:

Ujpest, 3-Czepel, 1.
Szombathely, 3-Ferencvaros, 1.
Tatabanya, 1-Komlo, 0.
Dios Gyoer, 3-Szeged, 3.
Honved, 5- Pecs, 0.

Classificação: MTK e Tatabanya, 10 pontos; Czepel, Salgotarian, Ferencvaros, Dios Gyoer, Szombathely e Ujpest, 8; Honved e Vasas, 7; Pecs, 5; Szeged, 3; Komlo e Dorot, 2. — (A. N. I.).

NA SUIÇA

ZURIQUE, 28 — Terminaram com os seguintes resultados os jogos de ontem:

Bellinzona, 0-Biel, 2.
Chau-des-Fonds, 2-Lugano, 1.
Chiasso, 1-Young-Fellows, 0.
Grassopers, 5-Winterthur, 3.
Grenchen, 1-Young Boys, 2.
Lausana, 4-Uranic, 2.
Servette, 2-Basel, 2.

Classificação actual: Chiasso, 16 pontos; Young Boys, 15; Grenchen, Grasshopers e Lausana, 12; Servette, Chau-des-Fonds, Young Fellows, Lugano e Urania, 9; Basel e Biel, 6; Bellinzona, 5 e Winterthur, 3. — (A. N. I.).

Em ALCACER DO SAL, o «Diário de Lisboa» é vendido por José Maria da Silva.

OS JOGOS DA 2.ª DIVISÃO

TORNEIO DA ZONA NORTE

O Covilhã firmou a sua posição

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão teve ontem a sua 8.ª jornada. Recordam-se os resultados que se registaram:

Leixões-Spt. Espinho	*1-1*
Vianense-Vila Real	*3-0*
Guimarães-Gil Vicente	*8-0*
Tirsense-Sanjoanense	*1-2*
Peniche-Marinhense	*0-0*
«Leões»-Spt. Covilhã	*0-1*
Chaves-Boavista	*4-3*

Se a jornada anterior tinha sido fértil em surpresas, a de ontem decorreu normalmente. Com efeito, os resultados que se verificaram correspondem mais ou menos ás previsões. Onde terá havido desmentido da maioria dos vaticinios, terá sido no jogo de Santo Tirso.

O Espinho e o Marinhense, com melhor cotação do que os adversários — Leixões e Peniche — não foram além de empates, devendo notar-se que foram visitantes e isso pode ter influido no rendimento das equipas.

O Vianense e o Desportivo de Chaves confirmaram a impressão, aliás, já radicada, de que em «sua casa» redobram de valor. O primeiro venceu com clareza e o segundo bateu uma das equipas com mais sérias pretensões ao titulo, mas há três jornadas um tanto ou quanto mal encarreirada.

O Guimarães chamou a si o melhor resultado do dia ante um Gil Vicente que esta época ainda não se encontrou...

Finalmente, o jogo de Santarém, onde o Sporting da Covilhã pôde manter o privilégio da invencibilidade, num desafio que pôs a cidade em festa.

A passagem do Vitória de Guimarães, de 3.º para 2.º, por permuta com o Boavista e a subida da Sanjoanense, de 8.º para 6.º são factos a apontar.

O Peniche e o Chaves tiraram bom partido dos resultados adiantando-se aos «Leões» e ao Gil Vicente, enquanto o Leixões continua em ultimo.

Grande resultado e grande primeira parte do Vitória

No encontro de Guimarães, o Vitória não teve quaisquer dificuldades em impor-se ao Gil Vicente com um resultado largo. Os Vimaranenses tiveram o seu melhor período no decurso da primeira parte, actuando em ritmo rápido, vigoroso e eficiente, que se traduziu em 5-0 ao intervalo. Os cinco golos foram marcados no limitado espaço de dezasseis minutos, tornando-se o ataque do Vitória irresistível para os Barcelenses, desorientados desde que sofreram o primeiro tento.

A segunda parte foi menos avassaladora por banda dos locais, que acrescentaram ainda dois golos, mas não se mantiveram ao nível anterior. O Gil Vicente pôde, então, reagir, desenvolvendo alguns ataques, em dois dos quais o esférico foi repelido pela madeira das balizas. Foi, no entanto, sempre evidente que o grupo de Barcelos está distante da forma que o notabilizou na época transacta.

Novo revés do Boavista

Os «axadrezados», quebrado que foi o seu admirável balanço inicial, tardaram em recuperar o bom ritmo, tendo sorido, em Chaves, novo revés que muito os comprometeu, pelo menos, em relação ao primeiro lugar. Embora tivesse contado com o regresso de Manero, o Boavista viu-se dominado durante boa parte do primeiro tempo, concluindo com a igualdade de uma bola.

No recomeço, o aproveitamento de uma grande penalidade permitiu aos Portuenses tomar vantagem, mas os Flavienses, reagindo prontamente, repuseram o equilibrio. A luta tomou, então, enorme calor, registando-se mais um golo para cada lado e quando, na fase derradeira, o Boavista se afirmava mais ligado e mais próximo do triunfo, a sorte abandonou-o e foram os locais que acabaram por vencer á justa. Os «axadrezados» não mereciam perder, tendo em atenção o que jogaram no declinar do encontro.

Bom empate do Espinho em Matosinhos

O Leixões cedeu mais um ponto em casa, desta vez contra o Espinho, podendo considerar-se praticamente afastado da luta pelos três primeiros lugares. O empate veio confirmar o mérito dos Espinhenses, que lutaram com garra para conseguirem um bom resultado, alcançando o seu objectivo. O Leixões voltou a desiludir, só na primeira metade conseguindo algumas jogadas de melhor recorte, mas a que faltou continuidade de ataque.

O Marinhense mereceu mais do que conseguiu

A equipa da Marinha Grande, proficientemente orientada por Armando Carneiro, evidencia cada vez melhor sentido de jogo. Isso lhe valeu, agora, um excelente empate, no terreno do Peniche, sempre difícil para os visitantes. E, em relação á fisionomia do encontro, pode até dizer-se que os Marinhenses mereciam ter ido mais além, pois foram superiores em quase toda a partida, valendo aos locais o bom trabalho do seu guarda-redes Alexandre. O Peniche, contudo, teve certa justificação para o seu menor rendimento, dado que lhe faltaram alguns titulares.

Saída vitoriosa do Sanjoanense

Previa-se um encontro ardorosamente disputado em Santo Tirso, onde os locais defrontavam a Sanjoanense. De facto, assim sucedeu. Mais práticos e decididos em frente á baliza, os visitantes, a despeito do ascendente territorial pertencer, de inicio, aos Tirsenses, souberam aproveitar, da melhor maneira, as oportunidades, atingindo o descanso com a margem favorável de dois golos, o que deu intensa expectativa á luta.

Apesar de todos os seus esforços, a equipa de Santo Tirso não logrou anular, inteiramente, essa diferença, tendo de contentar-se em reduzi-la ao mínimo, através de um «penalty», pois encontrou sempre pela frente uma defesa atenta e decidida, que conseguiu segurar o resultado.

Triunfo nítido do Vianense sobre o Vila Real

O publico de Viana do Castelo não teve no jogo Vianense-Vila Real a partida que esperava. Qualquer dos contendores esteve longe de produzir boa exibição e os locais, logo que o desfecho deixou de oferecer duvidas, entregaram-se mesmo a um preciosismo de jogo que acabou por retirar á luta o que lhe restava de interesse. No entanto, o exito do grupo de Viana, por 3-0, justificou-se pelo maior domínio exercido, não obstante a réplica em que os Trasmontanos sempre se empenharam.

EM SANTARÉM

Futebol de boa marca

Resultou de boa qualidade o futebol ontem praticado no campo «Alfredo de Aguiar», com a maior assistência desta época. E' que a partida «Leões»-Sporting da Covilhã era, por variadas razões, aguardada com muito interesse. Aos «leões» da serra, cimeiros da zona Norte, que têm uma equipa perfeita, recheada de óptimos jogadores, opôs-se á dos «Leões» da capital do Ribatejo, a progredir de jogo para jogo, fazendo uma partida agradável em presença de um adversário superior.

Viu-se bom futebol, com os visitantes em melhor plano. Ambas as equipas praticaram bons esquemas e só aos 35 minutos Gabriel abriu o activo depois de uma boa triangulação dos companheiros da frente. Os locais não acusaram o toque e deram, até, boa réplica, carregando sobre a zona de perigo dos Covilhanenses. Levaram Nicolau a meter mão e o árbitro assinalou a grande penalidade. Contudo, Baptista bateu a bola por alto, a rasar o canto da baliza. Os Santarenos perderam, assim, inglòriamente, o empate.

Recomeçada a partida, notou-se franco equilibrio, jogando-se de igual para igual. Mas os Covilhanenses procuraram impor a sua melhor técnica para obter a segunda bola, que lhes daria mais tranquilidade, ao que a defesa escalabitana se opôs com o bom trabalho de Cassiels e Oliveira Martins. Os locais, no ultimo quarto de hora, construiram boas jogadas, com passagens perfeitas, causando, por vezes, panico na defesa adversária, sobretudo quando Rocha bateu a bola a um canto forçando Rita a uma defesa de grande classe. Este largou o esférico quase em cima da linha fatal e a recarga não resultou.

O encontro acabou com as duas equipas a jogarem no mesmo nivel. Venceu a melhor no conjunto da partida. Contudo, o empate estaria mais certo. Mas, a assistência saiu satisfeita porque foi uma tarde de futebol de boa marca e sem atritos, porque entre Santarém e Covilhã existem tradicionais relações de boa amizade que o futebol não diminui.

Os melhores do Sporting da Covilhã: Martin, Gabriel, Cabrita e Rita; dos «Leões»: Cassiels, Jaime, Rocha e Oliveira Martins.

A arbitragem do sr. A. Calheiros, que começou mal, melhorou com o decorrer do jogo, podendo classificar-se de regular.

A. LEITÃO

NO-NIK
A BOQUILHA ANTI NICOTINA QUE OS MEDICOS RECOMENDAM

O Sporting da Covilhã hospede da cidade de Santarém

A Camara Municipal de Santarém considerou a equipa e directores do Sporting da Covilhã hóspedes da cidade e houve recepção á caravana visitante, na sede dos «Leões», onde lhe foi oferecido um Porto de Honra, durante o qual se trocaram discursos de saudação.

As classificações

	J.	V.	E.	D.	Golos		Pontos
Covilhã	8	7	1	—	2	4	15
V. Guimarães	8	5	1	2	5	1	11
Boavista	8	5	1	—	2	10	11
Espinho	8	4	—	2	20	1	10
Marinhense	8	4	2	2	16	1	10
Sanjoanense	8	3	2	3	15	19	8
Vianense	8	2	3	3	14	15	7
Vila Real	8	2	3	3	11	14	7
Tirsense	8	3	1	4	1	19	7
Chaves	8	—	2	4	16	8	6
Peniche	8	—	2	4	7	17	6
«Os Leões»	8	1	3	4	7	16	5
Gil Vicente	8	1	3	4	9	27	5
Leixões	8	1	2	5	1	17	4

ZONA SUL

As classificações

	J.	V.	E.	D.	Golos		Pontos
Farense	8	7	—	1	16	6	14
Olhanense	8	5	1	2	22	9	11
Atlético	8	5	1	2	16	16	11
Portimonense	8	5	—	3	15	10	10
Arroios	8	4	1	3	15	13	9
Montijo	8	3	2	3	16	12	8
Serpa	8	4	—	4	16	18	8
Coruchense	8	3	2	3	13	16	8
Juventude	8	2	4	2	11	14	8
Desp. Beja	8	4	—	4	17	22	8
Estoril Praia	8	2	1	5	12	15	5
Almada	8	2	1	5	9	17	5
U. Montemor	8	2	1	5	7	19	5
Portalegrense	8	—	2	6	7	15	2

EM OLHÃO

O Beja defrontou dianteiros velozes

Os Olhanenses, no seu ambiente, começaram o jogo contra o Desportivo de Beja, que dispõe de boa equipa, com decidida vontade de ganhar rápida vantagem no marcador. Assim, imprimiram ao prélio andamento vivíssimo, mantendo-se os avançados em constante actividade. E viram os seus esforços coroados de êxito, pois na primeira meia hora obtiveram dois golos. Sucedeu que ao findar este período inicial os Bejenses ficaram privados do concurso do guarda-redes Rosa, por mor de haver sofrido uma distenção muscular.

Quando se previa que os Algarvios mais acentuassem a sua vantagem, aconteceu que os visitantes, com um guarda-redes que não lhes oferecia confiança alguma, conseguiram entreajudar-se melhor, dificultando a acção ofensiva dos Olhanenses, que até então tinham desfrutado de nítida superioridade em todos os aspectos do jogo. Conseguiram mais três golos—o desafio terminou, portanto, com 5-0 — mas no segundo período os Algarvios estiveram longe da exibição realizada na primeira parte.

NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 28 — Resultados a contar para o campeonato carioca:

Canto do Rio, 5-Madureira, 2.
Botafogo, 3-Bonsucesso, 1.
Bangu, 2-Vasco da Gama, 1.
América, 4-Olaria, 0.

Classificação actual: Fluminense e Flamengo, 24 pontos; Botafogo, 23; Vasco da Gama, 19; Canto do Rio e Bangu, 16; América, 14; São Cristóvão, 9; Olaria, 7; Associação Atlética Portuguesa, 6; Madureira e Bonsucesso, 5.

*

Ultimos resultados do campeonato paulistano:

Corinthians, 4-Botafogo, 0.
Santos, 2-Port. Santista, 2.
Jabaguara, 1-Portuguesa, 1.
Palmeiras, 3-Santos, 4.
S. Paulo, 0-Portuguesa, 4.
Botafogo, 3-15 de Piracicaba, 1:
Port. Santista, 2-Corinthians, 3.

O Corinthians é o guia, apenas com um ponto perdido. — (A.N.I.):

EM ITÁLIA

Na jornada de ontem do campeonato da Liga italiana verificaram-se os seguintes resultados:

Alessandria, 2 - Bolonha, 0
Florentina, 4 - Nápoles, 1
Juventus, 3 - Inter, 1
Milão, 5 - Atalanta, 0
Padove, 3 - Torino, 0
Roma, 3 - Lazio, 0
Sampdoria, 1 - Lanerossi, 1
Spal, 1 - Génova, 1
Verona, 3 - Udinesse, 2

A classificação actual é a seguinte: Juventus, 15 pontos; Florentina, Roma e Nápoles, 11; Alessandria, Verona e Padove, 9; Sampdoria e Lanerossi, 8; Inter, Lazio, Spal e Milão, 7; Udinese, 6; Torino, Bolonha e Atalanta, 5; Génova, 2. O Génova e o Sampdoria têm um jogo a menos. — (A. N. I.).

ASSIM COMEÇOU O SPORTING: a 2 minutos de jogo, um lançamento por Martins proporcionou a este uma fuga veloz na direcção da baliza do Salgueiros. Barrigana hesitou em sair ao lance e, quando o fez era tarde. O extremo-esquerdo «leonino» com um remate pleno de força e direcção alcançava o 1.º golo da sua equipa. Eleutério já nada pôde fazer...

Sporting-Salgueiros

(Continuação da 1.ª página)

golo surgiu aos 27 minutos), a equipa do Sporting revelou um apuro de forma técnica-táctica e uma condição física muito elevados, bem servida por elementos que provaram uma capacidade de jogo (em organização e sentido prático) de marcada influência.

E não se pense que o adversário não tentava dar réplica condigna, não procurava discutir o jogo.

*

Não cremos que a equipa do Sporting ao chegar á margem confortável de 4 golos sem resposta, tenha deliberadamente baixado de interesse pelo resto da partida.

Até porque, mesmo depois do descanso, os «leões» procuraram sempre com afinco, com interesse, atingir a baliza de Barrigana; mas, cabe salientar-se que não o faziam com a mesma clareza de processos, através da mesma manobra simples e eficiente, da meia hora inicial.

Por um lado, houve nessa mudança de nível de qualidade do jogo, certa virtude dos visitantes, que batidos já por margem que não dava lugar a ilusões, continuaram a jogar o seu jogo, manobrando num jeito lento, é certo, mas, de toada agradável, imitando o antagonista no jogo rasteiro, mas quebrando, de maneira categórica na zona de remate, por falta de poder.

Mas, quanto a nós, foi no trabalho de algumas pedras do xadrez de ambas as equipas, que residiu a razão principal da mudança do sistema de jógo.

No Sporting, Vadinho baixou sensivelmente na sua tarefa de organizador dos lances ofensivos, mantendo-se mais no seu papel de avançado-centro finalizador dos lances. Aí, a qualidade de jogo «leonino» ressentiu-se imediatamente, porque o manobrador de ataque da equipa assentava no trio Julius-Vadinho-Osvaldinho e desfeito ele, por troca do n.º 9 com Travaços, á inspiração perdeu-se.

Isto não significa que o Sporting passasse a exibir-se de maneira deficiente; simplesmente, o processo de jogo alternou-se, perdeu o ritmo anterior e, então, o adversário pôde mostrar-se mais.

*

De resto, no Salgueiros operava-se uma transformação, por virtude da melhor adaptação de Eleutério á marcação de Vasques e, porque até então, a posição muito adiantada do interior-direito «leonino» obrigava aquele jogador a actuar numa zona muito próxima da sua baliza, ficando livre todo o espaço onde normalmente devia manobrar.

Claro que o médio Eleutério, afoitando-se algumas vezes na faixa de terreno que posicionalmente lhe pertencia, criava sérios problemas á sua equipa, pois Vasques aparecia, em regra, desmarcado em frente de Barrigana.

*

Custou aos visitantes aperceberem-se da deficiência das posições dos seus homens e foi só a partir do 4.º golo que surgiu a correcção do xadrez, recuando Tito Blanco para o lado de Porcel.

E, se na zona do meio-campo passou, desde então, a verificar-se acentuado equilibrio (Porcel, mais ajudado, pôde entregar-se ao jogo com notória utilidade), o enfraquecimento de uma pedra no ataque, reduziu decisivamente as suas possibilidades.

Na verdade, o ataque nortenho teve alguns períodos em que obrigou a defesa «leonina» a empregar-se a fundo, mas faltou-lhe sempre força ou audácia para finalizar os lances urdidos com agradável sentido de manobra, especialmente depois que o n.º 4 passou a colaborar mais activamente no jogo ofensivo.

*

E' evidente que a superioridade da equipa «leonina», em qualquer das facetas por que pode ver-se uma partida de futebol, nunca esteve em duvida, nem sofreu a mais leve beliscadura.

Os lances de golo, urdidos com mestria, naquela primeira meia hora, surgiram em numero elevado (em alguns lances ficou-se com pena de o golo não ter surgido, tal a beleza posta na sua execução).

Mas deve assacar-se algumas culpas ao guarda-redes Barrigana, nos dois primeiros e quarto golos, como se pode falar em «frangada» no quinto. Realmente, no primeiro o guarda-redes hesitou em sair ao encontro de Martins e devia tê-lo feito, pois este levava a bola muito adiantada; no segundo largou o esférico rematado por Vasques e não se fez ao lance, permitindo a recarga de Vadinho; no 4.º golo, saiu em falso e tardiamente ao encontro de Hugo, que pôde tocar o esférico para Vasques fazer o golo: no quinto, o pontapé de Travaços desferido de longe e fraco, passou-lhe por entre as mãos.

Mas repita, o Sporting teve muitos lances de golo, salvos alguns milagrosamente, outros perdidos por manifesta infelicidade de Vadinho a rematar.

*

A equipa do Sporting actuou bem, mesmo descontando que o adversário não era da sua igualha. E isto quer dizer muito.

A equipa do Salgueiros terá feito exibição conforme com as suas possibilidades, cerceadas, claro, pelo respeito que necessariamente o adversário tinha de lhe infundir.

Estruturalmente, o trabalho da equipa agradou, desenvolvendo esquemas de jogo de bom nível, mas revelando carência de força e velocidade e falta de poder de remate.

Além de Vadinho, Julius e Osvaldinho, Vasques, Costa e Martins, também, atingiram bom plano. Mário, Gualdino, Porcel, Tai e Lalo, os melhores da equipa visitante.

A arbitragem do sr. Fernando Valério, de Setubal teve duas ou três falhas, de pouca importancia, o que significa que o seu trabalho se situou em bom nível.

Ouviu alguns protestos do publico da «casa», ao assinalar duas deslocações a Vasques, mas sem razão, porquanto o interior «leonino» estava, realmente, bem deslocado.

ISAAC PAIS

NA AUSTRIA

VIENA, 28 — Resultados do campeonato nacional:

F. C. Viena, 4-Krems, 0.
WAC, 1-Austria, 3.
Admira, 3-Rapid, 1.
Simmering, 3-Sturn Graz, 1.
Kapfenberg, 2-Viena, 2.
GAK, 5-Olympia, 2.

Classificação: Rapid e Sportklub, 12 pontos; Simmering, 11; Vienna, GAK e Admira, 9; Kapfenberg, Wacker e WAC, 8; Olympia, 4; F. C. Vienna, 3 e Krems SC, 1. — (A. N. I.).

PROVAS DE ATLETISMO

A presença de 500 concorrentes no "Primeiro Passo" afirma o gosto pela modalidade

O Sporting Clube de Portugal, com mais uma organização perfeita a denotar a sua simpatia pela modalidade, quer no capítulo participação, quer no aspecto de organização de torneios, está, de novo, de parabéns, pois conseguiu alcançar o seu propósito firmado já noutras epocas.

O torneio «O Primeiro Passo» agradou plenamente a «gregos e troianos». Isto é, todos os sectores do atletismo portugues devem estar satisfeitos com o que se viu nas pistas do Estádio de Alvalade, onde actuaram nesta primeira ronda mais de meio milhar de jovens concorrentes.

O Sporting Clube de Portugal pode e deve estar orgulhoso de ter organizado um torneio da envergadura daquele que ontem se realizou no seu ambiente.

Para alem do êxito da reunião, há, portanto, pontos de vista importantes a focar e apreciar, factos que não podem passar despercebidos. Este trabalho, por sinal louvável a todos os títulos, apesar das sua vicissitudes, que de domingo a domingo, os clubes, com as suas organizações para sócios e simpatizantes, vêm mantendo, teve agora neste torneio de carácter especial a confirmação dos valores descobertos.

O torneio «O Primeiro Passo» é, na verdade, uma peneira que serve para separar o «trigo do joio» e que, sobretudo, indica aos responsáveis dos conjuntos de cada clube as possibilidades futuras nesta ou naquela categoria.

Como se sabe, a maior parte, vamos lá, a totalidade dos jovens que apareceram nas pistas de Alvalade, não são mais do que os elementos que os clubes «localizaram» no decorrer dos seus torneios internos e que fizeram inscrever nas suas filiais. Uma «porta aberta» do Regulamento da Competição a permitir devaneios...

O programa do torneio delineado e de acordo com as directrizes da categoria dos concorrentes completa a obra das chamadas competições para sócios e simpatizantes.

De resto, diga-se em abono da verdade, que as provas que se indicaram (80, 250, 750 e 2.000 metros; peso, altura e comprimento) não são mais do que a base para a apreciação do valor e das qualidades dos «examinandos» que são, assim, postos á prova pela primeira vez, oficialmente.

Nesta primeira ronda, na qual não havia provas-finais, pois devido ao elevado numero de inscritos (586) só se realizaram eliminatórias, oitavos e quartos de final, já se revelaram alguns nomes, principalmente os inscritos pelos clubes Sport Lisboa e Fanhões, Sporting Clube Chamusquense e C. F. «Os Bucelenses».

Destes aponte-se, por exemplo, Adelino Rodrigues, Alberto Pereira, José Vaz Guedes, António Matos, Sotero Ramos, António Rolo, Gustavo Meneses, Manuel Oliveira, Jaime Candeias, António Vilar, Ilídio Dias, António Ferreira da Costa, Fernando Santos, Joaquim Ferreira Nunes, José Henriques, Fernando Silva, Fernando Matos, Narciso Camarão, Fernando Silveira, Nuno Fragoso, Alfredo Varela, José Augusto, José Justino e Manuel Aldegalega.

O melhor atleta, isto é, o mais rápido na corrida de 80 metros, foi o representante do clube do Intendente, Eduardo Relva Santos, que fez 9,8 s.

O concorrente que mais se distinguiu na corrida de velocidade prolongada—250 metros—foi Alberto Pereira, do Sporting Chamusquense, que fez 32 s.

Nos 700 metros, o melhor tempo pertenceu a um representante do Bucelenses, José Henriques, que fez 1 m. 51,8 s.

As provas mais fracas foram as dos saltos, principalmente em altura. No comprimento Fernando Silva, do Sporting Chamusquense, obteve 5,59 metros.

Na corrida de meio-fundo, Alfredo Varela, também do Bucelenses, obteve a melhor marca, gastando 6 m. 8 s.

As marcas obtidas nesta ronda e que se aproximam dos «records» são os 80 e 2.000 metros.

«Os records» do «Primeiro Passo»

80 m. — António Faria e Florindo dos Anjos (S. L. O.), Hugo Costa (S. T. V.) e Valentim Baptista (A. A. S.), 9,4 s.

250 m. — Lóon de Castro (S. L. O.), 30,6 s.

700 m. — Luís Adonis (C. F. B.), 1 m. 47,4 s.

2.000 m. — Amadeu Pinheiro (S. L. O.), 6 m. 7,4 s.

Altura — J. Lagoa (E. A.), 1,70 m.

Comprimento — José Costa (S. L. O.), 6,44 m.

Peso — Manuel Carvalho (S. C. F.), 13,49 m.

Registe-se que destes dez campeões, cinco deles — António Faria, Florindo dos Anjos, Valentim Baptista, Léon de Castro e Amadeu Pinheiro — são hoje atletas de categoria firmada «recordmens» de Portugal em várias especialidades.

Vasques foi o melhor marcador da jornada

O internacional leonino Manuel Vasques que, desde as jornada anterior, comanda a tabela dos marcadores, confirmou, na de ontem, as suas qualidades de rematador, obtendo três golos dos cinco-zero da partida de Alvalade.

O belenenses Matateu, seu directo perseguidor, a despeito de somar mais um golo ao seu activo, encontra-se, neste momento, a quatro «pontos» de Vasques, em posição conjunta com o académico André que, na partida de Coimbra — ainda que tenha falhado um «penalty» — obteve dois golos para a sua equipa.

O lugar de Vasques, de resto, condiz com a posição da sua equipa, a que tem mais golos marcados.

Neste momento a classificação é a seguinte:

Vasques (Sporting)	**11**
Matateu (Belenenses) ...	**7**
André (Académica)... ...	**7**
Teixeira (Salgueiros) ...	**6**
Águas (Benfica)	**5**
Jacinto (V. Setubal) ...	**5**
Hernani (F. C. Porto) ...	**5**
J. Augusto (Barreirense)	**5**
Hidalgo (Sp. Braga) ...	**5**
J. Pedro (Lusitano)... ...	**5**
Tito (Belenenses)	**5**
Travaços (Sporting)... ...	**5**

Por clubes temos:

ACADÉMICA — André (7).
BARREIRENSE — José Augusto (5).
BELENENSES — Matateu (7).
BENFICA — Águas (5).
BRAGA — Hidalgo (5).
CALDAS — Vital e António Pedro (3).
C. U. F. — Gastão, Arsénio, Campos e Pedro Gómes (2).
F. C. PORTO — Hernani (5).
LUSITANO — José Pedro (5).
ORIENTAL — Garófalo (2).
SALGUEIROS — Teixeira (6).
SPORTING — Vasques (11).
TORRIENSE — Coelho (2).
V. SETUBAL — Jacinto (5).

LEIA O sempre fixe

LORRAINE CRAPP, a famosa nadadora australiana, campeã mundial de velocidade, fez agora na Itália uma série de exibições, patenteando mais uma vez a sua grande classe

AUTOMOBILISMO

O «Rallye» de S. Martinho

No dia 10 de Novembro, o Arte e Sport levará a efeito, pela 7.ª vez, o «Rallye» de S. Martinho—prova de regularidade absoluta. Realizar-se-á também uma prova de perícia, cujo esquema só será conhecido á hora do começo do «rallye». Disputar-se-ão, além de vários prémios particulares, doze taças de prata. Para premiar o espirito de equipa, atribuir-se-ão ainda taças aos acompanhantes dos três primeiros classificados; e taças para a senhora e estreante melhores classificadas. Está prevista uma classificação por equipas de clube, sendo estas constituidas por quatro concorrentes.

Encerrou-se hoje a inscrição para o «Rallye» Nocturno

Termina hoje, ás 23 horas, nas sedes do Sporting e do F. C. Porto, o prazo para a inscrição no «Rallye» Nocturno, incluido no campeonato nacional de condutores.

Os mil quilómetros do Benfica

O Benfica levará a efeito, nos dias 23 e 24 de Novembro, uma prova para automóveis denominada «Os mil quilómetros do Benfica», a contar para o campeonato nacional de condutores. Média horária 50 quilómetros.

A ARGENTINA

no campeonato do Mundo

SÃO PAULO, 28 — A Argentina ficou apurada para disputar o campeonato mundial de futebol de 1958 ao derrotar a Bolívia por 4-0, num encontro disputado nesta cidade. Ao intervalo, 1-0. — (A. N. I.).

FUTEBOL INTERNACIONAL

A Taça da Europa

e os problemas da selecção de França

Os problemas do futebol assumem em toda a parte, aspectos que não se coadunam com a ideia desportiva. O mal é geral ou generaliza-se e as suas consequências não são fáceis de prever. Na organização da Taça da Europa (ou dos campeões europeus) entrou, também, a intolerancia e os seus reflexos estão á vista: a primeira «mão» do oitavo de final Young Boys-Vasas, respectivamente, campeões da Suiça e da Hungria, não se realiza na Confederação Helvética por que as autoridades não permitiam, ou consideravam inoportuna, a presença dos Hungaros no seu território. O jogo foi marcado para a cidade alemã de Estugarda, onde se disputará na sexta-feira, 1 de Novembro. A segunda «mão» será, porém, efectuada em Búdapeste, o que, desde logo, coloca os Magiares em plano vantajoso, sem que, aliás, a culpa seja deles. A verdade é que o desporto sofre tratos de polé...

Já se conhecem as datas de mais dois oitavos de final: Royal Antuérpia-Real Madrid, 31 de Outubro e 28 de Novembro, em Bruxelas e Madrid. Tennis Borussia-Bucarest, em 29 de Novembro e 8 de Dezembro, em Dortmuno e Bucareste.

Quanto ao desempate Rapid-Milão está designado para depois de amanhã, em Zurique, mas os Italianos «refilaram» alegando que um jogo nocturno naquela cidade suiça atrairá pouco publico.

*

Os Ingleses começam, embora lentamente, a debruçar-se sobre os novos problemas do jogo que eles regulamentaram. Desde há muitos anos que se tenta oficializar a substituição de jogadores em desafios de competição, mas essa campanha tem encontrado a mais firme oposição dos Britanicos. Ainda recentemente eles se opuseram na «International Board», á vontade da maioria das Federações filiadas na F. I. F. A.

Ultimamente, mais algumas vozes de elementos de além-Mancha se fizeram ouvir no sentido favorável ás substituições. Raich Carter, que foi dos melhores interiores britanicos, e é agora técnico reputado, tornou publico a sua posição favorável, parecendo que o acolhimento não foi mau... E' possivel, pois, que a medida acabe por ser adoptada, mais tarde ou mais cedo, e não surpreenderá que nessa altura, sejam os Ingleses os mais radicais...

*

Em França, o caso da equipa nacional está a ser objecto de largos estudos da Imprensa da especialidade. Segundo a revista «Miroir-Sprint» a selecção «tricolor» perdeu personalidade e estilo desde a saída de Kopa e a baixa de forma do Reims. O nosso confrade defende a ideia de que se disponha para o «team» da ossatura de uma equipa de clube, mas para tal é necessário: definir claramente o estilo colectivo que se deve imprimir á turma da França; designar os jogadores em função das suas possibilidades de adaptação a esse estilo colectivo e da sua real classe, manifestada através de vários desafios e não de um só. Só assim, conclui o articulista de «Miroir-Sprint», será possível fixar as bases racionais para a criação da verdadeira equipa francesa.

*

Indiferente a outras razões que não sejam desportivas, alguns clubes esforçam-se por manter largas relações com equipas de outras nacionalidades. O Ujpert, conhecido clube de Budapeste, convidou o Barcelona para disputar ali um jogo, no dia 19 de Novembro. Se o grupo catalão aceitar o convite (e for autorizado) será a primeira turma espanhola a exibir-se na Hungria depois de mais de 25 anos.

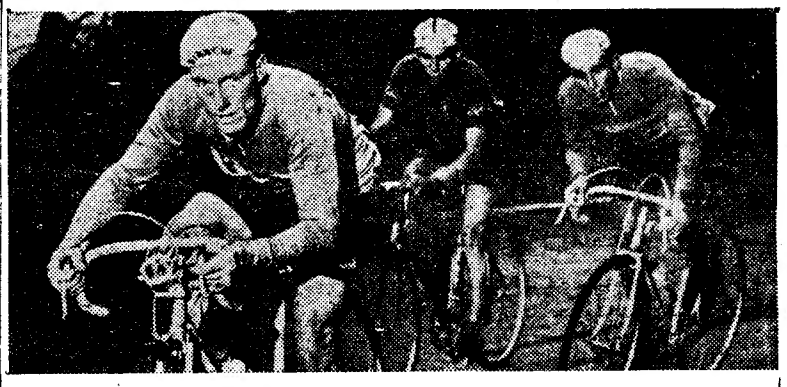
*

Nota final, para amenizar. Durante o desafio Dinamarca-Irlanda (0-2) a contar para o campeonato do Mundo, em Copenhague, foram lançados mais de 300 quilos de batatas para o campo, em sinal de descontentamento do publico local.

NO URUGUAI

MONTEVIDEU, 28 — Resultados do Campeonato Nacional de futebol:

Nacional, 2-Danubio, 0.
Liverpool, 1-Peñarol, 0.
Fenix, 3-Rampla Juniores, 1.
Cerro, 3-Defensor, 3.
Wenderers, 0-Racing, 0.



A VOLTA DA LOMBARDIA foi o ultima grande prova internacional da época velocipédica de 1957. Ganha pelo italiano Ronchini, teve duas «vítimas» de muita categoria: os franceses Darrigade, que fora o vencedor de 1956, e o «fenómeno» Anquetil. Os italianos Monti, Ronchini e Cestari, que a gravura nos mostra, foram os artifices do excelente triunfo transalpino

EM ESPANHA

A 7.ª jornada do Camponato de Espanha da 1.ª Divisão forneceu, ontem os seguintes resultados:

Real Sociedad, 2 - Jaen, 0
Atlético Bilbau, 3 - Valência, 2
Espanhol, 2 - Granada, 1
Gijon, 3 - Barcelona, 2
Atlético Madrid, 4 - Saragoça, 2
Las Palmas, 0 - Real Madrid, 0

Não se efectuaram os encontros Valhadolid Sevilha e Celta - Osasuna.

A classificação ficou assim ordenada: Real Madrid, 12 pontos; Atlético de Madrid, 10; Espanhol, 10, Bercelona, 9: Osasuna, 8; Celta, 7; Atlético de Bilbau, 7; Sevilha, 6; Jaen, 6; Real Sociedad, 6; Saragoça, 5: Granada, 4; Valência, 3; Valhadolid, 2.

Os clubes Celta, Atlético de Bilbau, Sevilha, Real Sociedad, Granada, Gijon, Valência e Valhadolid têm um jogo a menos.—(A. N. I.).

GINCANAS

em Vila Franca de Xira

No dia 1 de Novembro, uma comissão de sócios do União Vilafranquense promove duas gincanas, uma para «scooters» e outra para automóveis. Foram instituidos valiosos prémios.

O 39.º ANIVERSÁRIO

do Lisboa Ginásio Clube

Na próxima segunda-feira, realiza-se o jantar de confraternização integrado no programa das comemorações do 39.º aniversário do Lisboa Ginásio Clube.

RAMIN

naturalizou-se português

Conforme despacho publicado no «Diário do Governo», foi concedida a nacionalidade portuguesa ao guarda-redes do Belenenses, Orlando de Carvalho Ramin.

A marcha do campeonato

Está vencida a oitava jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, na qual se apuraram os resultados que, a seguir, relembramos:

Sporting Salgueiros...	5 - 0
Belenenses V. Setubal	2 - 1
Lusitano Benfica...	4 - 0
Académica Oriental	3 1
C. U. F. - Torriense	1 - 2
F. C. Porto - Barreirense... ...	3 0
Caldas - Spt. Braga...	0 0

Desta vez, veio de Évora a surpresa da jornada. Quebrou-se a força da tradição e o Benfica perdeu. Mas, em boa verdade, se tivermos em conta que o Lusitano tem feito tropeçar as melhores equipas, o que mais espanta é, ainda, a expressão do resultado. E' certo que o Benfica não perdeu o seu 3.º lugar, mas o seu atraso, em relação aos que o antecedem passou a ser de molde a causar apreensões.

A segunda referência, neste breve relance, é devida ao Sporting: sétima vitória sem consentir golos é, na verdade, uma proeza. O Belenenses, também triunfou, embora com a dificuldade que do resultado (2-1) transparece. E o Torriense deu-se ao luxo de uma vitória no campo do adversário—a primeira nestas condições.

Das equipas lisboetas só o Oriental não pode vencer. Mas, o seu desaire não chega a surpreender.

Analisada, num ápice a actuação das equipas da capital, nesta jornada em que a cada uma delas coube defrontar um grupo de outra região, temos que só o Benfica não correspondeu ao que dele se poderia esperar. Dos dez pontos ao seu alcance, Lisboa obteve seis, deixando quatro á província.

Para o Caldas, a 8.ª jornada deixa a recordação do primeiro empate feito pela equipa.

Dos resultados de ontem surgiram algumas alterações na ordenação dos concorrentes. A primeira é a do Lusitano, que antes 6.º e, agora, está em 5.º. O Belenenses aparece-nos em 6.º, quando antes era 8.º; O Sporting de Braga baixou de 5.º para 7.º; o Barreirense passou de 7.º para 8.º; o Torriense aparece em 11.º e antes era 13.º; o Caldas caiu de 11.º para 12.º; e o Oriental, de 12.º para 13.º.

A direcção do Sporting recebeu cortezmente os dirigentes do Salgueiros. Unem os dois clubes fortes elos de amizade, que exemplarmente procuram cultivar. No Estádio de Alvalade, durante o desafio, que decorreu com impecável correcção, a direcção do Sporting solicitou ao publico que acarinhasse e aplaudisse os briosos atletas do popular Salgueiros, e tal pedido foi secundado com entusiasmo. Na gravura: o presidente do clube leonino, Casal Ribeiro, rodeado pelos dirigentes salgueiristas, na formosa e impressionante sala dos trofeus sportinguista

	EM CASA						FORA						TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	B.	B.	J.	V.	E.	D.	B.	B.	J.	V.	E.	D.	B.	B.
Sporting C. P.	4	4	—	—	16- 0	8	4	3	1	—	12- 3	7	8	7	1	—	28- 3	15
F. C. Porto ...	4	4	—	—	13- 1	8	4	3	—	1	4- 4	6	8	7	—	1	17- 5	14
Benfica	4	3	1	—	15- 2	7	4	2	—	2	8- 7	4	8	5	1	2	23- 9	11
Académica ...	4	3	—	1	10- 3	6	4	2	—	2	8- 9	4	8	5	—	3	18-12	10
Lusitano	4	4	—	—	16- 4	8	4	—	1	3	2- 7	1	8	4	1	3	18-11	9
Belenenses ...	4	3	1	—	10- 6	7	4	1	—	3	6- 9	2	8	4	1	3	16-15	9
Braga	4	3	—	1	9- 8	6	4	—	3	1	2- 4	3	8	3	3	2	11-12	9
Barreirense ...	4	3	—	1	11- 6	6	4	—	1	3	2- 8	1	8	3	1	4	13-14	7
Salgueiros ...	4	3	—	1	13- 6	6	4	—	—	4	3-18	0	8	3	—	5	16-24	6
Vitória F. C.	4	1	1	2	5- 9	3	4	1	1	2	4- 9	3	8	2	2	4	9-18	6
Torriense	4	1	1	2	2- 5	3	4	1	—	3	4- 6	2	8	2	1	5	6-11	5
Caldas	4	2	1	1	5- 2	5	4	—	—	4	5-17	0	8	2	1	5	10-19	5
Oriental	4	1	2	1	4- 4	4	4	—	—	4	2-17	0	8	1	2	5	6-21	4
C. U. F.	4	1	—	3	7- 9	2	4	—	—	4	3-18	0	8	1	—	7	10-27	2